

REVISTA

DA SEMANA

N. 7 16-2-57 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

O INFERNO
PRIVADO DE
AVA GARDNER

JOÃO RODRIGUES FALA SÔ-
BRE O TEATRO BRASILEIRO

CONDENADO A MORTE CAMINHA PARA A CADEIRA ELÉTRICA



REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 7 — Rio de Janeiro — 18.2.1957

DIRETOR
Helle Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Enaida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Labe, Gilson Campos, Hermanno Nêbro Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Joff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMARIO

REPORTAGENS

Estourou a guerra civil na U. D. N.	4/8
Hierarquia dos cães de sangue azul	24/25
Agem os falsos e os verdadeiros empresários	26/28
Ilda Garavaglia	30/34
Em São Paulo todos querem a Prefeitura	36/37
O inferno privado de Ava Gardner	38/41
Nelson Rodrigues	43/45
O Brasil recebe uma embaixadora	56/57
Personagens da vida brasileira	58/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratullano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDERÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardine — Rua Capitão Salomão, 89
Fones: 34-1569



◆ CAPA — Ilda Garavaglia, uma das moças que se transformaram em notícia. Charmosa, simpática, inteligente, glamorosa e mais do que isso, jovem e bonita. Vejam reportagem de Carlos Lemos à página 30. (Eck-tachromes exclusivos de Yllen Kerr).

ROCK AND ROLL

◆ Está havendo muito exagero nas proibições contra o rock and roll. É um erro se proibir que meninos de menos de dezoito anos dançam essa alucinada mixórdia. Garanto que se não tivesse havido tanto anúncio, tantas pregações, tantas notícias sobre essa dança, nossa juventude lhe ficaria indiferente. Não haveria delírios coletivos; apenas desvarios individuais, inevitáveis. Muito antes do rock and roll chegar até nós, já havia casas anunciando que em Londres acontecera isso, nos Estados Unidos aquilo, na França aquilo outro; estranhas fotografias apareciam diariamente nos jornais: móveis quebrados, cabeças partidas, cassetes em ação, luta de meninos com a polícia, um delírio tomando conta de corpos enquanto a Lei declarava guerra e mandava seus soldados para combatê-la.

◆ Numa casa de discos em Copacabana havia um cartaz muito bonito. Ao fundo via-se a Torre Eiffel e em fotomontagem casais dançavam nas ruas, brigavam com agentes fardados, quebravam móveis. Grandes letras perguntavam: «o que farão os moços brasileiros com o rock and roll? Em Paris foi assim...» Ora, mais do que um anúncio, esse cartaz era um desafio: «— Como é, moçada? vão ficar moloides diante do rock and roll? Vejam o que ele anda fazendo no mundo!» Está claro que nossa juventude topou a provocação e aderiu à loucura universal. (Será mesmo universal?) Os psicólogos — Mira y Lopez, por exemplo — deviam ser ouvidos para explicar, além da propaganda, quais as razões dessa paixão dos jovens pela dança americana. Explicar e traçar maneiras de afastá-la de nossa mocidade, sem as proibições prejudiciais. Prejudiciais sim, porque dizer a um jovem autoritariamente que não faça isto ou aquilo é quase levá-lo a agir não como devia, mas como quer.

◆ Pessoalmente creio que esse delírio pelo rock and roll é somente macaqueação e que se não fossem as proibições ele passaria como um fogo de palha. Mas assim como vão as coisas, juizes dizendo que não, chefes de polícia proibindo, etc., creio que caminhamos para o aumento do delírio e teremos mais cadeiras quebradas nos cinemas, meninos de blue jim e meninas também assim vestidas com palavras em inglês atravessadas nos bustos, exibindo delírios dançantes sob a luz do sol ou a bênção das estrelas. Deixemos nossos jovens dançar; creio que essa deve ser a palavra de ordem. Querem remexer corpos com mambos, rumbas, etc? ótimo. Querem pular, levantar pernas, tremer etc., com o rock and roll? Então façam. Dançam a pavana ou o samba, o fox ou o maxixe, o que quiserem. Nada é proibido porque nada pior para a juventude do que a proibição. Os papais e as mães dos dançarinos precisam ter tática especial — se é que também não haja muitos papais e mães em pleno rock and roll — e se a mania tomar características mais sérias, então o dever é levar o dançarino a um psiquiatra. Proibir não.

Para que criar a guerra da juventude em defesa do rock and roll?

ENEIDA



CARLOS LACERDA

Ameaça incendiar o partido como na convenção de 55. Tem prestígio eleitoral e joga com êle. Quer ser vice-líder na Câmara e não há nenhuma razão para que não seja. Mas os que se opõem a êle, têm medo da sua excessiva combatividade.

EXPLODIU A GUERRA CIVIL NA U.D.N.



AFONSO ARINOS — Cauteloso, eficiente, bom observador, combatido pela «banda de música». É acusado de não ter os ódios exigidos pelo partido para ser um bom dirigente. Se pertencesse ao partido comunista já teria sido obrigado a fazer auto-crítica. Pertence a ala moderada, que inclusive poderá chegar a um entendimento com o governo, não em troca de cargos, mas de um programa de reformas. Na próxima convenção deverá ser eleito para a presidência da Comissão de Justiça.

TODOS QUEREM POSTOS (DE SACRIFÍCIO) DENTRO DO PARTIDO — INVENTAM FÓRMULAS, MUDAM O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS, MAS A CRISE PERMANECE CRISE — ADERIR OU NÃO ADERIR, EIS A QUESTÃO — PELO MENOS NUM CASO (PRESIDÊNCIA) A CRISE FOI CONTORNADA, E O SR. JURACI MAGALHÃES JÁ PODE SE CONSIDERAR ELEITO — CARLOS LACERDA QUER A VICE-LIDERANÇA — PRADO KELLY E AFONSO ARINOS CONTRA O GRUPO DOS INTRANSIGENTES — OS DEZ GRANDES NUMA LUTA TERRÍVEL — E COMO SEMPRE, O PARTIDO PERDE SUBSTÂNCIA.

UDN



BILAC PINTO

◆ O deputado mineiro é candidato a liderança da Câmara. Seu nome foi lançado pelo sr. Aliomar Baleeiro. Mas as dificuldades encontradas vêm descontentando o chamado grupo golpista, que vê nessas dificuldades, manobra do antigo grupo colaboracionista, hoje oposicionista anti-golpe. Já acenaram ao sr. Bilac Pinto com uma das vice-lideranças, mas isso ele acha muito pouco para a sua importância. «A liderança ou nada», é a sua proposta. «Nada», respondem os seus adversários.



ADAUTO LÚCIO CARDOSO

◆ No momento o sr. Adauto só tem um objetivo: impedir que o sr. Carlos Lacerda (de quem se diz amigo fervoroso) cresça dentro do partido. E todas as suas manobras e movimentos levam esse endereço: tirar a vice-liderança (ainda não conquistada) do diretor da «Tribuna». Mas os próprios elementos moderados não se assustam com o oposicionismo feroz do sr. Carlos Lacerda. E citam casos semelhantes (dentro do partido), de coexistência pacífica entre MODERADOS e EXALTADOS.

EXPLODIU a guerra civil na UDN. O partido do brigadeiro, da eterna vigilância, e da união nacional, enfrenta tremenda crise. Os

grupos, as alas e as sub-alas, em formação de combate, avançam, procurando conquistar as melhores posições, empolgando cargos e en-

cargos. As aparências foram abandonadas, a tensão (que já vem de muito tempo) chegou ao auge, todas as conveniências foram aban-



JURACI MAGALHÃES

◆ Vencidas todas as dificuldades, o líder baiano será o presidente do partido. Uma escolha acertada, capaz de harmonizar as diversas tendências e grupos em que se dividiu (ameaçadoramente) a UDN. Dominando com segurança (por experiência própria) a técnica do COLABORACIONISMO e da OPOSIÇÃO SISTEMÁTICA, o sr. Juraci Magalhães está em condições de conversar de igual para igual com os dois lados. E' evidente, a sua enorme superioridade sobre o inexpressivo sr. Prado Kelly.



ALIOMAR BALEEIRO

◆ Já foi o líder mais graduado da «banda de música». Toda a linha oposicionista contra Vargas foi derivada de sua ação. E' um homem terrível. Está meio desencantado, achando que enquanto ele e mais uns poucos se lançam a luta de peito aberto, alguns outros apenas se aproveitam. Se resolver tomar parte ativa na convenção, o negócio vai ficar meio perigoso para alguém. Queimado, é capaz de lutar sozinho contra tudo e contra todos, sem olhar as consequências.



MÁRIO MARTINS

◆ Beneficiário de uma manobra visando afastar o sr. Carlos Lacerda de seu alvo atual (uma das vice-lideranças), o sr. Mário Martins vai acabar secretário geral do partido. E' um udenista sincero, combativo, mas sem grandes habilidades políticas. Articulações, coordenações, combinações, não são com ele. O seu jeito de fazer política é ir para a tribuna e ficar sempre contra o governo. Seja ele qual for. E' um udenista típico, e jamais se daria bem em outro partido.

PARTICIPE DA CONSTRUÇÃO DO METRÔ CARIOCA

**ADQUIRA AÇÕES
DA COMPANHIA
DO METROPOLITANO
DO RIO DE JANEIRO**

Cariocal Cerremos fileiras em torno desta grandiosa obra. O Metrô Carioca é auto-financeável e com suas próprias rendas pagará a sua construção. A sua ajuda é indispensável para a execução mais rápida deste notável empreendimento. O Metrô não é obra municipal. Será construído pelo público, que receberá os lucros de sua exploração. Os editais de concorrência para a construção serão publicados no Brasil e no estrangeiro. Chegou o momento de sua ação! Aplique bem o seu dinheiro, adquirindo ações da COMPANHIA DO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO, de valorização garantida e de alto rendimento.

A VENDA NOS SEGUINTE LOCAIS:

BANCO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL S. A.

IMPAR — COMPANHIA LANÇADORA DE AÇÕES

Rua São José, 90 — 4.º andar — Tel. 22-9978

COMPANHIA DO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO

Avenida Nilo Peçanha 12 • Loja • Telefone 22 0971

donadas, e só os interesses pessoais, continuam intactos e inatingidos.

A crise na UDN já é crônica. Quando o brigadeiro Eduardo Gomes foi lançado candidato pela segunda vez, quase que o partido desmoronava, pois os mais lúcidos, compreenderam claramente que a batalha eleitoral estava perdida. Mas quem ousasse afirmar isso dentro do partido, tinha que se haver logo com a intransigência do sr. Prado Kelly que não perdia oportunidade para fazer «média» com o brigadeiro. Algumas outras das chamadas «eminências pardas» do partido, também estavam convencidas da derrota, mas nada de concreto se fazia, e o partido marchou para a derrota, tranquilo e resignado. Depois da eleição, a crise explodiu, mas os mais calmos contornaram a situação. Veio o 24 de agosto, a nova eleição (agora com Juarez como candidato), o 11 de novembro e o partido perdendo sempre. Já agora não só acumulando derrotas eleitorais, mas perdendo até no campo militar, que parecia a grande fortaleza da UDN.

Agora, coincidindo a renovação da direção partidária, com a escolha dos líderes na Câmara e Senado e os presidentes das comissões importantes, o partido se agita, e nova guerra civil ameaça devorá-lo.

Alguns chefes eleitorais juram que tomarão de qualquer maneira a direção partidária, a fim de imprimir à organização partidária um sentido mais realista (levando-o até se for o caso a colaborar com o governo) e abandonando o ar «absurdamente intelectualizado», que

no dizer de alguns tem levado o partido a tantas derrotas.

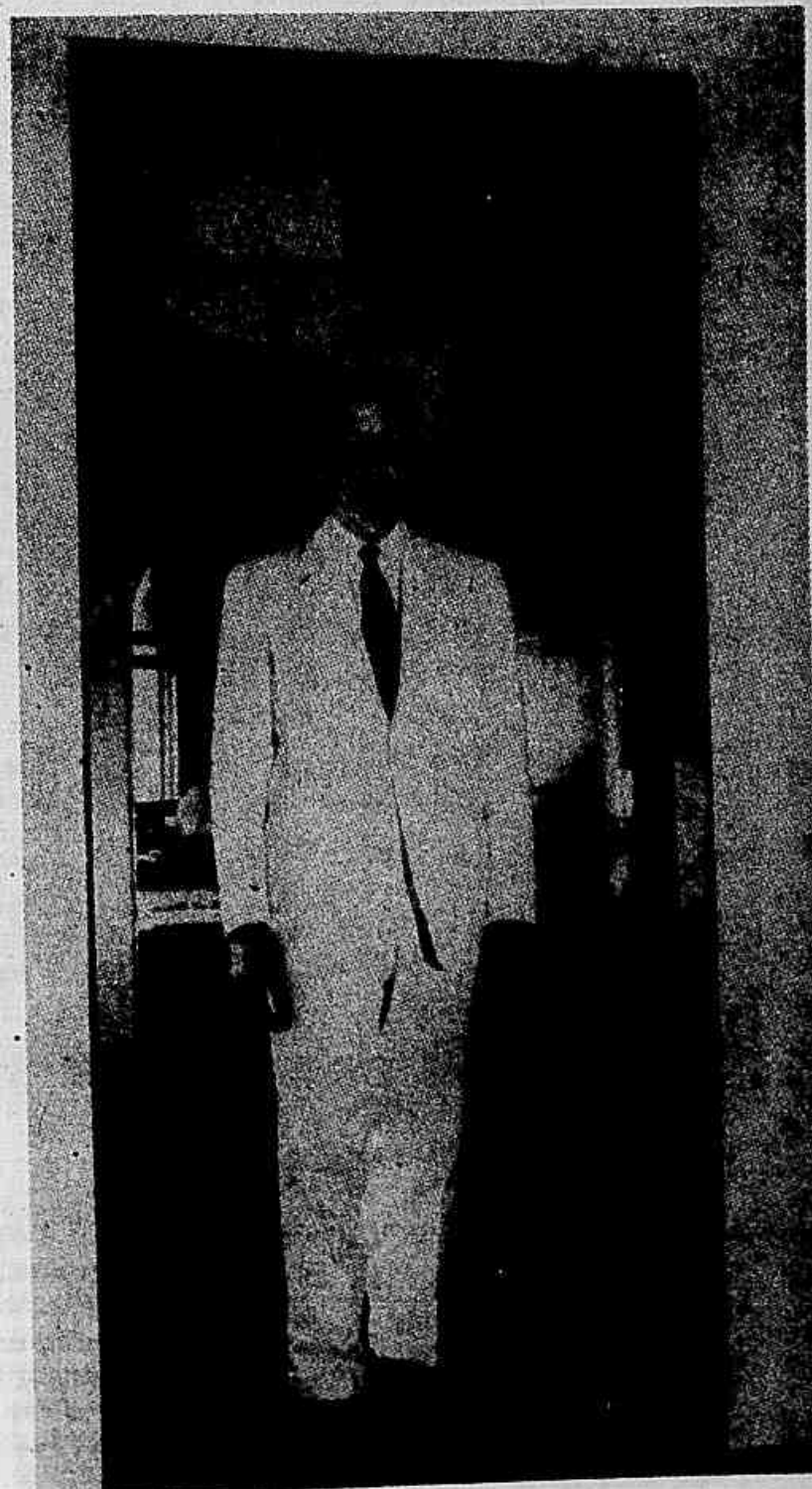
A luta está travada. Embora haja a preocupação de restringi-la aos limites do próprio partido, nada escapa aos observadores. A guerra é de vida e morte. Todos disputam o direito de liderar o partido, para poder emprestar a ele as normas de comportamento político que acham mais adequadas e com que esperam ganhar as próximas batalhas eleitorais.

E para servir de mediador nessa luta sangrenta já não existe mais a figura ponderada e aglutinadora do brigadeiro Eduardo Gomes. Afastado quase que inteiramente das lutas partidárias, encaminhando-se para o ostracismo definitivo e irremediável, o brigadeiro deixou a UDN entregue a sua própria sorte, e pouco se interessa por ela.

Os generais da UDN (os 10 grandes), são: Afonso Arinos, Prado Kelly, Carlos Lacerda, Adauto Lúcio Cardoso, Mário Martins, Juraci Magalhães, Aliomar Baleeiro, Bilac Pinto, Milton Campos e José Bonifácio. Poucos deles estão unidos entre si. E não pode mesmo haver união, pois todos (ou quase todos) são candidatos a alguma coisa.

PRADO KELLY

♦ Artífice principal das maiores derrotas da UDN. Sua ação política se faz sentir através de «passos de veludo e voz de mesma côr». Mas é um ultrapassado. Se não for aliado da direção do partido ou da liderança na Câmara, acabará completamente com a UDN. Poderia ser um bom político (e um razoável dirigente) aí por volta de 1800. Está portanto com 157 anos de atraso em relação a si mesmo e a sua época.





A MAIS BELA DAS MODELOS

◆ Esta jovem, um dos modelos que desfilarão na Copa com modelos de José Ronaldo e Françoise, a mais bela das 4. Já foi capa de revista na Europa, é simpática, não gostou do calor do Rio, mas «se encontrar algum amor ficarei mais tempo por aqui».



JK E O SEU (quase) ASSASSINO

◆ Este cavalheiro da foto, veio ao Brasil (dizem) para assassinar o presidente Juscelino. Depois de um processo rumoroso e complicado, o assassino foi recebido pela vítima. E depois do encontro, dizia para o repórter: «O presidente Juscelino gostou de ver-me e conversou amistosamente comigo».



RIO — ZONA NORTE

◆ Entre os dormentes de um velho ramal de estrada de ferro. Grande Otelto agoniza, assistido por duas pessoas que nada mais podem fazer por ele, a não ser acender uma vela que lhe iluminará os caminhos do céu. Isso acontece no filme Rio — Zona Norte, em que Nelson Santos (diretor de Rio, 40 Graus) traça um painel de toda aquela zona carioca, cuja vida gira em torno da Central do Brasil. Este filme é o segundo da trilogia que começou com Rio, 40 Graus, e terminará com Rio, Zona Sul.

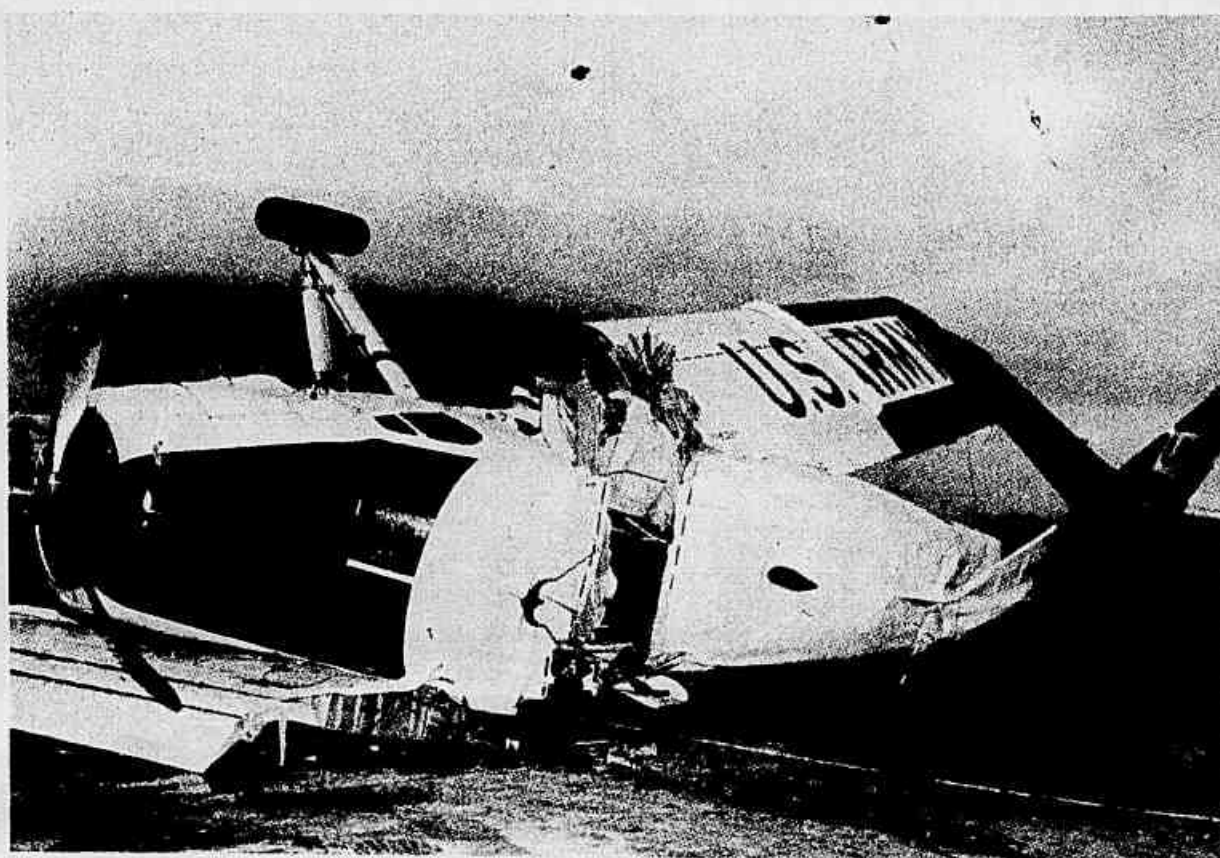


CASOU O CHEFE DA REDAÇÃO DO «D.C.»

◆ Aos 26 anos, Evandro Carlos de Andrade é chefe da redação do «Diário Carioca». E como isso ainda não fôsse responsabilidade suficiente para a sua «avançada» idade, resolveu contrair outras: e casou-se. Esse fato auspicioso para ele e para a família do «D.C.», levou o «velho Macedo» a sair do seu conforto (foto) para abraçar o «nosso» Evandro. A noiva, muito bonita, chama-se (chamava-se) Miriam Costa Bastos, e agora ganhou: mais um Andrade no nome, um marido formidável, e os cumprimentos do pessoal do «Diário Carioca». Tudo num dia só.

A SEMANA EM REVISTA

Fotos «DIÁRIO CARIOCA».



TEMPORAL (E VENTANIA) ASSOMBRAÇÃO

◆ Correndo a 150 quilômetros a hora, um violento tufão visitou o Distrito Federal e destruiu (em poucos minutos) 40 aviões, 53 árvores e 18 jardins, causando prejuízos avaliados em 20 milhões de cruzeiros. O tufão (que foi previsto com 24 horas de antecedência pelo serviço de Meteorologia) chegou exatamente na hora marcada, e provocou dezenas de vítimas. No mar, onde o dia até então lindíssimo, levou dezenas de barcos de passeio, o tufão provocou pavor indescritível. Mas não passou de susto.

SOMBRA E ÁGUA FRESCA

♦ O sr. e sra. Thomas Guiton (foto) são passageiros do Carônia, navio, que exige de seus passageiros, certidão de idade provando ser maior de 70 anos, e certificado do Departamento do Tesouro, afirmando que sua renda é maior de 1 milhão de dólares. E essa linda senhora, que está perfeitamente enquadrada no segundo item, embora longe de satisfazer ao primeiro, pois tem 25 anos, casou-se ano passado na Flórida e é herdeira de uma das mulheres mais ricas do mundo. Não é preciso, acrescentar que é americana.



EMOÇÃO NO ENCONTRO COM JK

♦ Milhares de pessoas foram a palácio cumprimentar o presidente da República pela passagem do primeiro aniversário do governo. E cenas como a da foto, foram comuns: simples populares, gente da rua, emocionados, abraçando o presidente da República.



ASSASSINADO O SENADOR

♦ Aos 75 anos, o senador Cesar Vergueiro terminou sua carreira política (e a própria vida) ao receber (na testa) um tiro desferido pelo seu sobrinho. Plínio Gordo (sobrinho e filho de criação do senador, seu substituto no cartório, viciado em jogo), perdeu ultimamente 2 milhões de cruzeiros. E sem poder pagar, pois o vício mais e mais o dominava, foi contraindo dívidas em cima de dívidas, até que seu crédito também se esgotou. Obteve vários auxílios do tio e amigo, mas em determinado momento, este resolveu fechar a bolsa. Com isso não concordou o sobrinho que depois de uma discussão a portas fechadas, assassinou-o. Agora, discute-se se o sobrinho-assassino vai herdar a fortuna do tio-vítima. Pois este no testamento (feito com antecedência, é claro), deixou tudo para o sobrinho.



RIFI NA POSSE DE ESTELITA

♦ Os estudantes enfurecidos resolveram impedir a qualquer preço a posse do sr. Estelita. Depois de marchas e contra-marchas ficou decidido (pelos marechais ineficientes do Ministério da Educação) que a posse se realizaria na Faculdade. Os estudantes não concordaram. Fecharam as portas da Faculdade e ninguém entrou, nem houve posse. Na foto do «Diário Carioca», vemos o Reitor, o Magnífico (pois sim) Pedro Calmon, quando, depois de inutilmente tentar convencer os estudantes, se rendia, erguendo as mãos. Depois, com vaias, tomates podres e até bombas, o professor e seu séquito fugiram correndo. E o professor refugiado no Ministério da Educação, assinou um termo num livro imaginário dizendo que já é catedrático empossado. Mas os estudantes (que não querem ouvir nem de longe pronunciar o nome Estelita) fizeram-lhe o enterro, bastante concorrido, o que veio provar que o «morto» «desfrutava» de grandes inimizades no meio estudantil, em virtude da sua reconhecida falta de categoria e de qualidade.



UM LIVRO

A PALAVRA PERDIDA

de Fernando Whitaker da Cunha

◆ CHEGA-NOS de São Paulo, em brochura não muito convidativa, o livro de poemas do senhor Fernando Whitaker da Cunha, «A Palavra Perdida» (1). Como epígrafe, alguns versos do próprio Fernando, e mais alguns de Rimbaud, Sá de Miranda e Keats. Aliás, Fernando Whitaker da Cunha parece apreciar as epígrafes, antepondo-as, em grande e talvez excessiva quantidade, a seus poemas. Esse recurso, outra herança, talvez, do romantismo — basta ver as obras de Azevedo, de Castro Alves ou de Fagundes Varela para compreendê-lo —, parece-nos de todo desnecessário, quando não pedante. Pelo livro de Whitaker da Cunha, como que alardeando suas leituras (e não há dúvida de que se trata de um poeta com boa cultura literária), passeiam versos de Jacques Cuers, Ungaretti, Baudelaire, Jacob Wassermann, Fernanda de Castro, a prosa de Kierkegaard, mais versos de Neruda, Péguy, Mallarmé, Amado Nervo, Verlaine e Léo Ivo... Baudelaire parece ser a grande e profunda admiração de Fernando, a se levar em conta o número de epígrafes suas pelo jovem paulista utilizadas: quatro. Passemos, porém, aos versos de «A Palavra Perdida», deixando de lado as epígrafes, as quais não podiam ser melhores.

Andou bem Maria de Lourdes Teixeira, ao falar das origens surrealistas do poema de Whitaker da Cunha: Fernando é um poeta que ama as imagens ousadas, o paradoxo verbal, as frases vertiginosas e que não levam, aparentemente, a lugar algum, improvisadas ao correr da pena e da imaginação, uma palavra dando origem à seguinte, como aquelas escadarias romanas que se encachoeiram em degraus, do que fala Rilke, em suas «Cartas a um Jovem Poeta» ou no «Diário Florentino», não sabemos ao certo. Muitas vezes, por isso, o poema, que começara de maneira segura, seguindo uma direção que forçosamente levá-lo-ia a bom termo, tem sua espinha dorsal partida, des-camba por outra inesperada senda, perde-se em trivialidade e em mau gosto.

Já que falamos até agora de algumas imperfeições da poesia de Fernando Whitaker da Cunha, mencionemos também seu amor pelas palavras raras, que ofendem ouvido e olhos do leitor: lutulento, triunfálias, tarjas, massagetas, cenotáfios, cariétides, pelágica, epíscia, agárico, mandrágoras, hemoptóicos, e coisas semelhantes são outros tantos atentados ao ouvido do leitor... Fernando, aliás, aprecia de tal modo as palavras raras, que os nomes de suas musas, por ele mesmo batizadas, não são os das demais mortais, mas sim: Libitina, Anflia, Ahalya, Berenice, Yaskara, e uma terrível Ziul.

Nem tudo, porém, é reprovável, em «A Palavra Perdida»: muito pelo contrário. Porque, por mais severos que estejamos sendo, até aqui, com a poesia de Whitaker da Cunha, nela encontramos certo cunho de autenticidade e certa nobreza de expressão que fazem com que aproximemos Fernando Whitaker da Cunha de outro poeta, também paulista, a quem muito apreciamos: Cyro Pimentel, autor de «Signo Terrestre», de «Espelho de Cinzas», e, sobretudo, de «Poemas», livro de estréia que é, a nosso ver, ainda o melhor do autor, aquele que apresenta sua poesia, de maneira mais límpida e pura, mais grave e solene. Surpreendemos certo parentesco entre Fernando e Cyro principalmente em alguns dos poemas da Noite — dez composições verdadeiramente belas, que encerram o volume. A forma em Cyro Pimentel, sem ser menos solene, é todavia mais enxuta; Fernando ainda precisa libertar-se de certos jogos de palavra, ainda precisa apurar seu senso musical. Duvidamos que Cyro, por exemplo, escrevesse esse verso anti-musical e antipático:

◆ UMA MULHER ME ESPERARÁ EM ALGUM LUGAR, onde tantos são os atentados à musicalidade, desde aquele u/a que recorda uma buzina de caminhão, até à série de nasalizações principiada com em, e terminada em um, de algum. Isso, sem falar, no esperar, que destroça totalmente o ritmo do verso, já ruim de nascença.

Fernando Whitaker da Cunha, em suma, é um poeta imaturo, ainda: aqui e ali, porém, consegue acertar. Isso porque existe, nele, um temperamento autêntico de poeta, temperamento que se traduz, por exemplo, nesse poema «Confissão», que ao lado estampamos.

(1) — Fernando Whitaker da Cunha — «A Palavra Perdida», poemas. São Paulo, 1957. Edição do autor. 61 páginas.

◆ GRANDE É, atualmente, em França e de modo geral na Europa, a preocupação pelas Ciências Ocultas, mórmente pela Alquimia. Essa proto-ciência, de origem egípcia, que teve em Geber e em Lúlio, em Vincent de Beauvais e, ao que parece, no próprio São Tomás de Aquino eméritos cultores, vem sendo estudada com afinco, de tempos para cá, por ensaístas franceses de grande nomeada. Ainda há pouco, Mircea Eliade dedicou um livro à Alquimia: «Forgerons et alchimistes», no qual prova que a Alquimia não foi apenas o primeiro vagido da Química, mas também, e principalmente, um movimento de elevado cunho espiritual, que atravessou os séculos e que ainda hoje merece atenção.

◆ FALECEU, EM Val-de-Grâce, na França, o ensaísta François Michel, considerado um dos maiores entendidos da obra de Stendhal. Michel foi grande amigo de Henry Martineau, esse outro, grande entendido em Beyle. Porém, por questões ligadas à própria obra stendhaliana, estavam de relações cortadas, de há muito. Agora, que se conhece o testamento de Michel, teve-se a surpresa de vê-lo ler que Martineau, por especial encargo do falecido, deverá reunir num volume todos os ensaios stendhalianos de Michel, e ainda por cima, lhes fazer um prefácio e uma introdução geral.

◆ UMA CARTA de Descartes alcançou em dezembro, nas tradicionais vendas do Hotel Drouot, a importância de 2.100.000 francos — cerca de quatrocentos mil cruzeiros.

◆ SERÁ MAIS uma vez concedido, esse ano, o Prêmio Max Jacob, de poesia. Do júri fazem parte Jean Cocteau, Jean Paulhan, Jules Supervielle e André Salmon.

◆ NOVO LIVRO de Blaise Cendrars: «Trop, c'est trop», coletânea de ensaios.

◆ O CÉLEBRE romance de Choderlos de Laclos, «Les Liaisons Dangereuses», está sendo filmado, em França, por Kirsanoff.

◆ DISCUTE-SE, em «Arts et Spectacles» número 599, a importância dos sonhos na criação artística. Roger Caillois afirma, juntamente com Jean Paulhan e Jean Cocteau, que os sonhos não possuem nenhuma importância ou significação. André Breton, surrealista, acha absurda a tese de Caillois. Um médico, o psiquiatra dr. Logre, declara-se de acordo com Breton. Supervielle, poeta, afirma: «Nous sommes des rêveurs éveillés».



Simão Leal



Thiago de Mello

O FATO LITERÁRIO

DO PONTO de vista literário, e provavelmente também de outros pontos de vista, que aqui não vale a pena analisar, parecem-se, os anos, com certas sinfonias, que começam de maneira lenta, ganham, em seguida, pouco a pouco animação, explodem logo em um desenfreado *allegro*, para depois findar do mesmo modo melancólico como principiam. Nesse 1957 que apenas bota de fora o nariz, estamos ainda em plenas tardes de autógrafos de Carlos Ribeiro, sem nenhum livro digno de registro especial, sem nenhum escândalozinho literário sequer, sem prêmio algum de importância a ser distribuído. De que livros se fala, no momento, nos suplementos e meios intelectuais, senão naqueles quatro ou cinco que, publicados em 1956, despertaram as atenções da crítica e dos leitores? De «Vila dos Confins» — a nosso ver por demais incensado — de «Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa», de «Montanha», de «Grande Sertão: Veredas»?

NOTAS E INFORMAÇÕES

♦ O PRÓXIMO livro de Viana Moog — cujo volume «Bandeirantes e Pioneiros», não faz muito publicado, foi um autêntico êxito de público e de crítica — será um ensaio sobre o Aleijadinho. Viana Moog encontra-se no México desde princípios do ano, no desempenho de suas elevadas funções.

♦ JAYME MAURICIO não é somente o colunista de artes visuais que todos conhecem e admiram: é igualmente poeta, e agora mesmo está sendo anunciado o seu livro de estréia — uma coletânea de poemas concretistas. Esperemos o volume, a ver se as boas qualidades do Jaime colunista serão confirmadas pelo Jaime poeta.

♦ THIAGO DE MELLO — cujo primeiro livro em prosa será dentro em pouco lançado, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura —, depois que saiu de «Manchete», pensa em fundar, com mais outros jornalistas e escritores, uma agência de reportagens, a primeira, nos moldes, de que disporia o Brasil.

♦ POR FALAR em Thiago, e a respeito de seu amor ao Ballet (e às bailarinas), um grande-língua nos falava, recentemente, que, após ter escrito a «Lenda da Rosa», o vate amazonense já estava mesmo cultivando uma «Rosa nova»...

♦ NOS DIVERSOS setores pelos quais se distribuem os Prêmios Literários concedidos pela Academia Brasileira de Letras, inscreveram-se até 31 de janeiro — quando foram encerradas as inscrições — pouco mais de 70 candidatos. Convém lembrar que os prêmios em questão são agora de vinte mil cruzeiros.

♦ MAURO MOTA publicará, breve, por iniciativa de Simeão Leal, sua tese sobre «O Cajueiro Nordestino». Esse poeta, que não troca por coisa alguma no mundo a sua cidade de Recife, vem ao Rio esporadicamente, apenas para rever os amigos ou os originais de algum novo volume.

♦ MARIO BARATA pediu licença ao «Diário de Notícias» para ausentar-se do Rio por 3 meses. Porém, sua seção diária «Vida das Artes» não sofreu solução de continuidade. Isso porque, por indicação do próprio Barata, o colunista passou a responder, interinamente, por ela, desde o dia 7 corrente.



Viana Moog



Mário Barata

PRINCÍPIO (MORNO) DE ANO

O tempo vai molemente se arrastando, os dias se empurram uns aos outros com preguiça, como notas longas e descansadas de algum largo a se sucederem na pauta, dias que escorrem, grossos e pastosos como um xarope que escapasse de um frasco entornado, e os livros de 1957 ainda não apareceram. É verdade que as casas editoras, José Olympio à frente, apresentaram já seus programas editoriais; mas os acontecimentos, os livros, as figuras, são ainda as mesmas de 1956. Apareceu, é certo, «Bôca de Inferno», de Otto Lara Rezende — e foi só. O resto é marasmo. Os jornais de cultura, os suplementos, as revistas, nada apresentam de novo. Não morre ninguém, ninguém foge para Taiti, ninguém enlouquece, nem mesmo de tédio. Princípio de ano. Tempo de adágio. E enquanto vai compondo essa crônica sem compromissos, o colunista boceja, com a mesma satisfação de dever cumprido que deve sentir o mais acadêmico dos membros da Academia de Letras, entre um e outro goles do chá das quintas-feiras...

ARTES

UM FALSO GOYA?

♦ MÁRIO PEDROSA voltou à crítica de Artes Visuais, pelas páginas do «Jornal do Brasil». Voltou, e logo de saída conseguiu estabelecer grande celeuma, ao levantar dúvidas sobre a autenticidade de uma das telas atribuídas a Goya, e que fazem parte do grupo de onze quadros recentemente apresentados, no Guanabara, à sociedade carioca, e pertencentes ao Museu de Arte de São Paulo. Os leitores, se acompanham o movimento artístico — tão escasso — brasileiro, certamente estarão a par dos vários lances em que se dividiu a questão: não os repetiremos. Queremos apenas frisar que a intervenção de Mário Pedrosa, tão oportuna quanto comedida, teve a vantagem de atrair a atenção de grande número de pessoas — sempre ávidas por uma novidade — para a figura de Goya, o grande autor dos «Desastres de la Guerra» e dos «Disparates». Durante vários dias, com efeito, a imprensa deu grande destaque ao caso, e não houve leitor de jornal que não ficasse a par do mesmo. Isso já é alguma coisa, pelo menos para o nosso meio. Uma disputa tendo por figura central uma obra de arte, e ainda por cima conseguindo atrair as atenções de grande número de pessoas, não acontece todos os dias, no Brasil. Não sabemos se a tela é ou não original de Goya, se é, ou não, uma cópia de algum discípulo ou admirador: temos, infelizmente, poucos especialistas, no assunto, capazes de dirimir o problema com autoridade incontestável. A simples citação de um trecho de livro especializado não chega, é óbvio, para destruir a autenticidade de um quadro; por outro lado, essa autenticidade deve ser, senão aferida por um perito, que realizará estudos sobre a composição, o desenho, a cor, a tinta empregada, a madeira ou a tela, submeterá a obra aos raios-x, em suma: esmiuçar, em todos os seus recônditos detalhes o quadro, para depois concluir sobre sua originalidade, ou não. Essa autenticidade deve ser pelo menos atestada por uma certidão firmada por crítico ou historiador de reputação acima de dúvidas. No Museu de Arte de São Paulo deve haver mais de uma falsa obra-prima: o «Cristo Prêso», que ali figura como de autoria de Jheronimus Bosch, é certamente cópia, e em péssimas condições de conservação. Quantas outras obras haverá nas mesmas circunstâncias? Seria portanto bom que a Diretoria da casa, sempre que surgissem tais controvérsias, corresse a mostrar os certificados de autenticidade das telas de seu patrimônio. Isso pouparia muitas palavras e ceifaria, pela base, desinteligências futuras.

POESIA

CONFISSÃO

... e sobre a noite então a noite cairá,
e não haverá amanhecer. — JACOB WASSERMANN.

*De estranhas madrugadas é meu poema,
Em que eu temia a solidão das montanhas,
E a pureza dos cenotáfios*

*As horas caíam como gladiadores mortos,
E de seu sangue é esse grito e esse canto*

*Pesava sobre a aurora a mordida da noite,
A insônia de gólfos amargos,
E sobre mim um orvalho de bronze, quando
Licores densos tomava por bôcas que me cercavam,
E Rimbaud era uma voz e um soluço dentro do vácuo*

FERNANDO WHITAKER DA CUNHA



O HOMEM MAIS BONITO DO MUNDO

◆ François Paul, considerado o homem de físico mais perfeito do mundo. Ganhou o recente campeonato mundial realizado na França (poderia ter sido em outro lugar?) e já recebeu em dois meses, 178 propostas de casamento. E como é um homem decidido recusou todas elas.

COFFEE PH

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



REABERTO O FAMOSO «CASO MONTESI» — O EX-CHEFE DE POLÍCIA, TRANQUÍLO, ESPERA O JULGAMENTO — OS OUTROS IMPLICADOS NO CASO ESTÃO NERVOSOS, E ESPERAM COM EMOÇÃO, A DECISÃO DOS JUIZES — SENSACÃO NO «CÉU É O LIMITE» DA TV-ITALIANA — UM CANDIDATO QUE SABE TUDO SOBRE GARIBALDI — MISS MUNDO, A BELA PETRA SCHURMANN, FOI EXPULSA DA UNIVERSIDADE DE COLÔNIA SÓ PORQUE PARTICIPOU DO CONCURSO EM QUE SAIU ELEITA A MAIS LINDA MULHER DO MUNDO.

UM HERÓI DO CÉU É O LIMITE ITALIANO

◆ Provocou enormes comentários, a aparição na TV-italiana (programa «Laccia o raddoppia», similar do nosso «O Céu é o Limite») do bolonhense Mario Buronzi, grande conhecedor da vida de Garibaldi. Uns acharam que foi espetacular, outros disseram que ele quis se exibir apenas e que poderia ter sido mais discreto. Mas a verdade é que ele já está empolgando os telespectadores. Na foto, Mario Buronzi vestido de pára-quedista que é o seu «hobby».



◆ Tommaso Pavone — o ex-Chefe de Polícia que foi forçado a pedir demissão do cargo logo após a notícia do rumoroso «escândalo Montesi» e que aqui aparece numa feliz fotografia (à esquerda), tirada quando atravessava um trecho solitário entre a rua Bissolati e a rua Veneto — é, talvez, o único personagem envolvido no «caso» que não se tenha deixado comover com a aproximação do famoso julgamento. Depois de haver abandonado o seu posto, Pavone mergulhou num desdenhoso silêncio, recusando-se terminantemente a aceitar as sugestões dos amigos no sentido de que «se defendesse a qualquer preço». Entretanto, é provável que Tommaso compareça, ainda que como testemunha, perante o Tribunal Criminal de Veneza, onde o «caso Montesi» deverá ter o seu espetacular desfecho. Os debates se iniciaram no dia 21 de janeiro e nesse mesmo dia foram intimados a comparecer também os srs. Piero Piccioni, Ugo Montagna e Saverio Polito, além de onze outros acusados de menor importância. O julgamento está sendo presidido pelo dr. Mario Tiberi, coadjuvado pelos magistrados Amerigo Vilacara e Mario Alborghetti. À direita vemos a mais recente fotografia de Ugo Montagna surpreendido por um repórter quando passava por Roma. Montagna não perdeu a calma quando entregaram-lhe a intimação, e já declarou a diversos amigos que estava muito otimista quanto ao êxito do processo.

MUNDO DE DEUS



Há dois meses Petra Schurmann conquistava o título de Miss Mundo de 1956, em Londres. Estudava então na Universidade de Colônia (línguas e filosofia) e logo depois sua expulsão era determinada pelo supremo órgão acadêmico. Motivo: participara de um concurso de beleza. Mas Petra parece que não ligou muito e na foto aparece quando na Sorbonne de Paris, assistia sua primeira aula.



MISS MUNDO provoca escândalo





Miss Mundo, debaixo de chuva caminha para a Sorbonne e ao lado de seus novos companheiros de estudo. Na Universidade de Colônia só um velho professor de filosofia saiu em defesa de Petra dizendo que «a beleza não pode prejudicar nenhuma coletividade, seja ela profissional ou estudantil».

★ EXPULSA DA UNIVERSIDADE DE COLÔNIA POR HAVER CONCORRIDO AO CONCURSO DE BELEZA MUNDIAL, A BELA PETRA SCHURMANN NÃO PODE SE MATRICULAR EM NENHUM OUTRO COLÉGIO DA ALEMANHA. MAS RECEBEU UM CONVITE DOS ALUNOS DA SORBONNE DE PARIS, E FOI CORRENDO ASSISTIR AS AULAS.



Com um bater ritmado de pés, os alunos da Universidade de Colônia manifestaram a sua desaprovação quando Petra entrou na aula depois de ter conquistado o título de beleza mundial. Nas fotos (acima e abaixo) a bela sueca, em 3 fases na Sorbonne onde estuda presentemente.





A MOÇA DA SEMANA

Janete Jane, vedeta de «Quem comeu foi Pai Adão», também disputando o páreo carnavalesco com a gravação da marchinha «Laranja Lima». Mirai o chapelão, se para tanto vos sobrar tempo...

ESSE HALSMAN É UM ATREVIDO

◆ Philippe Halsman, fotógrafo de fama mundial, saiu correndo terras munido de sua câmara milagrosa, a serviço de conceituada publicação internacional e à procura de tipos de beleza feminina de todos os cantos deste abençoado orbe. Através dezoito países, Halsman foi fotografando mulheres lindas, sem preocupação de castas religiosas ou categorias sociais. Importava-lhe somente o belo. Halsman fez as suas fotos por conta própria, sem cicerone e sem protecionismo, muitas vezes confundindo-se com a massa anônima para descobrir belezas que deslumbravam os seus olhos de esteta. Daí a diversidade de tipos que aparecem em belas cores, nas páginas da revista que está nas bancas, em edição espanhola. Em Hong-Kong, é a tripulante de uma sampana, em roupa de trabalho, e em Bali, uma nativa vindo do banho público, em trajes típicos. Uma recruta, fardada, do exército israelense tem as mesmas honras de uma filha de chefe de tribo africana, a caráter. Uma dama da alta sociedade londrina em vestido de gala figura no mesmo plano da «ragazza» de busto agressivo das ruas de Roma. Halsman, porém, longe estava de pensar que, após ter percorrido 96.500 quilômetros iria dar com os burros n'água nestes brasis amados, pondo a pique todo o seu belo trabalho fotográfico. Quando aqui esteve, desconhecendo os costumes da terra, seguiu o mesmo roteiro traçado para o seu empreendimento, isto é, buscou, ele mesmo, sem qualquer ajuda, no vaivém cotidiano, um tipo que lhe parecesse representar a beleza da mulher brasileira. Não quis consultar ninguém e aí cometeu o seu grande erro. Deixou de lado os colonistas sociais, os potentados da indústria têxtil e as nossas gloriosas listas de elegância. Hoje, Halsman está desgraçadamente no purgatório, expiando a sua audácia, alvo de justas críticas do melindre botocudo, por ter escolhido para ser eternizada em sua câmara fotográfica de tantas andanças, uma simples comerciária de saia e blusa, malgrado «la exuberancia sensual más cierta ingenuidad, propias de las bellezas latinoamericanas». As verrinas, estão surgindo, os nossos brios patrióticos estão feridos e uma colonista social, mui ofendida, diz que «o quinhão do Brasil, como sempre foi desastrosamente representado», por ter Halsman fotografado «a primeira passante (tipo Lollô) de saia vermelha intenso e, o que prova maior ignorância, um «bouquet» de... orquídeas na mão!» Mais adiante, a mesma colonista, indignadíssima, fala «dêsses estrangeiros que assim retribuem o conhecimento que temos do seu povo e sua cultura, com tal prova cabal de ignorância e desprezo do que é nosso». Bravíssimos de Mister Eco à querida confrade! Esse Halsman é mesmo um atrevido. Tivesse ele ouvido os mentores da elegância e da beleza, das nossas patrícias e hoje estaria figurando na reportagem em foco, para maior conceito destes brasis perante o mundo, uma dessas flores de estufa turiferadas pelos duvidosos concursos de «charme» e «glamour» e aclimatadas nas sombrias mesas do Sacha's, entre uma dose de uísque e uma bafurada de «Pall Mall». E assim deveria ter sido, para que o nosso «povo» e principalmente nossa «cultura» não ficassem circunscritos a uma saia de vermelho intenso, positivamente incompatível — ó ignorância dos diabos — com um «bouquet» de orquídeas na mão...

◆ O «Cangaceiro» de Ivan Busse vai virar «Mon Caprice» do pianista Don Al Bibi, devendo reabrir, em fins deste mês, todo transformado. E, como tal, lá se vão os painéis de Aldemir Martins.

◆ Vera Regina, vedeta negra que foi do elenco de Silveira Sampaio, agora em «Hip, hip, Carnaval». Hurrah!

◆ Viagem acidentada de «Eu vou pr'a Maracangalha», no Teatro Recreio. Vários elementos, inclusive o sócio-capitalista da empreitada já apearam. Continuando assim, quem vai só é Anália.

◆ Ana Itelman e Juan Silbert em divergências com o produtor de «Rio... de Janeiro a meados de Fevereiro», que quer vê-los pelas costas, o mais depressa possível.

◆ Bilhete prenhe de amor e ternura do cronista — perdoai, Senhor! — Carlos Machado, para «um cronista», sem lhe ter mencionado o nome. Apesar do justificado segredo, tudo indica que o «ingrato» seja o sr. Nestor de Holanda...

◆ Uma disposição estatutária da Associação Brasileira de Críticos Teatrais impediu que Adriano Reys recebesse a láurea de «revelação

de ator». Acontece que «Chêri» já havia atuado noutras companhias de comédia, sem que dêle, entretanto, se tivesse tomado conhecimento. Quem, porém, tão brilhantemente se libertou da mediocridade e demonstrou ser um valor positivo do teatro declamado, fazia jus, pelo menos, a u'a menção especial.

◆ «Dominó» é o nome do «inferninho» que vai surgir na rua Carvalho de Mendonça, também conhecida como a «Rua do Joga a Chave Meu Amor». E sai de baixo!

◆ Fernando César (sabeis quem é Fernando César? Cronista...) protesta contra a abertura de novas casas de diversões noturnas nesta «mui leal». Por essas e outras já estão chamando o rapaz de cronista «his master's voice», o que é, positivamente, bem feito.

◆ Manêzinho Araújo na expectativa do prometido terreno para a construção do seu «Cabeça Chata» à beira da Lagoa Rodrigo de Frei-

tas. Prometido é dívida, sr. Conde de Metaba!

◆ Não vai bem o «Club 36» e já se murmura que o mesmo será pôsto à venda.

◆ De canço e samburá, Sílvia Caldas (O «titio» é cheio de truques) vai pescar no Canal de Suez.

◆ Uma ala do Clube da Ferradura, de saudosa memória, está organizando o Caju-Amigo da Recordação. POUR-MEMOIRE, como diria a Pomona Politis.

◆ Lamentável, mui lamentável mesmo, é a notícia de que Joan Crawford não mais nos visitará. Ficamos assim privados de travar conhecimento com o seu mimoso cachorrinho.

◆ A exemplo do Vogue, a «boite» Fiesta inaugurou a temporada de verão, permitindo o ingresso de seus freqüentadores em trajes des-

portivos. Desde que não seja de «shorts».

◆ E sabeis que a «última» que corre pela noite é a de que o médico receitou tomar um avião de duas em duas horas...



ADRIANO REYS
O estatuto não quis «Chêri»



BAILE DOS ARTISTAS

No próximo dia 23 acontecerá no Hotel Glória o tradicional «Baile dos Artistas», com a presença de figuras do «high-society» carioca e do famoso astro de Hollywood James Stewart.



Rosinha Serzedelo Machado tem no paulista Osvaldo Vidigal seu «date» preferido.

CONFIDENCIALMENTE: A carioca Eliana Moura que estava de noivado marcado com o jovem banqueiro David Guimarães, num recente «week-end» em Guarujá foi

Gossips

devidamente escoltada pelo galante Luciano Lunardelli. Trata-se do herdeiro da fabulosa fortuna dos Lunardelli, e um dos melhores partidos do Brasil.

O prestígio do nosso conhecido Osvaldo Vidigal em Guarujá está muito baixo. Mas aqui no Rio parece que está muito alto. Motivo: é o atual «date» preferido da «glamourosa» Rosinha Serzedelo Machado.

O jovem diplomata Marquinho Azambuja fazendo sucesso em Guarujá com a «beaut» Lúcia Cantalice. Fala-se que a amizade entre eles virou romance.

Bi Crisóstomo de Oliveira vai «decolar» ainda este mês para a Europa. Enquanto isso, determinado

senhor vai ficar com toneladas de saudades.

Raul Loeb, um dos melhores partidos de São Paulo, tem atualmente na morena Marilu Vilas-Boas, seu «date» preferido.

O popular sr. Ademar (VAVÁ) Siqueira, é quem melhor informa os «Gossips» em Guarujá. O rapaz é diplomata no assunto.

Camilinha Cardoso é atualmente o grande cartaz do «high-society» paulista. Ela já foi noiva do conhecido Fernando Ferreira.

A determinada paulista que está prestes a figurar na PRATELEIRA, foi vista em Guarujá.



João Carlos (Ozório) Ozório tem sido visto assiduamente escoltando Irene Von Delingshausen. Apesar disso não existe romance entre eles.

A bonita Ivonilda Ferreira na outra noite no Sacha's, era a beleza mais «suspense» presente. Em sua companhia estava o internacional Carlos (Ozório) Ozório.

GUARUJÁ. — Estive recentemente na «Orla Atlântica», assim batizada pelo colunista Tavares de Miranda. Fiquei localizado no Grande Hotel, que funciona muito bem dirigido pelo famoso Alberto Bianchi, que é o grande responsável pelo

Pequenos Flashes

Esta revista vai homenagear com um «party» na piscina do Hotel Glória, o cronista Antônio Maria, que é o mais «suspense» da «soirée-snob» carioca.

O GÉLOT continua em cima.



A elegante senhora Olga Bianchi atualmente veraneando em Guarujá, recebe com categoria as figuras do «high-society» que comparecem a essa cidade de veraneio.

atual sucesso turístico de Guarujá. Eu desejava apresentar agora uma grande reportagem cortando o que vi nessa «suspense» cidade de veraneio. Mas infelizmente não vou poder, devido a irresponsabilidade de um fotógrafo chamado Norberto, que circula em Guarujá. O referido fotógrafo comprometeu-se em enviar-me as fotografias que foram feitas para esta coluna, e até o momento não chegaram ao meu poder. Lamento, fico aguardando para apresentar no próximo número.

A jovem poetisa Yone de Sá Motta, vai lançar em abril pela Editora José Olímpio, seu quarto livro já batizado de «Lastro-Ternura». Trata-se de mais um lançamento da já consagrada poetisa.

O sr. Nicolau (rei dos Cadilacs) Antar, que está atualmente nos «States», prometeu trazer para o colunista um «GÉLOT» negro. É mais um para a coleção. Aguardo.

Quando recentemente estive em Santos, fiquei hospedado no Hotel Parque Balneário. Pedi a telefonista do hotel que me ligasse com «room service». Então a telefonista ligou com a portaria, que pouco depois me informava que não constava esse nome na lista de hóspedes. Existe?

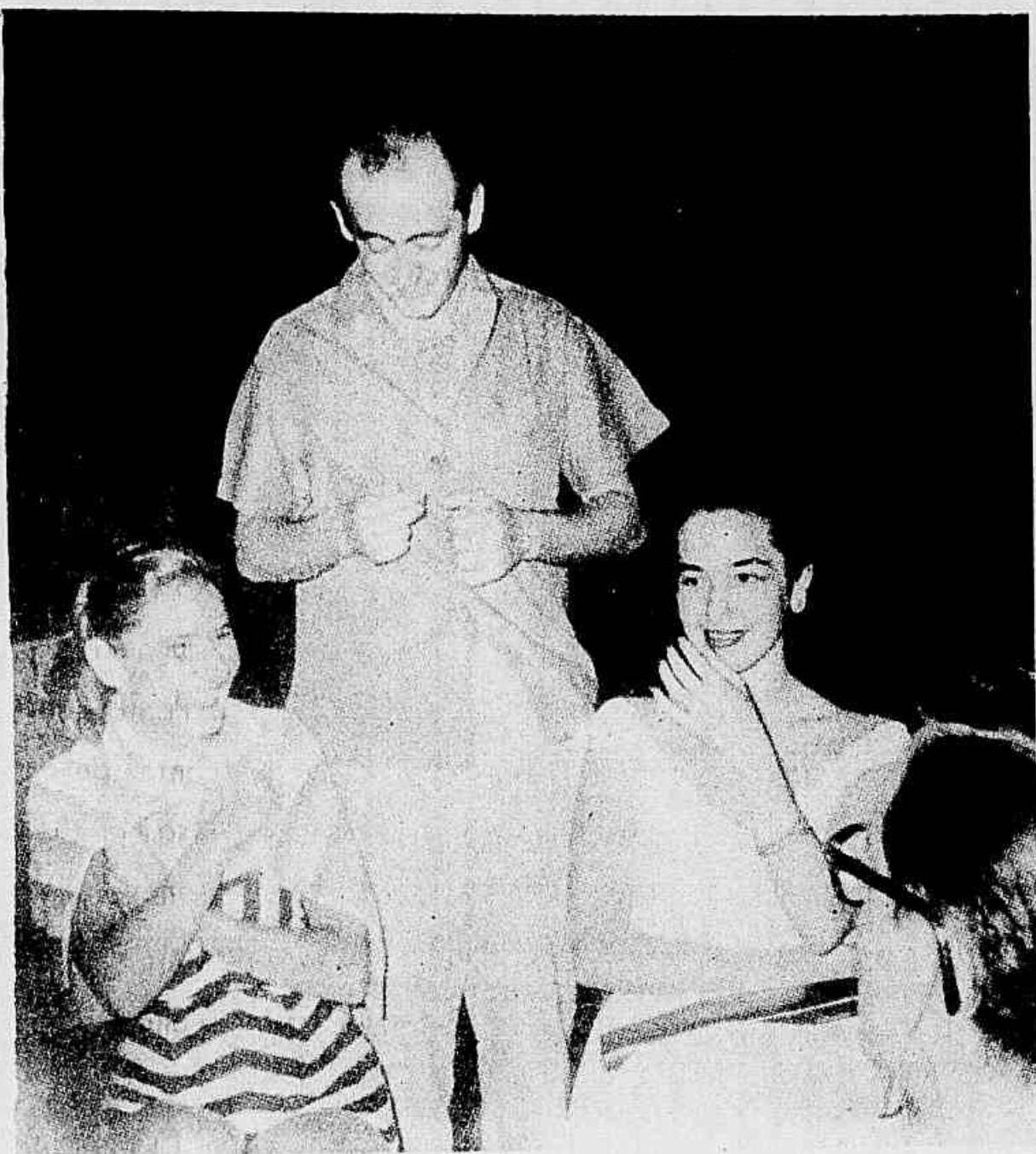
O deputado Maia Lelo com a família veraneando em Guarujá. Trata-se do político de maior prestígio que lá circula.

ALIE, é a nova colunista que surgiu em São Paulo. Escreve na «Última Hora». Falando na «Última Hora», o temperamental Flávio Porto, conhecido como a terrível Dona Yaiá, deixou esse jornal paulista. Mas informou-me, que vai escrever uma coluna: Carta Paulista, para a «Última Hora» daqui.

Carlos Machado, caminha para se tornar um cronista «suspense». Como debutante, vai bem.



O cronista Antônio Maria que é o mais «suspense» na «soirée-snob» vai ser homenageado pela «Revista da Semana» com um «party» na piscina do Hotel Glória.



André Spitzman Jordan com Beatriz Buarque de Macedo e Marilu Junqueira. À direita, o sr. Eduardo Tapajós com um grupo de convidados.

NA PISCINA DO GLÓRIA



● Numa cidade tropical como o Distrito Federal, é quase inconcebível como as piscinas não são usadas. E foi pensando nisso que o sr. Eduardo Tapajós, resolveu transformar a piscina do seu Hotel Glória num ponto de reunião simpática, agradável, informal e bastante "suspense". Todos os banhos realizados têm feito enorme sucesso, e tem comparecido o que de mais importante existe entre as belezas do Rio, principalmente da nova geração. Entre os convidados ao último banho, anotamos: Fernando Setembrino com seu "date" Nono Seve, Luiz Carlos Peixoto fazendo figuração com Lúcia Coutinho, André Spitzman Jordan, sozinho e triste, a morena, bela e sofisticada Gilda Leiraud, Fernando Augusto de Carvalho, a simpática Sônia Gadelha, Albino Avelar com sua noiva, a bonita Maria Laura Duarte, a loura e inteligente Suzana Porto, Alberto Pitigliane, a insatisfeita Irene Von Delingshausen, o sr. João Resende com seu "short" realmente "suspense", Sônia Lúcia Possolo como sempre com o simpático José Maciel, o "pintoso" Alexandre Camacho, Lúcia Cortez, o sr. José Alvaro buscando assunto para o seu "falando de mulheres", Bia Cavalcante, o sr. João Neder (um dos 10 homens mais elegantes do Brasil), a compenetrada Denize Leiraud vigiando e tomando conta da irmã, os casais Flávio e Marcelo Ramos, a muito bonita Mary Spitzman Jordan, e outros.



As senhoritas Sônia Gadelha e Mary Spitzman Jordan conversam com Jeff Thomas. À esquerda, Lúcia Cortez prepara-se para um mergulho.



A O contrário das Marlene Dietrich e das Hildegard Neff, as últimas atrizes de origem germânica que atingiram o estrelato além-fronteiras não têm aquele sensualismo agressivo geralmente associado às «vamps» de Berlim e Viena. A alemã Cornell Borchers, as austríacas Maria Schell e Julia Arnall são belezas domésticas. A primeira já é conhecida aqui pelo choroso e lucrativo «Nunca Deixei de te Amar», americano, (refilmagem de «Sublime Indulgência») e pelo sensível «Corações em Angústia» (The Divided Heart), inglês. A magnífica Maria Schell foi vista em um filme inglês, «O Preço de uma Aventura» (The Heart of the Matter), e numa co-produção austro-iugoslava, o excelente «A Última Ponte». Julia Arnall, despercebida em uma «ponta» de «Os Cavaleiros da Távola Redonda», só em «S.O. S. Scotland Yard» (Lost), uma das novas apresentações da Organização Rank, será «oficialmente» apresentada ao nosso público.

★ DE VIENA A LONDRES — Quem conquistou Julia não foi precisamente o cinema inglês. Foi o exército. Casou com um oficial

Julia Arnall é uma «beleza doméstica», como sua compatriota Maria Schell. Além das Diana Dors, o cinema inglês também produz o tipo Grace Kelly-Donna Reed.

CINEMA - Ely Azeredo

A ÁUSTRIA EXPORTA MAIS UMA ESTRÊLA:

JULIA ARNALL

das tropas de ocupação na Alemanha e transferiu-se para Londres. Hoje vive com o marido e os dois filhos em Hampstead. Julia nasceu em Viena, em 1931. Antes da guerra mudou-se para Berlim e lá permaneceu durante os intermináveis anos da blitzkrieg, das retiradas estratégicas, da ruína. Depois, em Viena, estudou teatro durante um ano. Na Inglaterra, sem um inglês suficiente para tentar o palco, estudou para modelo e um ano depois trabalhava para as casas de modas «Top Ten». Simultaneamente aperfeiçoava o inglês.

Estreou em filmes publicitários e, após a pequena oportunidade em «Os Cavaleiros da Távola Redonda», que a Metro filmou na Inglaterra, obteve contrato com a organização de J. Arthur Rank. Teve pequenos papéis em «Man of the Moment» e em duas comédias que veremos em breve: «Espanjador Econômico» e «Simão e Laura». Em «S.O.S. Scotland Yard» ascende ao estrelato, ao lado de David Farrar e David Knight. Ela e Knight vivem um casal americano cujo filho (de um ano e sete meses) é raptado. David Farrar faz detetive da Scotland Yard. Guy Green, antigo fotógrafo, é o diretor.

O silencioso encontra o falado: a ex-estrela Alma Taylor volta aos estúdios para um pequeno papel no primeiro filme estelar de Julia Arnall.



O QUE HÁ DE NOVO

A Embaixada Americana no Cairo desanimou, com suas informações, qualquer tentativa de Hollywood para reatamento de relações cinematográficas com o Egito. Nasser, além de banir os filmes ingleses e franceses, fez exigências humilhantes às companhias americanas, inclusive garantias de que os diretores e atores não são de origem judia.

★

O cinema francês apontou «Gervaise», de René Clément, e «Um Condenado à Morte Escapou», de Robert Bresson, concorrentes ao «Oscar» de «melhor filme em língua estrangeira» (não inglesa). Este ano, pela primeira vez, poderão concorrer até filmes não exibidos nos Estados Unidos.

★

Em filmagem em Roma: «Terror na Hungria», sob a responsabilidade do desconhecido Giovanni Addessi, que pretende utilizar apenas refugiados húngaros no elenco.

★

Errol Flynn, de volta aos Estados Unidos após vários anos na Europa, diz que não se conseguiu habituar às dificuldades da produção na Europa. Em verdade, está decadente e Hollywood não gosta muito dos que bebem até cair... em público. Chegou aos Estados Unidos sem contrato.

★

Edward A. Golden, que produziu «Hitler's Children» (Os Filhos de Hitler) durante a guerra, vai filmar «Stalin's Children» independentemente, com o pequeno orçamento de 500 mil dólares. Escrito pelo professor Hugh Gray, da Universidade da Califórnia, contará os sofrimentos de uma família ucraniana sob o regime de Stalin. Aliás, temos notícias de revoltas recentes na Ucrânia, o principal foco de resistência ao fascismo vermelho.

SELEÇÃO

Entre os filmes recentemente lançados no Rio, recomendamos:

★ **NA ESTRADA DA VIDA** (La Strada) — O diretor Federico Fellini, que coadjuvou Lattuada em «Mulheres e Luzes» (Luci del Varietà), apresenta aqui uma obra-prima. Com Giulietta Masina, Anthony Quinn, Richard Basehart.

★ **RASTROS DE ÓDIO** (The Searchers) — John Ford volta ao Oeste com uma grande epopéia de amor transformado em ódio. A descoberta artística do «Vista-Vision». Com John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles.

★ **QUINTETO DA MORTE** (The Ladykillers) — Alexander Mackendrick trabalhou com uma paciência de ourives essa «comédia criminal», dentro da tradição dos Ealing Studios (Inglaterra). Com Alec Guinness, Kate Johnson, Cecil Parker, Herbert Lom.

★ **AS FÉRIAS DO SR. HULOT** (Les Vacances de M. Hulot), escrito, dirigido e interpretado por Jacques Tati, ressuscita com brilho e audácia os recursos da comédia silenciosa.

★ **OH, DOUTOR!** (Doctor at Sea) — Hora e meia de bom humor garantido, com Dirk Bogarde, Brigitte Bardot, James Robertson Justice, Brenda de Banzie. «Vista-Vision», Inglaterra.

★ **O HOMEM DO TERNO CINZENTO** (The Man in the Grey Flannel Suit) — Mais inteligência que cinema nesse filme escrito e dirigido por Nunnally Johnson. O drama de um homem honesto (Gregory Peck) ao ingressar no mundo impiedoso do «big business». Com Jennifer Jones (careteira), Frederic March (magistral) e Marisa Pavan (muito boa). «Cinemascope».

★ **RIFIPI** (Du Rififi Chez Les Hommes) é um sub-romance de «gangsters» transfigurado com calor humano e alguma poesia por Jules Dassin. Com Jean Servais, Magali Noel, Jules Dassin, Carl Mohnert.

★ **PLANETA PROIBIDO** (Forbidden Planet) é um prato delicioso para os apreciadores da «ficção científica». Bom humor, uma história original e alguns «efeitos especiais» impressionantes. Com Walter Pidgeon (horroroso), Anne Francis, Leslie Nielsen. «Cinemascope».

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

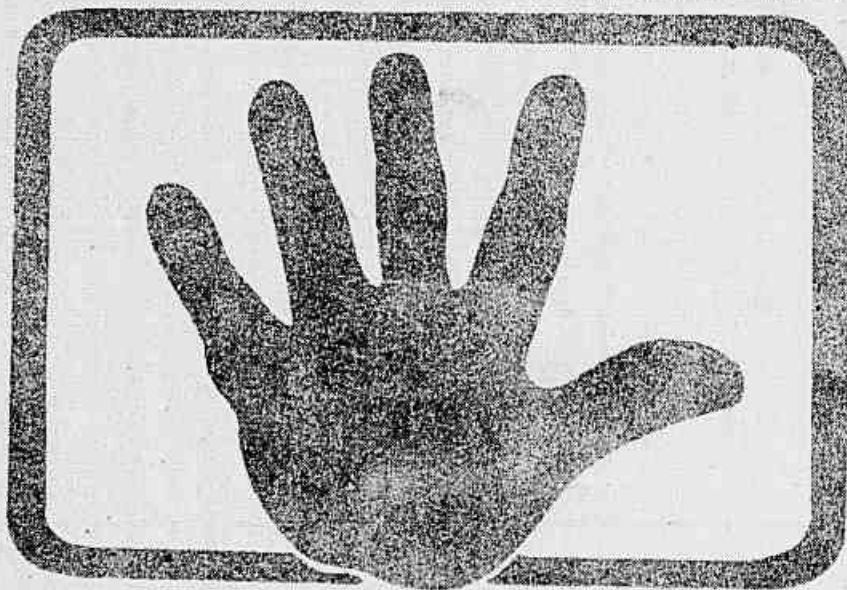
Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO**

GOVERNAR É ABRIR ESTRADAS



O Presidente da República cumprimenta o Governador Miguel Couto Filho no momento em que declara inaugurada a rodovia BR-32. No flagrante vêm-se o comte. Lúcio Meira, ministro da Viação, e o gal. Edmundo de Macedo Soares, presidente da Companhia Siderúrgica Nacional além de outras personalidades de destaque.

♦ A inauguração da rodovia Muriaé-Itaperuna-Campos, realizada recentemente, contou com a presença do presidente da República, do governador do Estado do Rio, sr. Miguel Couto Filho; do ministro da Viação, comandante Lúcio Meira; do chefe do Gabinete Militar da Presidência, general Nelson de Melo; do vice-governador fluminense, sr. Roberto Silveira; do diretor-geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, sr. Regis Bittencourt; do sub-chefe do Gabinete Militar, coronel Lino Romualdo Teixeira; do major Luís Felipe Borges, ajudante de Ordens; e do sr. Dilermando Silva, oficial de Gabinete.

Em Itaperuna recebeu o sr. Juscelino Kubitschek o senador Francisco Sá Tinoco, o prefeito local, sr. José Carneiro Terra, demais autoridades civis e militares e considerável massa popular. A homenagem do povo de Itaperuna foi extensiva ao governador do Estado do Rio, sr. Miguel Couto Filho e ao dr. Regis Bittencourt que, apoiados pelo presidente da República, vêm realizando uma grande obra de expansão rodoviária no país.

Em nome do sr. Miguel Couto Filho, o Secretário de Finanças do Estado do Rio, proferiu brilhante discurso, do qual transcrevemos aqui alguns trechos de palpitante interesse.

«Sr. presidente Juscelino Kubitschek: desejo, em rápidas palavras, e em nome do sr. governador Miguel Couto Filho, que, para tanto, me delegou essa honrosa missão, saudar v. exa. e os dignos integrantes da v. comitiva, nesta solenidade, que marca a inauguração do trecho Campos-Muriaé da rodovia BR-32, antiga RJ-30, no território fluminense. Inicialmente, quero sublinhar, com o exemplo desta inauguração, o quanto pode realizar um trabalho e um esforço conjuntos, das autoridades administrativas e técnicas do Estado e da União. É o que se observa, de fato, na concretização de uma obra importantíssima, como é esta rodovia. Sinto-me no dever, na qualidade de ex-secretário da Viação e Obras Públicas e usando também da delegação do ilustre colega que me substituiu naquela pasta, eng. José Carlos Porchat, de apresentar alguns números, que refletem o esforço que o Estado do Rio dispendeu na construção dessa rodovia. A BR-32, no seu trecho fluminense, une Campos a Cardoso Moreira, Itava e Itaperuna, até à divisa com o Estado de Minas Gerais, isto sem contar com o trecho Campos-São João da Barra, que não está ainda concluído. O trecho Campos-Itava tem uma extensão de 58 kms., havendo sido construídos 36 kms., em 1945, 6 kms. em 1955 e 16 kms. em 1956. No mesmo ano foram construídas, nesse trecho, 6 pontes com a extensão total de 161 metros. A despesa nesse lance da rodovia atingiu a Cr\$ 47.000.000,00, sendo Cr\$ 33.500.000,00 de verbas do Estado e Cr\$ 13.500.000,00 de verbas federais. O trecho Itava-Itaperuna tem uma extensão de 41 kms., dos quais 8 kms. foram construídos em 1945, na administração do ilustre Ministro Lúcio Meira, então Interventor Federal, e os restantes 33 kms. na administração do eminente general Edmundo de Macedo Soares e Silva, então governador do Estado, sendo 11 kms. em 1947, 15 kms. em 1948, 3 kms. em 1950, ano em que foi esse trecho inaugurado, a 19 de agosto. Foram executadas, ali, 30 pontes, com um comprimento de 396 metros. A despesa, no trecho em causa correu inteiramente à conta do erário estadual, que dispendeu ali Cr\$ 24.000.000,00. O trecho Itaperuna-Divisa com o Estado de Minas Gerais tem uma extensão de 33 kms., os quais foram totalmente construídos pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, que ali vem operando desde 1948. A despesa montou a Cr\$ 36.300.000,00, tendo sido construídas 9 pontes com a extensão de 120 metros. Em resumo, pois, exmo. sr. presidente Juscelino Kubitschek, o trecho ora inaugurado por v. exa., com a extensão de 132 kms., custou aos cofres públicos a importância total de Cr\$ 107.300.000,00. Ao Estado do Rio coube a parcela de Cr\$ 57.500.000,00 e ao Governo Federal a de Cr\$ 49.800.000,00, seja, percentualmente, ao D.E.R. fluminense, 55% e ao D.N.R.R. 45%.

Com justiça, as autoridades do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e o povo itaperunense acabam de deixar inscrita no bronze que encima o marco desta inauguração, a homenagem de sua gratidão ao gal. Eurico Gaspar Dutra, ex-presidente da República. Associado, neste preito de admiração, o nome do engenheiro Edmundo Regis Bittencourt, diretor geral do D.N.E.R. e ex-prefeito de Itaperuna, um dos mais renomados técnicos brasileiros, a quem coube projetar e em grande parte construir esta esplândida rodovia».

O NOVO VICE-DIRETOR DA CENTRAL DO BRASIL

Reparem na colaboração de Paulo Francisco sobre teatro. Um dos mais lúcidos observadores do movimento teatral brasileiro, escrevendo com elegância e personalidade. E dizendo coisas que os brícios de abreu e os paulos de magalhães provavelmente não gostarão de ouvir.

Neste número iniciamos a prometida série de entrevistas (não confundir com reportagens) com as moças que se transformaram em notícia. É mais do que um simples bate-papo. É um verdadeiro instantâneo da nova geração.

Resposta ao sr. Norberto Magalhães que quer saber a nossa opinião sobre a questão dos teleguiados. Estamos observando atentamente o desenrolar dos acontecimentos. Na hora exata daremos a nossa opinião. Por enquanto o assunto ainda não está interessando a opinião pública. Fique certo o sr. Norberto que não fugiremos ao assunto.

A Prefeitura continua atendendo a todos que procuram vacinar seus filhos com a Salk. De graça e com a melhor boa vontade. A propósito: o dr. Rinaldo de Lamare, na televisão, declarou que mesmo no calor não há inconveniente na vacinação.

Muita repercussão obteve a entrevista de Joel Silveira (com Vinícius de Moraes) sobre o cinema nacional. Joel Silveira (o maior repórter brasileiro) continuará presente na «Revista da Semana», com novas reportagens e entrevistas.

Agradando bastante a seção de Mr. Eco. Atrás desse pseudônimo está um dos mais profundos conhecedores da vida noturna carioca.

O sr. Camargo (o primeiro nome está ilegível) pergunta se a «Revista da Semana» tem medo de tocar na questão do petróleo. Já afirmamos várias vezes, sr. Camargo, que não existem assuntos fechados para a nossa revista. Mas não somos os donos dos assuntos. Todo assunto está preso a sua própria atualidade. Quanto a nossa opinião ao que se convencionou chamar de **nacionalismo** e de **entreguismo**, já foi expressa com clareza.

A srta. Neide Carneiro pede uma entrevista com Dóris Monteiro. Está sendo providenciada.

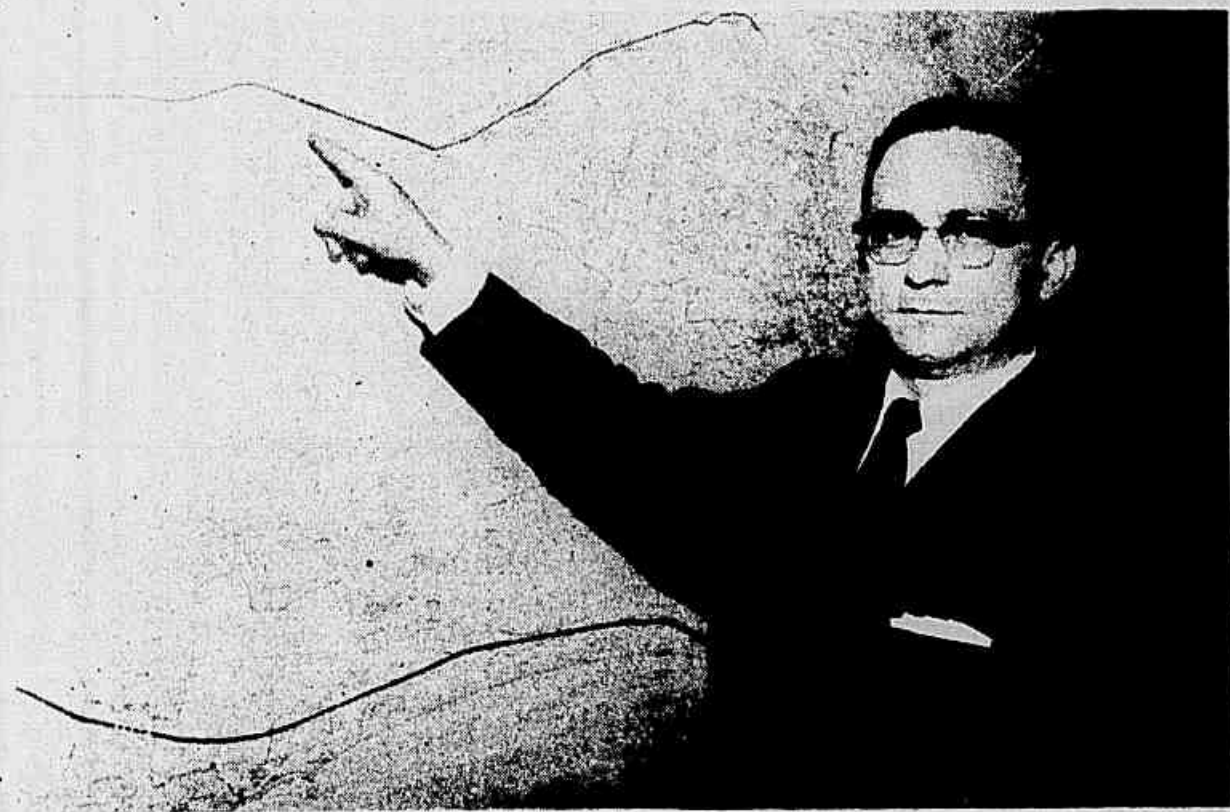
O sr. Jorge Carvalho pergunta se os cinemas terão seus preços aumentados. Não se cogita disso, no momento, sr. Jorge. Os exibidores fizeram uma tentativa há tempos, mas sem êxito. Voltarão à carga não duvidem. Mas deixarão passar algum tempo.



♦ A posse do dr. Brás Giácomo teve lugar no dia 30 de janeiro no gabinete da Vice-Diretoria da Central. Falou o diretor Jair de Oliveira enaltecendo a figura do novo titular, cuja competência, dedicação às coisas públicas e acentuada modéstia, influíram sem dúvida para a designação do seu nome àquele alto posto. Após congratular-se com o novo vice-diretor, foi este cumprimentado pelos engenheiros presentes, autoridades e jornalistas, aos quais foi servida uma taça de champagne.

O dr. Brás Giácomo iniciou sua vida na Central como nivelador de turma de campo, em 1937. Em 1938, por portaria do ministro da Viação e Obras Públicas, foi nomeado engenheiro da Comissão de Estudos da Linha do Centro. Após haver sido designado, em 1942, residente da 6ª Inspetoria de Linha, com sede em Mariano Procópio, passou a servir em Paulo de Frontin, no período de eletrificação da Serra, passando, em 1950, para a 1ª Inspetoria da Linha, com sede em São Cristóvão. Em 1953 era indicado para 1º assistente da Via Permanente, assumindo a função. Em julho de 1954 o dr. Jair de Oliveira nomeou-o chefe de seu gabinete. Na foto vêm-se também, entre outros, a jornalista Cora Lopes, o dr. José Lamarca e o dr. Ary Lopes Leal.

O HOMEM PARA O CARGO

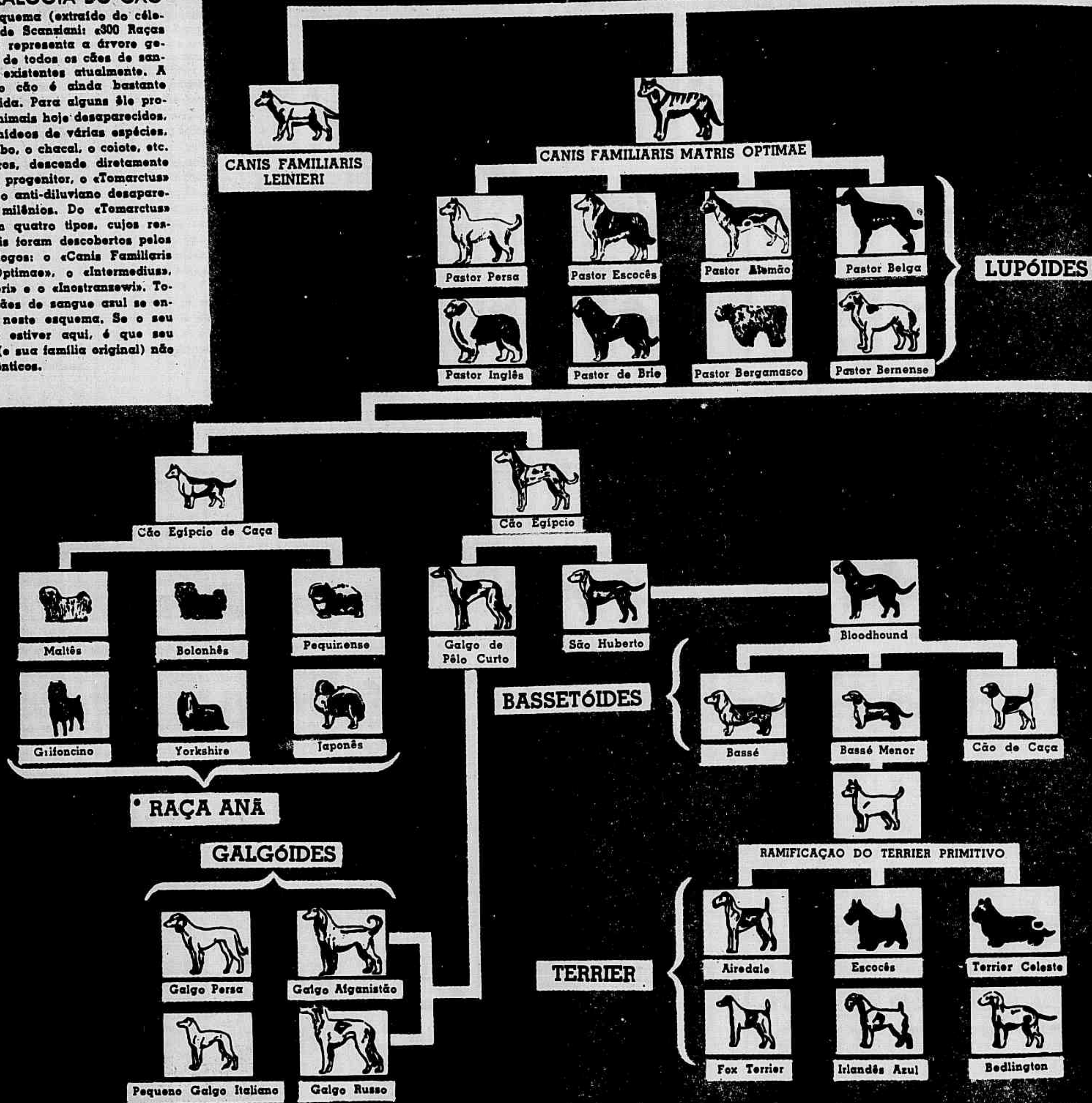


♦ Evidentemente, a escolha do engenheiro Adolfo Aguiar para a direção do Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura do Distrito Federal foi um ato dos mais acertados da administração pública do nosso país. Homem reconhecidamente capaz, trabalhador infatigável, devidamente compenetrado das altas responsabilidades do cargo que ocupa, Adolfo Aguiar teve o cuidado de cercar-se de elementos de grande valor, que muito da sua capacidade e da sua operosidade têm dado para a solução dos complexos problemas rodoviários que o Departamento vem enfrentando e resolvendo em benefício da cidade, sendo de justiça destacar Geraldo Neiva, seu eficiente e incansável assistente.

A obra notável que foi planejada e vem sendo executada sem alarde pelo Departamento de Estradas de Rodagem significa que jamais deveriam ser escolhidos os cargos para os homens, e sim os homens para os cargos. No flagrante acima, o dr. Adolfo Aguiar indicando no mapa rodoviário do D.F. uma das obras constantes do seu programa de trabalhos.

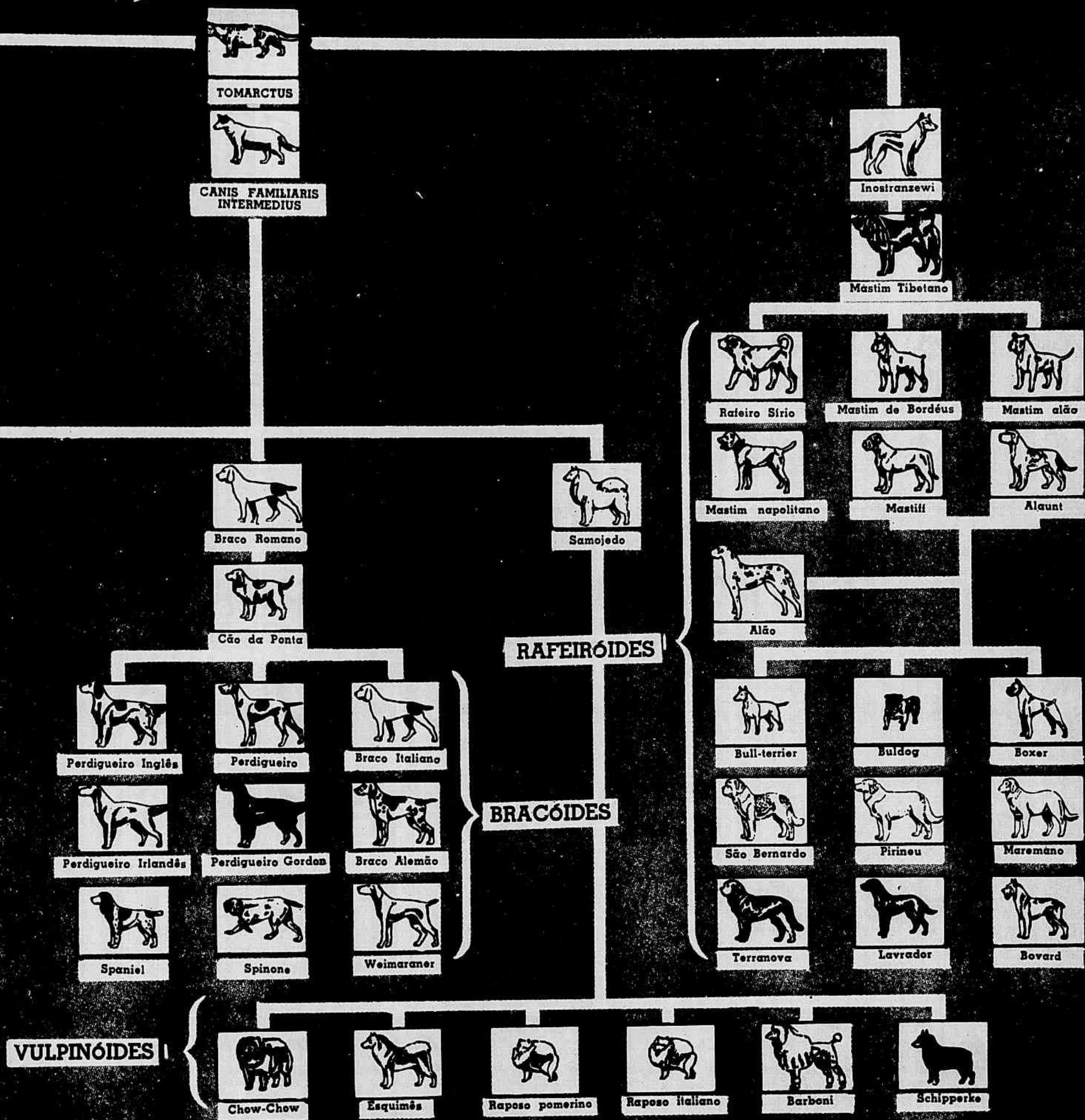
A GENEALOGIA DO CÃO

— Este esquema (extraído do célebre livro de Scanziani: «300 Raças de Cães») representa a árvore genealógica de todos os cães de sangue azul existentes atualmente. A origem do cão é ainda bastante controversa. Para alguns ele provém de animais hoje desaparecidos, ou de canídeos de várias espécies, como o lobo, o chacal, o coiote, etc. Para outros, descende diretamente de um só progenitor, o «Tomarcus» — canídeo anti-diluviano desaparecido há milênios. Do «Tomarcus» derivaram quatro tipos, cujos restos fósseis foram descobertos pelos paleontólogos: o «Canis Familiaris Matris Optimæ», o «Leinieri» e o «Inostranewi». Todos os cães de sangue azul se encontram neste esquema. Se o seu cão não estiver aqui, é que seu sangue (e sua família original) não são autênticos.



HIERARQUIA DOS

◆ Na enfermaria de uma criação de cães, em Virmar, o sr. Contaloni (à direita) tenta aplicar uma injeção de cálcio num dos seus campeões, com o auxílio de um dos empregados. O estabelecimento de Virmar é um modelo no gênero. A crescente popularidade do «boxer» trouxe como consequência a multiplicação dos seus exemplares no mercado; e na maior parte das vezes, em estado bruto. O problema atual é encontrar os caracteres anatómicos e morais do «boxer» em estado puro. Geralmente com quarenta mil liras (quatro mil cruzeiros aproximadamente) pode-se comprar uma boa cria de 2 meses de idade.



CÃES DE SANGUE AZUL

◆ Eis aqui três excelentes exemplares de quatro meses de idade. É nessa fase do seu desenvolvimento que o cão precisa ser tratado com maior carinho: o robustecimento do esqueleto é conseguido através de injeções de cálcio e de abundantes rações de carne (de preferência crua e não muito fresca). Particular atenção deve ser dada ao problema da verminose, que incide com muita frequência nos cães de pouca idade. De resto, os três fatores imprescindíveis a um perfeito desenvolvimento são: ar, sol e movimento. Assim, não haverá necessidade de vacina preventiva contra o mormo. Única advertência: não permitir que o cão permaneça em lugares úmidos e banhá-lo cotidianamente. Esses são os critérios universalmente aceitos para os cães do tipo e porte do «boxer».



No reino das "felipetas" entre "aigrettes" e "pailletés"

AGEM OS FALSOS E OS VERDADEIROS EMPRESÁRIOS

O PAI DA CRIANÇA — CONCURSO DE VEDETEINHAS — O PRESIDENTE DÁ O EXEMPLO — O EMPRESÁRIO QUE DEIXA SAUDADES — CARLOS MACHADO TAMBÉM É MÁGICO — O VENCEDOR DAS «FELIPETAS» — SER OU NÃO SER EMPRESÁRIO — CENSOR PUBLICISTA — PERCA-SE O APARTAMENTO MAS PAGUE-SE A DÍVIDA — A HEROÍNA DE MADUREIRA TALVEZ GANHE UM BUSTO.

Reportagem de ANTÔNIO CARLOS NOGUEIRA

3 O debilitado teatro musicado no Brasil, de dois anos para cá, vem sendo agravado no seu raquitismo por fatores vários, destacando-se como causa primordial do seu enfraquecimento a instituição das "felipetas", pequenos "vales" de ingresso que são distribuídos aos milhares pelos quatro cantos da cidade. Invenção de um empresário cuja paternidade não renega porque lucrativa, foram de logo as "felipetas" adotadas pela maio-

ria dos que se dedicam entre nós a esse gênero de teatro, concorrendo assim para a baixa qualidade de tais espetáculos. Num rápido balanço dos que adotam ou não tal sistema de engodo ao respeitável público, surgiu esta reportagem, que pretende mostrar a esse mesmo público como são, como agem e como trabalham os nossos empresários de teatro musicado.



SILVEIRA SAMPAIO

♦ O sr. Silveira Sampaio é tido entre os artistas como o empresário que deixa saudades. Jamais um seu contratado bateu às portas da Justiça do Trabalho para reclamar direitos e este é o seu maior elogio. Ator, autor, diretor, produtor, além de empresário, o sr. Silveira Sampaio sabe compreender as necessidades dos seus artistas, procurando resolver humanitariamente e na medida do possível os seus problemas, alguns até de natureza íntima. Respeitando, antes de tudo, o seu trabalho e zelando por sua responsabilidade artística, nunca, ao que se saiba, desceu ao protecionismo das vedetas, tão comum entre a maioria dos nossos empresários, por motivos óbvios. Tampouco se ouviu falar de um caso de indisciplina entre os seus contratados, em ondas e comentários. Durante três anos, o sr. Silveira Sampaio conseguiu manter quase intacto um elenco de grande sucesso e, quando o desfez, foi premido pelo zelo de não acarretar prejuízo aos seus artistas. Até os disse-me-disse tão comuns nos meios artísticos sempre pouparam os contratados do sr. Silveira Sampaio, fruto exclusivo de uma orientação rígida, mas sem ferir suscetibilidades. S. s. jamais encontrará dificuldades para organizar um elenco de uma hora para outra. E' só convocar que os artistas acorrerão. Cumpridor das leis, recolhendo as contribuições de previdência dos seus contratados, ator, autor, diretor, produtor e empresário dos melhores, Silveira Sampaio é o que se poderia chamar de «todo bom». E, como «todo bom», é inimigo das «felipetas».

LUIS IGLESIAS



◆ Depois de dezoito anos de ausência do teatro musicado, como empresário, tempo em que se dedicou exclusivamente à comédia, o sr. Luis Iglesias voltou com êxito para a revista, encenando uma peça despretenhosa mas bem feita. Correto nos seus compromissos, o sr. Luis Iglesias exige que com ele assim também procedam. E foi precisamente por isso que o atual Chefe da Censura, sr. Hildon Rocha, se deu mal na parada. Após ter aprovado a revista, em cena, do sr. Iglesias, entendeu, em busca de notoriedade, de ordenar «cortes» e proibir as fotos de biquini no «hall» do teatro. O sr. Iglesias, que apesar de baixinho é duro na parada, impetrou mandado de segurança, obteve a medida liminar e o sr. Hildon Rocha, com a aventura, tornou-se o publicista mais barato do mundo, a serviço, «malgré lui», do empresário. Paga em dia, retendo sempre uma quinzena dos salários de seus artistas — o que não fere a lei pois todos são mensalistas — resultando em benefício para contratante e contratados, para estes principalmente, que têm sempre um fundo de reserva na companhia para as eventualidades. Quando algum deles deixa de interessar, não discute, faz as contas, para a indenização, manda embora e «temos conversado». Há pouco, declarou que a vedeta ideal, no momento, é a moça Neide Landi, da safra das Marilyn Monroes nacionais. Não houve exagero na afirmativa. Foi a voz do empresário valorizando uma artista de sua companhia. E porque, além do mais, Luis Iglesias é um indivíduo coerente. O seu espetáculo não precisa de se valer do recurso das «felipetas». Vale o preço da entrada.

ZAQUIA JORGE



◆ Empresária estabelecida em Madureira. Dona Zaquia tem também a mania da co-autoria. Todas as suas revistas levam o seu nome, cabendo-lhe 5% dos direitos autorais e sobrando o restante 1% para o autor propriamente dito. E muitos autores a isso se sujeitam. De qualquer modo, dona Zaquia Jorge leva consigo a glória de conseguir agüentar-se num subúrbio longínquo. Dá condução de ida e volta para as suas contratadas (possui uma camioneta) e qualquer artista sem emprego basta se apresentar a ela que terá o pão nosso garantido. Resiste galhardamente a todos os contratempos — que não são poucos — e faz o que pode e as «felipetas» permitem, no campo artístico. Prima pelo mau gosto dos títulos de suas revistas, nas quais o anedotário picante é o forte. A atual peça em cartaz se intitula «Você não gosta». Se a gente não gosta, para que ir tão longe, não é? Paga em dia aos seus contratados e merece toda a simpatia, pois plantou-se em Madureira e de lá não mais saiu. E Madureira, como é do conhecimento geral, fica um pouquinho pr'a cá de São Paulo. Zaquia, porém, vai lá todos os dias dar cumprimento — bem ou mal — da sua missão, isto já há muitos anos, o que prova que os madureirenses estão gostando e talvez ainda lhe venham inaugurar o busto em praça pública.

GEYSA BOSCOLI



◆ Como Colé, outro empresário do tipo que não é. O sr. Boscoli, por força de trapalhadas de alto coturno com os milhões da vedeta Joana D'Arc, teve a sua carta de empresário cassada. Até aquela época, o sr. Geysa era um empresário correto, pagando religiosamente aos seus artistas, mas, de lá para cá, desandou. Embora sem a «carta», o sr. Geysa Boscoli continuou empresário de companhia mentada, recebendo subvenções, mandando e desmandando, cometendo arbitrariedades, tudo escudado por uma «firma» testa-de-ferro. Saiu-se, há pouco, ligeiramente airoso, da falseta que faz com a D'Arc, talvez agora, venha a aparecer oficialmente como empresário. Tem o seu quartel-general instalado numa sobreloja minúscula e escaldante de Copacabana, circundada por uma favela que se derrama pela marquise do edifício, sob os olhos complacentes dos zeladores do nosso urbanismo. E' também co-autor de todas as suas peças, inventou recentemente u'a «marca Geysa Boscoli», embora Brício de Abreu espalhe pelas esquinas que ele nunca escreveu um «quadro», valendo-se, sim, do arquivo de seu saudoso irmão Jardel Jercolis que, por sua vez, teria também traduzido muitas peças do espanhol. Quem diz é o Brício e deve ter as suas razões. Valdoso de sua glória teatral, dissolveu, não faz tempo, uma companhia em pleno sucesso, porque a revista era de autoria de Nestor de Holanda e o nome do conhecido jornalista estava em cogitações para a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. Acredita em magia negra e, toda sexta-feira, o seu «teatrinho» é convenientemente defumado. Não é — justiça se lhe faça — lá das «felipetas». Prefere dar as entradas de graça mesmo, desde que não seja para contratados seus.

SILVA FILHO



◆ Do gênero «felipeta». Forturado pelos caprichos das vedetas, muitas vezes, em pleno ensaio, dá-lhe a louca e anuncia que a companhia, ainda não estreada, está dissolvendo. Seus contratados não dizem nada e esperam, pois já estão acostumados com as «brincas» de Silva Filho, todas elas passageiras. Bom colega, tudo que faz é no sentido de não prejudicar ninguém. Afundou-se com uma companhia em São Paulo e vendeu o seu apartamento, pagando todas as dívidas. De um cheque sem fundos emitido por sua «estrêla», ganhou enorme publicidade para sua companhia no ano passado. Como consequência ficou seis meses no João Caetano e, se mais tempo lá não esteve, foi porque lhe tomaram o teatro. Feio, mas vaidoso, pinta os cabelos das mais variadas cores, cabelos ainda bastos e que não lhe fazem falta para os tipos grotescos que interpreta. Evita escândalos, pois já foi tintureiro e sabe que roupa suja se lava na intimidade. Adora um pif-paf (que muito dinheiro lhe tem levado) e acha muita graça nas anedotas que ele próprio conta. Sente-se deslocado como cômico e, se o físico lhe ajudasse, certamente seria galã. E' enfim, um bom empresário, humano, pelo menos para seus colegas artistas, diante dos quais muitas vezes transige até em excesso. Paga pouco, mas paga, e as suas revistas muito deixam a desejar em matéria de limpeza.

AGEM OS FALSOS E OS...



CARLOS MACHADO

♦ A faceta-empresário do sr. Carlos Machado é confusa, irregular e mágica. Os contratos de seus artistas não são registrados, em tempo, na repartição competente do Ministério do Trabalho, como manda a lei. Ou melhor: são registrados quando bem atendem aos interesses do empresário. Postos na gaveta, os contratos são uma garantia de irresponsabilidade para o sr. Carlos Machado. Se o seu contratado, por qualquer motivo, deixa de lhe interessar, a demissão é sumária e sem ônus para ele. E não há como reclamar porque contrato não registrado não tem qualquer validade. Em caso contrário e principalmente em se tratando de vingança, o contrato aparece milagrosamente registrado, com o carimbo da data de sua assinatura, embora já decorridos meses de vigência... Mágicas do sr. Machado que mágico também ele é. No dia em que o Instituto de Aposentadoria fizer uma devassa rigorosa e honesta nos livros do sr. Machado, pouca coisa resistirá. O empresário Machado, porém, tem uma grande qualidade: paga bons ordenados aos seus contratados, principalmente em se tratando de mulher bonita e que se sujeite às «esticadas». Já Grande Otelo (homem e feio), sustentáculo de todos os seus «shows», nunca teve vencimentos à altura do que realmente vale. Se, vero na parte disciplinar, o empresário Machado pune com multas as faltas dos seus contratados, o que contraria as leis mas nada lhe acontece. O empresário Machado tem a sua consolidaçãozinha de bôlso e aí de quem tentar contrariá-la. Julga-se um benfeitor do teatro nacional e dos artistas em geral e quem quer que com ele tenha trabalhado passa a ser considerado — por ele mesmo naturalmente — como um lançamento seu. Por trás dos «pailletés» há muita coisa para ser contada, mas o brilho incontestável dos seus espetáculos a tudo ofusca...



VIRGÍNIA LANE

♦ A benjamim dos empresários. A carreira artística da sra. Virginia Lane atingiu a tal ponto que os empresários não a podiam mais contratar. Os ordenados pedidos pela vedeta variavam entre cem a cento e cinquenta mil cruzeiros, além das naturais exigências que o estrelismo impõe. Impossível de ser contratada por quem quer que fosse, a sra. Virginia Lane resolveu ser empresária de si mesma e montou a sua companhia. Quem tanto se supervalorizou, entretanto, haveria de se revelar de um pãdurismo terrível e passou a depreciar os seus colegas de ontem e contratados de hoje. Sua primeira atitude como empresária foi organizar um concurso para a escolha do que ela chama de «vedetinhas», procurando valores tão carentes no teatro musicado. Entretanto, a empresária logo revelou os seus verdadeiros propósitos. O teatro de revista possui irresistível atração sobre as moças de literatura fácil e, quando as mesmas se resolvem a enfrentar a ribalta, pouco se lhes dá o ordenado que vão perceber. O importante é «começar» e o concurso é uma porta convidativa. E a empresária Virginia Lane, esquecida dos ordenados fabulosos pedidos pela vedeta Virginia Lane, organizou uma companhia aquém do salário mínimo, na base do concurso das «vedetinhas». No mais, estreou bem a sra. Virginia Lane como empresária. É diretora, ensaiadora, co-autora, administradora, estrêla e «S. Excia. a Vedette». Só falta ser cronista, como o sr. Carlos Machado. Mas não tardará a explosão do seu talento jornalístico.



PETRÔNIO (Colé) SANTANA

◆ Mais engraçado como empresário do que como cômico. Aliás, o cômico Colé (ou sr. Petrônio) sempre faz questão de frisar que não é empresário e isto porque, como presidente do sindicato da classe teatral, suas funções de empregador seriam incompatíveis. O empresário, porém, é ele mesmo, embora a existência de uma «firma» — como no caso do sr. Geysa Bôscoli — de responsabilidade do seu genitor. Talvez que, quando o sr. Petrônio (ou Colé) entregar o mandato da Casa dos Artistas — o que não tarda — volte a ser o empresário Colé (ou sr. Petrônio) e o cômico Petrônio (ou sr. Colé). Como presidente da entidade sindical ou como o cômico Colé, também contribui com a sua parcela para desmoralização do teatro musicado, adotando as famigeradas «felipetas». Três semanas antes de estreiar a sua atual companhia, a cidade já estava abarrotada dos papeluchos e cartazes afixados nos bares e botequins proclamavam a benemerência da invenção do sr. Zêzinho, entre fotos de risos galhofeiros do atual presidente da Casa dos Artistas, numa demonstração pública de que o exemplo vem de cima. E' também co-autor de tôdas as suas revistas, embora mal saiba assinar o nome. Embora bronco, tem os seus truques em momentos de lucidez. «Casa-se» sempre com a estrêla da companhia, o que, se a muitos pode parecer exibição donjuanesca, não passa de «vivacidade» para baixar a fôlha de pagamento. Entre o empresário sr. Petrônio (ou Colé) e o cômico Colé (ou sr. Petrônio), não há muito que distinguir.



WALTER PINTO

◆ O sr. Walter Pinto construiu o seu cartaz de grande empresário, fazendo circular a sua foto glamorosa e dentifricia pelos jornais. Nos espetáculos do sr. Walter Pinto, ele é a única vedeta. Vaidoso, de uma vaidade que vai arrefecendo com a chegada da velhice, o sr. Walter Torregiani Pinto — como Carlos Machado — trabalha na base do sexo. As suas revistas, conquanto as indefectíveis cascatas e apoteoses patrióticas de péssimo gosto, primam pelo desfile de mulheres nuas e piadas do tipo sal grosso, tudo emoldurado pelas montagens grandiosas. Paga bem e paga em dia aos seus contratados e é um dos poucos empresários que mantém abertas tôdas as dependências do teatro que ocupa a qualquer artista que por lá apareça. Dá toda assistência ao seu elenco e é o «rei» da Praça Tiradentes. Recentemente fêz uma desastrada excursão a países portenhos, mas foi salvo pela calamidade pública da revolução anti-peronista, que o isentou de todos os compromissos. E' «sortudo», e tem o seu público certo. Quando já se falava em dificuldades financeiras, eis-lo que surge novamente ganhando bastante dinheiro e vencendo a barreira das «felipetas», com uma revista das piores por ele produzidas e cujos ingressos eram vendidos a preço de Municipal. Não escreve nem o nome mas aparece como co-autor de tôdas as suas revistas. Cria sempre «quiproquios» com as suas contratadas por motivos extra-profissionais. Seu «hobby» predileto é glosar os aduladores — que são muitos — e vivem adejando em sua volta. Adora automóveis bonitos e certas pescarias. No mais, tem um sorriso enorme que não se cansa de mostrar. E' o seu próprio «public-relations», ocupação que exerce com indiscutível satisfação.

ILDE GARAVAGLIA JÁ SE APAIXONOU DUAS VÊZES

SEU AMOR É A ITALIANA: PARA VALER ★ UM «FURO» NOS COLUNISTAS ★ GOSTOU DAS TOURADAS ★ GILBERTO AMADO, O MAIOR HOMEM QUE CONHECE ★ SEU TIPO IDEAL ★ CONSELHO ÀS MAIS MOÇAS ★ ILDE CONTA SUA VIDA, PAIXÃO E GLÓRIA

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de YLLEN KERR

— «Eu custo a me apaixonar, mas quando me apaiono, é «espêto». Sou como os italianos, quando gosto, gosto mesmo» — essa confissão é de Ilde Garavaglia, moça da sociedade, uma das mais simpáticas, e «Glamour Girl» de 1955.

— «E você já se apaixonou?»

— «Já. Duas vezes».

— «E os culpados, souberam?»

— «Acho que sim. Eu nunca escondo nada.»

— «E agora, você está apaixonada?»

Nesse instante, Leonilde Maria Pia Garavaglia (é com G o seu nome), a Ilde, deu um sorriso, torceu o beijo e desconversou.

Voltei a insistir por outro caminho:

— «Como está o romance entre você e o João Batista? Cada colunista diz uma coisa.»

— «Cada um pense o que quiser. Talvez eu mesma não saiba como estamos.»

Ilde está dando uma entrevista. Informa, quando perguntada, que não tem medo do casamento. É categórica quando afirma:

— «Tenho certeza que serei feliz quando me casar e que farei feliz o homem que for meu marido.»

UM «FURO» NOS COLUNISTAS

Peço uma notícia que os colunistas sociais ainda não tenham divulgado. Argumenta que é difícil haver alguma coisa que eles não saibam. A conversa vai bater em Carnaval. Ilde se diz «foliona» e que gostou de todos os carnavais. Pensa e diz:

— «Pronto. Já tenho a notícia que você quer. Minha fantasia ainda não foi divulgada: toureiro. É um traje autêntico, que me foi ofertado

pelo toureiro espanhol Valêncio III, que vi toureando em Lima, no Peru. Tem, até, uma chifrada na perna direita.»

Ilde, sobre touradas, diz que a primeira a que assistiu lhe causou revolta, chegando, mesmo, a repugná-la. «Depois, na segunda, com matadores melhores, já tive melhor impressão. Agora, acho um belo espetáculo, principalmente quando matam o touro sem sangue, com uma picada fatal.

A TURISTA

Ilde já foi seis vezes à Europa, que conhece toda. Da América do Sul conhece, apenas, o Peru. Os Estados Unidos irá conhecer «muito breve». Acha que viajar é uma de suas paixões.

— «Lima foi uma cidade que me surpreendeu. Esperava não encontrar nada e vi uma cidade moderna, alegre, cheia de flores e com uma grande qualidade: adoram os brasileiros. Basta dizer que é do Brasil e se consegue tudo.»

— «Qual é o melhor lugar por onde andou?»

— «Para morar, prefiro o Rio mesmo. Para passar uns tempos, gosto da Itália.»

— «E Paris?»

— «Para se sentir Paris, viver Paris, é necessário que se passe algum tempo por lá. Não visitar, apenas, os lugares bonitos, indicados nos guias turísticos. É necessário algo mais. Quem olha só, acha uma cidade bonita mas cansativa. Só com tempo pode-se amar Paris.»

Quando combinei a entrevista, disse a Ilde que desejava sua vida, paixão e glória. A moça nasceu nas Laranjeiras, a 15 de abril de 1934. Logo depois, foi para Bangu, onde viveu 12

anos. Seu pai é químico da fábrica Bangu. Lá, andou muito de bicicleta e assistiu aos treinos do Bangu, time por que torce — como diz — «fanáticamente».

Estudou, interna, durante oito anos no Colégio Santa Marcelina. Depois, fez o curso clássico e os cursos de culinária, corte e costura, piano, decoração, cerâmica e línguas.

Esclarece:

— «Esse ano, se não fizer vestibular, pelo menos quero me matricular como ouvinte do curso de línguas neo-latinas, da Faculdade de Filosofia.»

Do colégio, diz:

— «Eu era muito desordeira. Não era malcriada nem respondona, tanto que as mães gostavam de mim e eu delas, mas que fiz muita bagunça, lá isso fiz.»

O MAIOR HOMEM

— «Qual é o maior homem que você conhece?»

— «Gilberto Amado. Tem tudo para ser um homem completo. É gozado, inteligente, simpático.»

— «Como seria o seu homem ideal?»

Pensa e responde que isso é muito difícil. Assim mesmo, reúne algumas qualidades indispen-

Ilde e o mar. As ondas gostaram de Ilde. Ilde sentiu calor e foi alegrá-las.





Três moças lindas — Heloísa Dolabela, Ilde Garavaglia e Rosinha Serzedelo Machado — em Joatinga, sentiram a força do mar e deixaram que o sol lhes queimasse o rosto.

sáveis: trabalhador, bem humorado, de caráter e, se fôr possível, «não faz mal que seja bonito.»

— «Dinheiro é importante?»

— «Importante não é, mas se fôr rico, é melhor. Se não tiver dinheiro, que tenha, pelo menos, vontade de trabalhar. Já é bastante.»

GERAÇÃO «COCA-COLA»

Responde que não se considera da «geração coca-cola». Nem os conhece bem, pois no seu grupo não existem. Sobre o «Rock'n Roll» gosta como música, «mas o que há, mesmo, é vontade de exibicionismo, junto com um pouco de extravagância.»

Perguntada sobre quem seria o melhor colunista, diz que é amiga de todos, e que cada um no seu gênero é melhor. Diz que já se acostumou em ser citada nas colunas e que acha graça quando dizem alguma coisa que não corresponde a verdade, desde que não seja ofensiva. Respeita a opinião de todos.

A primeira vez em que o seu nome apareceu nos jornais foi em 1949, quando debutou.

— «Estava nas nuvens. Nunca havia ido a uma festa a rigor e nem sabia dançar direito. Desde esse dia passei a recortar tudo que publicam a meu respeito. Já tenho três álbuns cheios. Daqui a alguns anos, vou ler tudo outra vez e me lembrar de uma porção de coisas.»

CONSELHO AS MAIS NOVAS

— «Qual é sua impressão sobre a nova geração da sociedade, dessas moças que vão surgindo, agora, em algumas colunas?»

Pensa antes de responder:

— «Algumas são fúteis, outras não. Talvez seja da idade, quem sabe. Fico impressionada é como se pintam. Elas se fazem velhas antes do tempo.»

— «Que conselho lhes daria?»

— «Que fôssem naturais. Naturalidade é tudo. A chave do sucesso é a simplicidade.»

— «A que deve seu sucesso?»

— «Creio que a simpatia. A maioria das pessoas gosta de mim e eu faço o possível para não criar inimigos.»

Acha que as mulheres mais elegantes da sociedade são as senhoras Gisah de Faria, Ivone Lopes, Teresa Souza Campos, Helene Matarazzo e Candinha Silveira. Os homens são: Válder Prietman, Otávio Guinle, Don João, Carlos Eduardo Souza Samps e Aloísio Sales.

Apesar de ter muitas amigas, entre as solteiras destaca Marina Mesquita e Heloísa Dolabela. Entre as casadas, Maria Helena Miller.

Quanto a preocupações, diz que tem sempre, mas nenhuma constante. Só usa o que está na moda quando se adapta ao seu tipo. Tem dois irmãos e é muito unida com eles. (De vez em quando sai um rôlo, mas acaba no mesmo instante).

Se fôsse deputado, seu primeiro projeto seria para fazer reabrir o jôgo. Justifica:

— «É o que falta ao Brasil. As belezas naturais atraem o turista, mas depois de cinco ou seis dias, ele vai embora, cansado. Com o jôgo, faríamos «shows» maravilhosos, proporcionando diversão a todos.



VAGLIA OU A IMPORTÂNCIA DE SER SIMPÁTICA



ILDE GARAVAGLIA

O MUNDO ACABANDO

— «Se faltassem 24 horas para o mundo acabar, que faria?»

— «Não sei. Era tanta coisa a fazer, que não haveria tempo. As vezes, leva-se uma vida inteira e não se consegue o desejado.»

— «Você gostaria de ser quem?»

— «Estou muito satisfeita como Ilde Garavaglia, mas, assim mesmo, gostaria de ser uma grande pintora.»

— «E se fôsse homem?»

— «Assim como o papai mesmo. Um homem sério, respeitado.»

Considera-se uma moça esportiva. Tem paixão pelo automobilismo, entende de futebol «como um homem», e é torcedora fanática do Bangu, indo assistir aos seus jogos. Acha «ainda e sempre», Zizinho o maior craque do futebol brasileiro. Não toma parte numa corrida de automóveis porque ninguém lhe daria o carro e porque seus pais não deixariam.

Ligado ao automobilismo, conta um caso:

— «Quando estou muito chateada, pego o carro e dou uma volta por aí, como uma louca. Corro sem destino, até passar minha raiva. Graças a Deus — acho que tem algum anjo me protegendo — nunca atropeliei ninguém nem dei uma batida.»

Quando está calma, tem vontade de pegar um barco e sair pelo mar agora, até cair a noite. Agora, está aprendendo a esquiar e «estou adorando».

A coisa que menos gosta é de pessoas que falam por trás das outras. Admira a sinceridade. Em qualquer programa, sempre encontra alguma coisa com que se divertir, por mais enjoado que esteja.

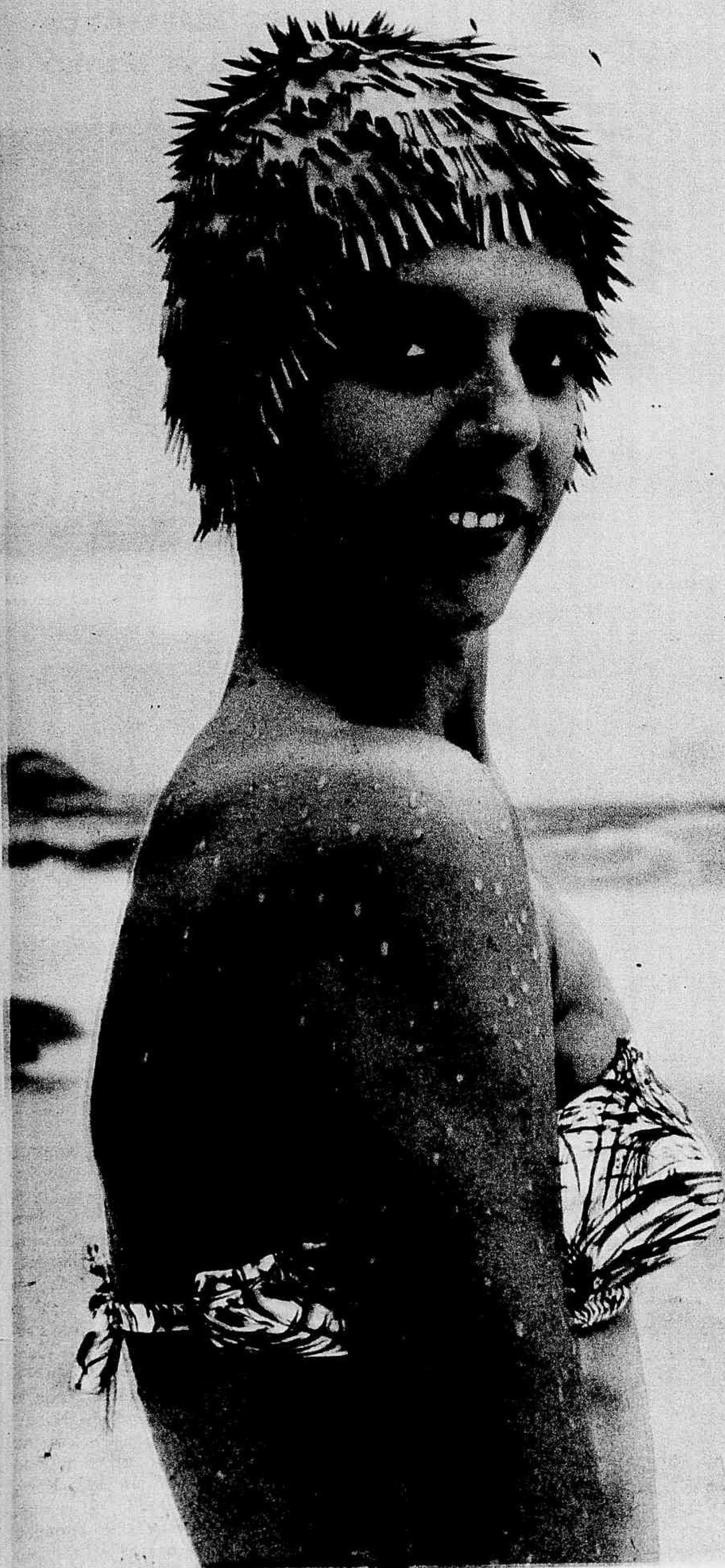
ALGUMAS PREDILEÇÕES

Seu perfume predileto é Iris Gris, de Fath; seu prato, feijoada; sua música, Arrivederci Roma; seus artistas, Vitório Gasmann, Marlon Brando, Ana Magnani, Eleonora Rossi Drago. Da leitura prefere a poesia e dos poetas Carlos Drummond de Andrade e (dependendo do dia) Augusto Frederico Schmidt.

— «E sobre o divórcio?»

— «Sou a favor, pois quem vive bem, não precisa dêle.»

A «Glamour Girl» que já se apaixonou duas vezes, trouxe da Europa uma touca diferente. Ainda não descobriu se é um porco espinho ou se são algas do mar.



ANIVERSÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO JAIR DE OLIVEIRA

QUISERAM os operários da Central do Brasil, em sua sede principal, nas oficinas da locomoção do Engenho de Dentro, ao ensejo do transcurso do quarto aniversário da administração Jair Rêgo de Oliveira, prestar-lhe uma ampla e simpática manifestação de aprêço. Para esse fim, milhares de artesãos, aguardavam-no, desde às 10 horas, no jardim das oficinas. Quando o operoso diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil surgiu — atendendo que foi ao apêlo dêsse denodados obreiros — produziu-se uma longa saudação de vivas, de palmas. E' que eles ao contrário dos anos anteriores, tinham sabido, que a força da sinceridade, que é o apanágio das almas nobres, devotadas ao dever, chamou-os para bem junto do seu afanoso convívio, para bem junto do seu coração. O dr. Jair de Oliveira disse, então, emocionado, ao pronunciar o seu discurso, quanto aquela manifestação lhe tocara à alma e que escusado era proclamar o quanto também lhe mereciam os que constroem, e que nas oficinas estão as armas com que a Estrada de Ferro vai vencendo a sua batalha pacífica, de dia a dia, no reparo dos vagões e das locomotivas.

Após seguiu-se uma partida de foot-ball entre o social Olímpico Ferroviário de Belo Horizonte (Horto Florestal) e o seu congênere daqui. Ao vencedor foi oferecido pelo dr. Jair de Oliveira, que deu o «kick-off», um rico troféu.

Terminada a partida voltaram todos para o salão de festas da Locomoção e a palavra do eng. Andrade Sobrinho, chefe do Departamento de Relações Públicas, empolgante, colorida, fêz-se ouvir. Disse que a personalidade de Jair de Oliveira é inconfundível, tal a simpatia que faz emanar de seus atos.

Cinco Presidentes da República e nove ministros da Viação reafirmaram-lhe inequívoca confiança, a começar por Getúlio Vargas, que já o conhecia desde quando era chefe do Departamento Financeiro da

ACLAMADO O DIRETOR DA CENTRAL DO BRASIL PELOS OPERÁRIOS DAS GRANDES OFICINAS DO ENG. DE DENTRO



O dr. Jair de Oliveira no momento em que entregava ao vencedor da partida de foot-ball um lindo troféu, tendo ao seu lado o dr. João Mussurunga e o sr. Walter Buttler. Em baixo, um representante do povo saúda o dr. Jair de Oliveira.



Operários homenagearam o dr. Jair de Oliveira, aguardando-o em frente às oficinas do Engenho de Dentro com numerosas faixas.

Estrada de Ferro. Acrescentando, lembrou como partes de seu sucesso à frente da Administração da Estrada em primeiro lugar, o planejamento elaborado, depois a harmonia e cordialidade entre os ferroviários, e, por último, a segurança do trabalho técnico. Junte-se a tudo isso, a simpatia de um líder e os atos democráticos que o acompanham e está feito o retrato majestoso de Jair de Oliveira, diretor da Central do Brasil.

Encerrou tão bela festa de amizade o representante dos Ferroviários de Minas, terra da Liberdade e que hoje, como no sonho de 1789 se projeta para o mundo na pessoa do Presidente Juscelino Kubitschek, e um representante do povo que, associando-se aos servidores do Engenho de Dentro, disse que se sentia feliz por participar da homenagem, pois o dr. Jair não é apenas diretor da Central, é, também, uma figura querida da cidade.



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS (ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



AZ452-EB-1

EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda

38

VIAGENS POR DIA

cada
meia hora

EM S. PAULO TODOS

A Prefeitura de S. Paulo é muito infeliz com seus ocupantes. Ninguém pára como prefeito. Eleitos, logo querem disputar outros cargos, (e curiosidade), têm sido bem sucedidos. É um cargo típico para trampolim. Por isso, quando se



ADEMAR DE BARROS

◆ O doutor Ademar de Barros é hoje um homem desorientado. Ele mesmo nem sabe o que quer. Ameaçado de novos processos, precisa urgentemente de um mandato eletivo para se cobrir com a desculpa de ser representante do povo e escapar à cadeia. Até agora não decidiu se vai ou não vai ser candidato. Se fôr, será derrotado na certa. Sua carreira política acabou e ele não percebeu. Pretende (segundo declarou) refazer de novo todo seu caminho, ou seja: Prefeitura de S. Paulo, Governo do Estado, Presidência da República. Autêntico sonho de uma noite de verão. Desta vez o doutor Ademar nem conseguiu unir seu próprio partido, pois os doutores Lino de Matos e Arnaldo Cerdeira (que não são bobos) já viram tudo e abandonaram o barco.



IVETE VARGAS

◆ A simpática, jovem, quase inteligente e habilidosa d. Ivete Vargas, ainda não sabe se vai ou se fica. Formada politicamente na escola de seu illustre (e falecido) tio, herdou-lhe as manhas, os avanços e recuos, a técnica de dizer SIM quando quer NÃO e NÃO quando quer SIM. Com tudo isso seu prestígio eleitoral não é muito grande e ela sabe disso. Mas é boa ora, sabendo que em política uma negociação bem feita é mais importante que qualquer coisa. E continua a negociar. Candidata mesmo ela não vai ser. Nem a prefeito nem a vice. Mas que vai sair «amiga de infância do vencedor» (seja ele quem fôr) ninguém duvida. Para isso ela tem Vargas no nome.



DAGOBERTO SALLES

◆ O demagogo mor de São Paulo. Está querendo ser vice na chapa de Ademar, de Prestes Maia ou Oscar Pedrosa Horta. O que ele quer é ficar à sombra de alguém. Com a campanha dos minerais atômicos, o sr. Dagoberto pensou que fôsse se transformar no verdadeiro anti-Jânio. Mas continua mais desconhecido do que antes. Nem os comunistas (a quem ele serviu durante muito tempo como inocente útil) se lembraram de seu nome. Dificilmente conseguirá uma chapa para encaixar seu nome. E mesmo que consiga, será derrotado na certa.



PRESTES MAIA

◆ O doutor Prestes Maia construiu reputação de bom administrador, precisamente como prefeito de S. Paulo na época em que o sr. Ademar de Barros era interventor. Depois disso muita coisa aconteceu. Muitos cargos o dr. Prestes Maia já disputou e sempre sendo derrotado. Insiste de bôbo. Pois vai acumular mais derrotas. É um homem honesto, dizem que de visão (temos nossas dúvidas), mas que não tem prestígio eleitoral. Única chance de ganhar a Prefeitura em março: se o doutor Jânio resolver apoiar o seu nome. Aí então será uma barbada. Mas só nesse caso.

QUEREM A PREFEITURA

anuncia a eleição. para a Prefeitura de S. Paulo, os políticos se assanham e todos querem ser candidatos. Vejamos rapidamente como se situa no momento o quadro eleitoral paulista, e quem são as forças da eleição que se aproxima.



JÂNIO QUADROS

◆ Tem prestígio eleitoral indiscutível. Mas está na expectativa. Se o sr. Ademar de Barros não for candidato, acredita-se que o governador, desinteressado, assistirá a eleição, na posição de «magistrado». Mas se o sr. Ademar resolver se aventurar e correr o páreo, então o sr. Jânio Quadros já tem tudo preparado para desfechar uma campanha fulminante em favor do sr. Prestes Maia. E numa campanha eleitoral o sr. Jânio Quadros é de uma eficiência monstruosa. Ainda mais com a máquina do Estado nas mãos. Todos os candidatos servem para o sr. Jânio Quadros, menos naturalmente o doutor Ademar de Barros. Pois se ele ganhar a eleição para prefeito da capital, o sr. Jânio Quadros estará com o seu futuro político bastante ameaçado.



OSCAR PEDROSO HORTA

◆ O doutor Oscar tem bom nome em São Paulo. Mas não tem prestígio eleitoral. Seus amigos nem sabem como ele foi entrar nessa corrida, pois seus votos (bem somados e contados) não dão para conseguir uma cadeira de deputado. Ainda mais lutando contra Jânio e Ademar. Dizem que seu nome serve apenas de cortina de fumaça e que na hora exata será retirado para dar lugar a uma composição poderosa. Só vendo. Se essa composição se fizer em torno do sr. Ademar de Barros, apenas conseguirá uma coisa: enraivecer e provocar o sr. Jânio Quadros que então se lançará, a fundo na luta. Derrotando Ademar, Dagoberto, Ivete e o tão simpático e inteligente Oscar Pedroso Horta.



EMÍLIO CARLOS

◆ O antigo locutor de rádio, e hoje abastado parlamentar desta praça, já por 3 vezes foi o deputado mais votado de S. Paulo. Valerá isso como credencial numa luta em que se enfrentam as feras eleitorais do Estado? Não se pode responder com exatidão. Mas sabe-se que ele é político sagaz, e que se aceitar a vice na chapa de Ademar, é porque tem muita chance de vitória. Pois Emílio Carlos não é homem de ficar puxando brasa para a sardinha dos outros. Na última hora o doutor Emílio é bem capaz de abandonar o páreo e ficar espiando o resultado.



PORFÍRIO DA PAZ

◆ O general-farmacêutico, recordista mundial de vices, está querendo conseguir uma promoção. Mas não está fácil. Todos acham que para vice ele é ótimo. Para efetivo são outros quinhentos mil réis. O governador Jânio Quadros que tem uma lábia terrível, já conseguiu amolecer as pretensões do general-farmacêutico, com uma promessa: se ele ficar bonitinho, o governador deixa ele exercer o cargo por 20 dias. E só com essa promessa o general-farmacêutico já ficou todo contente. Pode haver coisa melhor (para ele) do que morar no palácio, ter carro a disposição e funcionários solícitos, durante 20 dias?



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



AGENTES

REPRESENTANTES-VENDEDORES — Tecidos pelo reembolso

Se V.S. já é agente de reembolso, não perca a oportunidade de conhecer também nossas condições.

As melhores qualidades de tecidos, inclusive PERROTS.
Preços excepcionais e vantajosos descontos.
Farto material de trabalho.
Ótimas comissões, com amplas possibilidades.

Organização Excelsior — Caixa Postal 1304 — São Paulo

Nome:

Rua: Nº

Cidade: Estado:

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
- IMPORTADORES -



Mil

ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LIMPADORES FAROLAS

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144

- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO APROVEITADO -
- A MILIONÁRIA DO CASTELO -



O INFERNO PRIVADO DE AVA GARDNER

CONFISSÕES PROFUNDAMENTE SINCERAS, FEITAS PELA PRÓPRIA ATRIZ, NOS PERMITEM TRAÇAR O RETRATO AUTÊNTICO DE AVA GARDNER E DO «HOMEM IDEAL» QUE HÁ TANTO TEMPO ELA PROCURA — «MICKEY ROONEY ERA UM MENINO SIMPÁTICO QUE SE COMPORTOU ASSIM DURANTE TODO O NOSSO CASAMENTO» — «DOS TRÊS MARIDOS QUE TIVE, ARTIE SHAW FOI O QUE MAIS ADMIREI» — «DE BOM HUMOR, FRANK SINATRA É A MELHOR PESSOA DO MUNDO. QUANDO ESTÁ NERVOSO TRANSFORMA A VIDA DE QUALQUER PESSOA NUM INFERNO.

Reportagem de NORMA CARNEIRO

QUANDO Grace Kelly se casou com Rainier, em abril, um dos convidados mais visados era Ava Gardner. Enquanto Grace percorria a nave principal da igreja, Ava murmurava para o seu cavalheiro: «Presta atenção aos olhos do pai de Grace. Ah! Como a invejo! Se eu tivesse um pai em que me apoiar! Estava pensando no gênero de vida que estaria levando se tivesse tido uma infância serena e tranqüila como a de Grace. Aos 34 anos, Ava é uma das mulheres que mais sucesso já conseguiu (no mundo), mas em compensação é uma das mais descontentes. Sofre ainda as conseqüências de uma adolescência infeliz e de três casamentos frustrados. Um outro fator que nos leva ao conhecimento de Ava Gardner é o seu medo mórbido de morrer de câncer, exatamente como a avó e a mãe.

Mantivemos contato com o inferno privado de Ava Gardner numa série de encontro que com ela tivemos na América e na Europa, durante o último ano. O primeiro encontro foi um pouco antes dela deixar Hollywood para sempre. Ava estava evidentemente indignada e queria conversar com alguém. Dêsse modo, convidou-me para jantar. Comemos um bife, que ela própria preparou. Depois do jantar, desejando beber «tequilla», disse-me que conhecia um lugar onde serviam um excelente, de origem mexicana. Mas o restaurante estava fechado. Propus-lhe em tom de brincadeira que fôssemos beber no México a 300 quilômetros de distância. Ava aceitou imediatamente.

Quando estávamos sentados num bar, já em território mexicano, um jovem aproximou-se da nossa mesa e perguntou se a «señorita» era a própria Ava Gardner.

Ava me olhou com ansiedade. E balançando a cabeça, disse: «Não, sou apenas parecida com ela».

O homem sorriu para Ava e replicou: «Ótimo que você tenha o mesmo aspecto, mas espero que não seja imoral como ela».

Ava apertou fortemente o meu braço, e disse: «Ava Gardner é uma mulher estúpida, não é verdade?»

O jovem concordou, dizendo: «E' uma depravada!». Desculpou-se e voltou para a sua mesa.

— Está vendo? — disse ela. — Em qualquer lugar em que eu esteja acontece a mesma coisa, graças a propaganda dos jornais. São eles os responsáveis por esse conhecimento errôneo da minha pessoa. Ninguém ainda disse a verdade sobre a minha vida. A vida de uma atriz nos Estados Unidos é a vida mais solitária do mundo. Na Europa é diferente. Lá a gente vive em paz. Ninguém acredita quando eu digo que pretendo morar na Europa. Mas é o que farei. Estou certa de que partirei para nunca mais voltar.

Colocou violentamente o copo sobre a mesa. Pediu outro «tequilla». Ava bebeu à maneira mexicana: apanhou um pouco de sal entre o polegar e o indicador da mão esquerda, colocou na ponta da língua, e bebeu o líquido de um só gole. Uma garôta estava dançando o flamengo.

Ava começou a acompanhar o ritmo com um movimento de corpo, batendo com a mão e gritando: «olé».

Ao terminar a dança, convidou os bailarinos para beberem na sua mesa. — São uma gente viva — disse — e eu gosto muito de conversar com gente deste tipo, real, sincera, não sofisticada como a de Hollywood.

Enquanto os bailarinos não haviam chegado, Ava batia na mesa com os dedos. E quando chegaram se desculparam por não lhes ser permitido demorar mais que alguns minutos. Ava tentou convencê-los, em vão. Marcaram um encontro em outro local, tarde da noite.

Saímos. Depois, enquanto caminhávamos lentamente pelas ruas da cidade, percebemos que havíamos esquecido o nome do clube onde deveríamos encontrar os dois dançarinos. Ava estava decidida a encontrá-los e assim percorremos todos os «cabarets» locais, mas sem resultado.

Disse-lhe, então, que já eram três horas da madrugada e que tínhamos um longo caminho a percorrer para chegarmos em casa. Ava queria beber mais um pouco; entramos num bar e bebemos um outro «tequilla».

Na fronteira, um policial perguntou se trazíamos frutas ou álcool. Respondi que não. O policial levantou a ponta da capa de Ava e encontrou sobre as suas pernas uma garrafa de «tequilla». Repreendeu-a.

Ao recomencarmos a viagem, reprovei-a por sua conduta. Ela não disse uma só palavra. Mas compreendi que, se continuasse falando, iria aborrecê-la. Poucos minutos mais tarde, Ava parou o carro e pressionou, enraivecida, o botão do rádio, passando de uma estação a outra até encontrar o que queria: uma orquestra estava transmitindo rumba...

Algumas milhas antes de Palm Spring entramos num bar, onde Ava pediu torta e café. Quando comíamos, ela notou um jovem casal sentado na outra extremidade do banco.

— E' como se eu soubesse tudo a respeito deles — murmurou. — São amantes e vivem juntos. Aposto que ele trabalha numa fábrica de aviões e que eles têm dois filhos, um menino e uma menina.

Ava queria a todo custo fazer qualquer coisa pelos dois, mas pouco depois não se recordava mais dos seus propósitos. Eram cinco horas quando paramos na porta da sua casa, em Palm Spring, ao lado do aeroporto. Maureen, a criada, estava à sua espera. Eu estava morto de cansado, mas Ava não aparentava fadiga de espécie alguma.

— Costumo nadar um pouco antes do almoço — disse.

Vestiu-se à moda caseira: calça curta, blusa branca e um colar de pérolas. Enquanto preparava o almoço, discutia com Maureen as particularidades do cardápio. Ficaram de acordo quanto ao café, uva, salsicha e pão torrado.

Depois do almoço, Ava pôs-se a fazer a lista do que precisava para passar o dia.

— E' preciso comprar biscoitos — disse Maureen.

— Como se escreve «biscoito»? — Perguntou Ava.

Uma outra dificuldade surgiu quando ela teve de escrever a palavra «cottage-cheese» (uma variedade de queijo). Finalmente, ela e Maureen resolveram escrever simplesmente «queijo».



Filmando. Ava Gardner é mulher inteiramente diferente, que sempre mereceu elogios dos que com ela trabalharam. Mas fora do trabalho é uma torturada.



ARTIE SHAW



MICKEY ROONEY



FRANK SINATRA



WALTER CHIARI



«Meu casamento com Frank Sinatra parecia definitivo. No princípio quase não saíamos de casa, ou íamos jogar golfe com amigos. Mas depois, Sinatra começou a dar mostras de descontrole e a mostrar seu terrível egoísmo. E tudo foi por água abaixo».

Ava disse que conhecia gramática, mas tinha medo de misturar a grafia dos vocábulos.

— A minha vida seria agora bem diferente se eu tivesse tido uma educação diferente da que me deram.

— Ava, quem você gostaria de ser? — Perguntei de repente.

— A rainha da Inglaterra! — exclamou. — Ela tem marido, dois filhos, e todos lhe querem bem.

Muitas vezes, durante as várias entrevistas que mantive com Ava Gardner, tive a impressão de que conversava com uma doente. O ar quase clínico com que me falava de si como de um caso clínico provocava-me um certo mal estar.

Tôda a sua vida parece uma aposta consigo mesma para ver a que ponto pode chegar. Mas até agora não atingiu o limite. Pode consumir uma enorme quantidade (e variedade) de bebidas sem se embriagar. Pode passar uma noite inteira fora de casa, sem dormir, e não demonstrar a menor fadiga. Seu apetite é prodigioso; come tudo o que quer e a qualquer hora. Dirige o seu «Mercedes» sempre a grande velocidade; mas tem uma sorte fora do comum...

A única coisa que ainda lhe resta é a beleza física; e sente-se desesperada quando lhe dizem que vai ficar feia, ao chegar à velhice. Por isso, procura viver ao máximo cada momento da existência. Em segredo, continua pensando que a única solução para o seu caso é um matrimônio feliz.

Quando ainda era uma atriz desconhecida na capital do cinema, casou-se com Mickey Rooney, porém divorciou-se pouco tempo depois; ele tinha vinte e um anos e ela vinte. Nos três anos que se seguiram ao pri-

meiro divórcio, Ava casou-se mais duas vezes. O segundo marido foi Artie Shaw e o casamento durou apenas um mês. Finalmente, em 1951 desposou Frank Sinatra.

Durante o período em que viveu sôzinha, entre um e outro matrimônio, o nome de Ava Gardner tem sido associado a dezenas de homens. Mas a atriz sempre manteve um discreto silêncio a respeito dos homens que desempenharam um papel importante na sua vida sentimental. Entretanto, à proporção que o tempo passa e Ava se vai sentindo mais solitária, mais ela se refere ao «seu homem», em geral com um tom de benévolo simpatia. Eis o que diz a respeito do seu primeiro marido:

— A mãe de Mickey Rooney disse-me certa vez que seu filho, logo que consegue qualquer coisa, deixa de desejá-la. Não passava de um menino, e foi assim que se comportou durante o nosso casamento; todos diziam que me aproveitei do prestígio dele para fazer carreira no cinema. Mas a verdade é que ele era muito simpático, gentil, e um pouco romântico. Seria mais belo se fôsse um pouco mais alto; tinha um excelente caráter, e andava sempre bem humorado. Quando casei-me com ele julguei haver encontrado aquilo que buscava, mas logo compreendi que o meu papel não devia ser o de uma mulher ou de uma companheira, porém o de uma simples espectadora. Hoje pergunto-me como pude ser tão ingênua a ponto de julgar poder encontrar a felicidade num homem cuja natureza inquieta sempre o afastava da verdadeira maturidade.

Sôbre o seu segundo marido, Ava é menos loquaz:

AVA GARDNER: "O QUE EU QUERO É UM MARIDO E FILHOS".

— Dos três maridos que tive, Artie Shaw foi o que mais admirei. Ele sempre se casava com as mulheres que amava e, ainda que já se tivesse casado sete vezes, foi um dos homens mais honestos que conheci. Pessoalmente, creio ser impossível para qualquer pessoa viver com ele, mas tenho-o em grande conta. Ensinou-me a estudar e sob a sua influência li uma porção de bons livros. Graças a ele conheci Hemingway e adquiri gosto pela velocidade. Introduziu-me também no mundo da música sinfônica.

E' claro que também Frank Sinatra deixou fortes impressões no seu espírito:

— Antes de encontrar Frank Sinatra, havia decidido que não mais desposaria um ator; dois já haviam sido bastante e eu não queria misturar-me a mais gente daquele ambiente. Logo que o conheci, a Metro se opôs a que o encontrasse pelo fato dele ser casado. A imprensa utilizava os nossos encontros e os comentava como se fôssemos criminosos. A opinião pública ficou francamente contra nós. Mas Frank assegurou-me que estava prestes a se divorciar. O meu casamento com Frank Sinatra foi o mais feliz da minha vida. Ele era bom e carinhoso na maior parte do tempo; mas, infelizmente não era sempre assim.

— Inicialmente, a nossa vida foi muito tranqüila. Saíamos sempre, e a primeira recepção que demos em Hollywood teve lugar no Mocambo, logo após o nosso casamento. Às vezes convidávamos alguns amigos, mas a maior parte do tempo passávamos sòzinhos, lendo ou conversando. Enquanto eu estudava piano, Frank tomava lições de flauta. Durante o dia jogávamos golfe.

— Passamos o primeiro mês estudando reciprocamente o nosso caráter. Nesse período aconteceram coisas que deveriam ter-me servido de advertência. Notei que ambos éramos despóticos e ciumentos. Frank tem um temperamento latino que explode facilmente. Mas o pior de tudo é que ele tinha o hábito de se retirar no calor das discussões, e deixava-me sòzinha doida de raiva.

— Quando de bom humor e livre de preocupações, Frank era a pessoa mais delicada do mundo, mas quando estava agitado e nervoso, constituía um verdadeiro inferno. Não queria de maneira alguma que eu mantivesse contato com a imprensa. Ele era o primeiro a dizer que eu não pretendia conceder entrevista, alegando tratar-se de uma medida de proteção. Agora pergunto: porque razão ele atualmente desfruta da simpatia do público, enquanto eu sou considerada uma mulher sem classe? Não quero, com isto menosprezar o seu valor pessoal; na realidade, é um homem fascinante, simpático. Mas hoje Frank concede entrevistas a todo mundo e convida Hedda Hopper para jantar. Essa sua mudança causou-me um profundo desgosto. E me pergunto se não terá sido por causa da importância que tem para ele o sucesso artístico. Isto me surpreende e me faz duvidar da honestidade de quase todo mundo.

Certo dia perguntei a Ava Gardner por que motivo todos os seus matrimônios haviam fracassado. Eis a sua resposta:

— Sou muito ciumenta de todas as pessoas a quem amo. Quero estar sempre com elas, vê-las, tocá-las. Ademais, toda separação é trágica para mim, porque o diabo do ciúme começa a sussurrar no meu ouvido as

dúvidas mais atrozes e eu começo a me sentir destacada da pessoa a quem amo.

— Creio que a razão dos meus fracassos matrimoniais reside no fato de eu amar demasiadamente, mas sem sabedoria. O meu grande defeito é ser ciumenta. Quero que o meu homem seja sòmente meu. Isto é tudo. Ainda não fiz uma estatística, mas sou capaz de apostar que 99% dos homens traem as suas mulheres, por mais que estas façam para retê-los ao seu lado. Mas comigo não acontece isto. Um amor é o bastante para o homem; sòmente os rapazolas podem sentir-se desejosos de ter diversas aventuras, e isto para provarem a si mesmos que são homens.

Dos outros homens que passaram pela sua vida, Ava não gosta de falar; certamente não valem a pena. Porém, referiu-se ao toureiro Mário Cabré:

— Era um rapazola e não um homem. Eu gostava levemente de estar com ele, mas jamais o desposaria. Tomou parte no filme «Pandora» e foi a um jornal inventar um romance que envolvia os nossos nomes só para fazer publicidade do filme. Essa história trouxe Frank Sinatra à Espanha. O que aconteceu depois, todo mundo sabe.

Houve um segundo toureiro na sua vida: Luiz Dominguin, hoje marido de Lucia Bosé; mas, foi-se o tempo em que se dizia que ele ia se casar com Ava Gardner. Eis o que disse Ava a tal respeito:

— Era muito jovem; tinha apenas vinte oito anos. Nunca despertou interesse em mim. Não que eu meça a maturidade de um homem pela idade, mas é que não quero estar sòzinha quando chegar aos quarenta e cinco anos.

Entre o primeiro e o segundo matrimônio, sempre esteve acompanhada de Howard Hughes, industrial, milionário, proprietário de uma fábrica de aviões, do qual Ava ainda é grande amiga.

— Gosto de Howard porque ele sempre esperou casar-se comigo, e isto é muito lisonjeiro para uma mulher. Além disso, sempre procurou tornar possíveis as coisas que eu desejava. Por exemplo, estou em Palm Spring e preciso ir a Cidade do México. Telefonei para Howard e cinco minutos depois um automóvel pára à minha porta, pronto para me conduzir ao aeroporto. Ao chegar ao meu destino, uma «limousine» leva-me para o melhor hotel da cidade, onde já existe um apartamento reservado. Howard é o tipo mais fascinante do sul dos Estados Unidos.

Ava provou suficientemente, nos seus sucessivos matrimônios, que é uma mulher capaz de ser fiel a um só homem. E' uma virtude de que a bela atriz se gaba freqüentemente e pela qual está sempre disposta a fazer os maiores sacrifícios. Morgan Hudgine, agente da Metro, afirmou:

— Ava deve sentir que possui o seu homem. Neste ponto é egoísta. E certa vez um psiquiatra disse-lhe que não havia possibilidade de mudança, pois que isto fazia parte da sua constituição.

Recentemente, Ava disse:

— Devo ao destino o fato de sempre sair derrotada nas minhas lutas sentimentais. Todas as vezes que amo e julgo estar sendo amada, encontro a solução no casamento. E sempre o faço com a maior boa vontade; entretanto, se agora eu me casar e o meu matrimônio fracassar, tenho quase certeza que morrerei. E se não morrer, cometerei o suicídio.

Ava Gardner sofre horivelmente quando lhe dizem (ou quando sabe que dizem) que é uma mulher desequilibrada. Nunca ninguém perseguiu mais denodadamente a felicidade do que essa mulher belíssima, de 34 anos, que já teve 3 maridos. E nenhum amor.





NAS BOAS CASAS E NOS
SALÕES DE BELEZA E PLÁSTICA
DE
Mme. CAMPOS
A melhor limpeza de pele do Rio.
Assembléia, 115 - 1º - Tel. 22-1184
RIO

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correo.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

LEIAM

REVISTA DA SEMANA

CR\$ 7,00 EM TODO O BRASIL



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

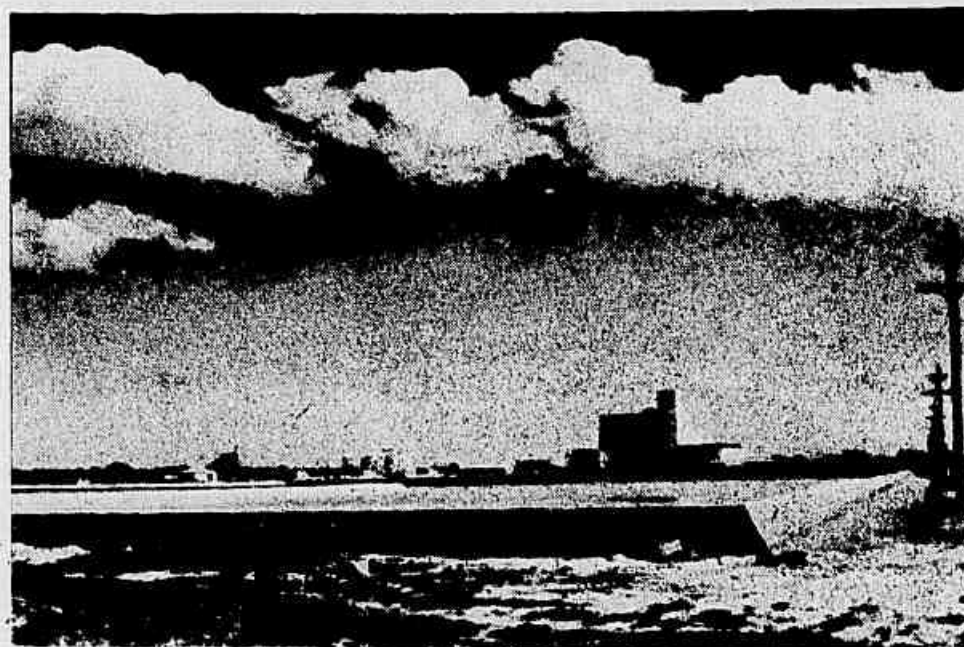
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA «DE FRANCO»
Rua General Osório 724 — São Paulo

Campanha Nacional contra o Bócio



Vista geral das salinas Perinas, destacando-se entre outros edifícios, o da Fábrica de Bromo, ontem inaugurada.

◆ Foi lançada em Cabo Frio, a Campanha Nacional contra o Bócio Endêmico. A solenidade contou com a presença do Presidente da República, do ministro da Saúde, diretor do Departamento Nacional de Endemias Rurais, sr. Mário Pinotti; governador Miguel Couto Filho, de destacadas autoridades federais e estaduais.

A escolha do município de Cabo Frio para sede dessa campanha de caráter nacional tem razão de ser, porque aquele município constitui um dos mais importantes parques salineiros do país e o único centro produtor de sal iodado, empregado no combate ao bócio. A campanha desenvolver-se-á sob o patrocínio do Governo Federal, que a executará por intermédio do Ministério da Saúde e com a cooperação do Governo do Estado e de setores particulares. Segundo o sr. Miguel Couto Filho, citada campanha será uma das que maiores benefícios prestará ao povo. Registrando o acontecimento, transcreveremos trechos do importante discurso pronunciado pelo governador Miguel Couto Filho, por ocasião do lançamento da Campanha.

«A Campanha Nacional contra o Bócio Endêmico, que V. Exa. agora inicia, ao inaugurar esta primeira usina de sal iodado no país, representa uma das mais importantes iniciativas do governo em prol da saúde do povo, tal a difusão do bócio endêmico no Brasil, como o comprovam as últimas estatísticas. Sei, sr. Presidente, quanto este acontecimento o emociona e alegria. Estou, neste instante, a recordar-me do entusiasmo do governador de Minas Gerais, quando o visitei em Belo Horizonte, para lhe anunciar a nossa decisão de enfrentar esse empolgante plano de saúde pública, colaborando com uma moderníssima usina para iodetar um milhão de sacos de sal, arma indispensável à essa benemérita cruzada em defesa da juventude de Minas Gerais.

Hoje, com alegria, vemos concretizado nosso desideratum, que vai além do previsto por ter o atual governo — aconselhado pela alta visão de larga experiência de Mário Pinotti — determinado, através do Decreto nº 39.814, de 17 de agosto de 1956, a obrigatoriedade de iodetar a totalidade do sal refinado ou moído, em vista da carência do iodo fisiologicamente necessário à vida do homem e dos animais. Tomou o ministro da Saúde, sob a gestão do professor Maurício de Medeiros, essa providência fácil, econômica a todos os industriais do sal.

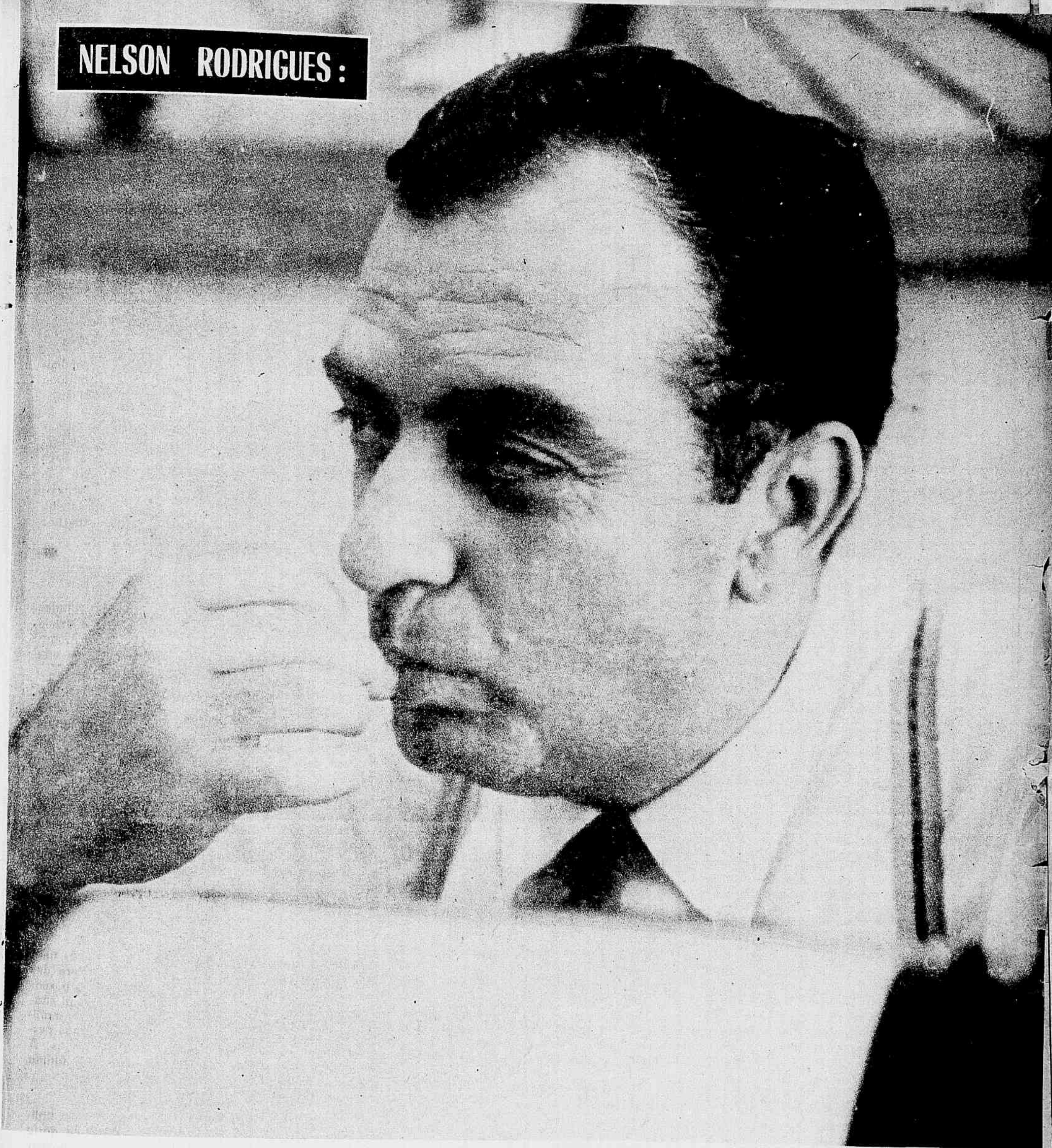
Seja-me lícito, nesta oportunidade, evocar, com admiração e reconhecimento, a figura do professor Álvaro Lobo Leite, mestre do Instituto Oswaldo Cruz, que nos mostrou a gravidade do problema do bócio endêmico no Brasil, alertando os governos, já em 1939, e idealizando a campanha do sal iodado. Desde então, fez-nos ele tomar o compromisso de defendê-la. Como médico e representante do Estado do Rio de Janeiro junto ao Instituto do Sal, fizemos a primeira tentativa, ao tempo do saudoso ministro João Alberto, a primeira autoridade do governo a se interessar pelo assunto. Chegando à Câmara dos Deputados, retomamos nossos esforços junto aos colegas da Comissão de Saúde da Câmara, para tornar lei, o projeto do então deputado Café Filho, fazendo aprovar o nosso substitutivo, que foi enviado ao Senado Federal. Em 14 de agosto de 1953, estava promulgada a lei número 1.944, que torna obrigatória a iodetação do sal nas regiões bociógenas do país.

Como salineiro, todos os nossos esforços foram feitos visando exclusivamente o bem com que poderíamos realizar em favor do nosso povo. Tramitava, ainda, o projeto no Senado, quando encomendamos na Europa esta usina de sal iodado, e devemos declarar não haver recebido qualquer favor do governo. No Senado, foi-nos lembrada a isenção de direitos aduaneiros de que a nova indústria poderia gozar. Desfrutando de posição política de alto «relêvo» e, embora justa e merecida, natural escrúpulo nos fez recusá-la. Foram assim, pagos à Alfândega Cr\$ 2.640.000,00.

◆ Sr. Presidente da República, sr. ministro da Saúde, sr. diretor do Departamento Nacional de Endemias — em memória do prof. Miguel Couto, que dedicou toda a sua vida, todo o seu saber, todo o seu patriotismo, pensando na educação e na higidez das futuras gerações do Brasil, a sua família idealizou e promoveu a construção desta usina para iodetar um milhão de sacos de sal, e assim contribuir para que o país pudesse enfrentar a endemia, que faz definhar a nacionalidade. Em seu nome e no da Diretoria da Cia. Salinas Perinas, temos a honra de pô-las à disposição das autoridades sanitárias para desenvolver essa campanha que atingirá a milhões de brasileiros.

Não há medida sanitária que abranja, com pequenos gastos, um tão vultoso número de beneficiários. E' a mais fácil, é a mais econômica, e a de resultados os mais seguros e positivos, já consagrados pelo êxito alcançado na Europa e nas Américas, conforme nos foi possível testemunhar em nossas viagens de estudos».

NELSON RODRIGUES:



- CELLI, VANNEAU E BOLLINI
são mediocres, ineptos e incompetentes



NELSON RODRIGUES AINDA NÃO FOI DESCOBERTO (E ENTENDIDO) PELA CRÍTICA BRASILEIRA — E ALGUNS DOS QUE SE AVENTURARAM A JULGÁ-LO, NÃO TINHAM CATEGORIA PARA FAZÊ-LO — UM AUTOR SEM AUTO CRÍTICA — A ELOQUÊNCIA DA LINGUAGEM DE NELSON RODRIGUES REDIME SUA OBRA — O AUTOR DE «VESTIDO DE NOIVA» FALA COM FRANQUEZA SOBRE O TEATRO BRASILEIRO.

Por PAULO FRANCIS

ALGUNS burocratas de elite matavam o tempo na repartição, falando das causas do meretrício. A maioria navegava na corrente intelectual em moda. Os argumentos de Marx e herdeiros eram invocados com o fervor típico dos radicais conformistas. Surgiu, porém, uma opinião contrária, emitida pelo único não-burocrata dos presentes. Escandalizou a todos. Ei-la em transcrição literal: «prostituta é prostituta por vocação... nem duzentos mil Marxes me convencem do contrário».

Quem falava assim era Nelson Rodrigues, e nessa sua frase está a chave de sua obra e personalidade. Ninguém ainda escreveu sobre ambas com suficiente discernimento, interesse e continuidade. Por motivos parcialmente compreensíveis, a crítica brasileira furtou-se a mais este dever. Na Europa e nos EE. UU., dramas como «Álbum de Família» e «A Falecida» suscitariam volumes de crítica. Não que os mesmos fossem, necessariamente, laudatórios. Muito ao contrário. Poderiam atingir Nelson Rodrigues em um nível de profundidade inacessível a seus detratores brasileiros.

É precisamente este desnível crítico que constitui o âmago da questão. Alguns jornalistas locais atacam o dramaturgo com o regulamento da liga da moralidade, e com preconceitos estéticos que fariam corar um bebê. Em uma cidade culturalmente adiantada, o crítico que se valesse de semelhantes argumentos para condenar um autor, perderia o emprego por incompetência. Não é preciso invocar os nomes de Shakespeare, Sófocles e outros, que recriaram taras e morticínios cênicos à exaustão, para defender Nelson Rodrigues. Em arte não há moral ou temas preferenciais. Isto já devia ser óbvio a todos, em 1957. A Electra (Eurípides), incestuosa e assassina, é infinitamente mais bela do que a Bernadette, de Franz Werfel. E comparem o Jesus Cristo, de Osvaldo Teixeira com uma espiga de milho de Van Gogh!

Fazem côro contra o «criador de monstros», autores que lhe são quase ridículamente inferiores. Os nomes positivos da dramaturgia nacional assumem atitude oposta, embora não poucos divirjam radicalmente de sua concepção de teatro. Extraíam a moral.

Existe má fé crítica contra Nelson Rodrigues? Não se pode afirmá-lo ao certo. Há seguramente ignorância. A prova concludente disso é que as fraquezas reais do dramaturgo jamais foram apontadas pelos seus detratores.

Exceções honrosas na crítica teatral e literária, muito divulgaram sua obra, sem examiná-la, porém, a fundo. Delegaram a plano secundário seu funcionamento cênico, incapacitados de julgá-lo. Em troca, descobriram as afinidades do escritor com Freud, com os expressionistas alemães, etc. Daí resultaram ensaios lisonjeiros do ponto de vista literário, mas inúteis do ponto de vista de formação de autores e de público. A crítica teatral agiu no sentido inverso. Limitou-se a considerar os textos em direta conexão com suas encenações. Comentários desta natureza são, necessariamente, superficiais, pois servem de guia do espectador «habitué» à bilheteria do teatro.

A verdade, porém, é que nem esse resultado tiveram. O sucesso de escândalo de Nelson Rodrigues, jamais se converteu em permanente fonte de renda na bilheteria. E, no entanto, sua obra foi representada quase toda: «Mulher sem Pecado», «Vestido de Noiva», «Anjo Negro», «Dorotéia», «A Valsa Nº 6», «A Falecida», e «Senhora dos Alogados». Apenas permanecem na «gaveta», «Perdoa-me por me traíres», em vias de ser encenada, e «Álbum de Família», proibida pela censura.

Nelson teve a carreira deturpada por influência de condições econômicas, embora negue tal elemento na formação de prostitutas. Impossibilitado de ganhar a vida escrevendo peças, entrega-se a trabalhos jornalísticos e pseudo-literários, incompatíveis com seu talento. Assim, é redator de «Última Hora» e de «Manchete esportiva». Na primeira publicação, produz não somente crônicas sobre futebol, mas também ficção. Esta, ocasionalmente, possui as virtudes de sua obra teatral e, invariavelmente, seus defeitos. O mesmo sucede com as novelas de Suzana Flagg, que não renderam à «escritora» o suficiente para justificar (se isto fosse possível) o desperdício de energia e o pseudônimo. Ainda sob pseudônimo feminino, foi, durante algum tempo, conselheiro sentimental de um vespertino de grande tiragem...

Nelson Rodrigues jamais admitiria o efeito negativo de tais atividades em seu desenvolvimento como artista. Na verdade, para ele, não existe diferença qualitativa entre «A Vida Como Ela É» e «Senhora dos Alogados». Admira irrestritamente o produto de sua pena. A auto-crítica não é o seu forte.

A imagem popular do «criador de monstros», não corresponde à realidade dos fatos. O artista tem, evidentemente, inclinação temperamental pelos aspectos da experiência humana que aborda. Mas o simples ato de recriá-los em termos esteticamente válidos, já significa controle sobre os mesmos. Nelson Rodrigues, o homem, acredita nas virtudes cristãs. Dá-lhes realce condigno na sua visão neo-barbárica da humanidade.

O sentimento de culpa supersticioso de algumas personagens suas, é prova disso. Entregues a obsessões sexuais irreprimíveis, buscam satisfazê-las sem medir sacrifícios e riscos. Nenhuma convenção humana as detém. Não vencem, todavia, um irracional pressentimento de punição próxima. Este cresce dentro delas, transformando-se também numa obsessão. É o conflito desses dois estados d'alma, o pecaminoso e o auto-punitivo, digamos assim, que leva-as à destruição.

Nelson Rodrigues acha-se perfeitamente identificado com a «linha» neo-barbárica de tragédia (O' Neill, Robinson Jeffers, etc.). Esta difere dos modelos anteriores em aspectos importantes. Aboliu, por exemplo a «catharsis» do herói trágico grego, e o restabelecimento da ordem social shakespeariana, substituindo-os por um implacável pessimismo. Em suas manifestações mais audaciosas, omitiu o elemento de culpa subjetiva nas personagens trágicas, convertendo-as em joguetes das circunstâncias. A «Senhorinha» de «Álbum de Família» é um exemplo típico desta última concepção.

As insuficiências do dramaturgo têm origem na sua mentalidade anti-científica. Uma participação menos instintiva no organismo social daria maior densidade a seus textos. A dramatização consciente do mesmo, manejada estrategicamente, constitui o marco divisor entre o teatro moderno e o passado. Quase sempre, porém, as personagens de Nelson existem num vácuo social. Ficamos conhecendo seu currículo sexual e pouco mais. Decorrente desse alheamento, a distribuição de incidentes nas peças é arbitrária e confusa. As mesmas possuem ação dramática sem entrecho.

A eloquência da linguagem de Nelson Rodrigues redime sua obra de inautenticidade psicológica ou sociológica. Os estados d'alma que recria cênicamente, vêm a nós em forma concisa, incisiva e melodiosa. E, não raro, em imagens de grandeza trágica.

★ Eis algumas perguntas feitas a Nelson Rodrigues. E as respectivas respostas. São 12, que formam um retrato de corpo inteiro (cruel mas verdadeiro) do sr. Nelson Rodrigues. O autor desta reportagem quer deixar bem claro que respeitou integralmente as respostas (escritas) do teatrólogo. E que as suas próprias idéias e convicções não estão em causa. O que interessa é a opinião do sr. Nelson Rodrigues. E esta foi exposta com a franqueza habitual do autor de *Vestido de Noiva*.



1 — A lei de obrigatoriedade de representação do autor nacional é benéfica?

— Clamorosamente benéfica. Falava-se em «teatro brasileiro». Mas «brasileiro» como, se era um vil teatro de traduções? Com uma agravante: — péssimas traduções de péssimos originais. Havia a exceção de uma ou outra obra-prima. Mais vale, porém, o impacto de uma razoável peça brasileira do que uma obra-prima estrangeira.

2 — E a influência dos diretores estrangeiros no meio teatral brasileiro?

— Passou o tempo do diretor estrangeiro. Ele deixou de ter função e mais do que isso: — é um elemento que se opõe ao nosso desenvolvimento dramático. Por outro lado, que poderemos esperar da mediocridade cordial, quase doce, de um Celli? da inépcia e da imbecilidade de um Bollini? da incompetência clara, taxativa e insolente de um Vanneau?

3 — Sobre a posição do diretor brasileiro?

— Se houvesse um rapa artístico, Celli, Bollini, Vanneau, já estariam varridos. E, no entanto, temos diretores muito melhores, muito mais autênticos, do que qualquer um dos três citados. Por exemplo: — Léo Jusi, Augusto Boal, José Maria Monteiro, João Bithencourt, etc. E' quase uma garotada. Mas que tremendo elã criador!

4 — Companhias de repertório?

— Vejam o T.B.C. E' no teatro brasileiro, um tumor maligno. Não se pode imaginar uma companhia mais mercenária. Que tem feito ao longo de sua história? Apenas isto: — trair o teatro em geral e ao brasileiro, em particular. Quando o T.B.C. leva o autor nacional é para degradá-lo.

5 — Do autor nacional?

— Querem ver o que é, via de regra, o comportamento de um diretor estrangeiro face um original nosso? Assistam «As Provas de Amor», de João Bithencourt, que Vanneau dirigiu, no T.

B.C. O espetáculo é se assim posso dizer, quase um crime sexual. De fato, a impressão que se tem é a de que estão estuprando à nossa vista, num terreno baldio, uma peça brasileira. Durante a representação, ocorre-nos, por vêzes, o impulso ético de chamar a Rádio Patrulha.

6 — Atores e atrizes?

— Bem: — há duas atrizes brasileiras que eu não desejaria ver no elenco de minhas peças. Primeira: — Tônia Carrero. Pessoalmente, é uma senhora de nobre, de incontestável simpatia. Mas não a sinto como atriz: — vejo-a como uma capa de revista. Segunda: — Cacilda Becker. O que a prejudica é a falta de autenticidade. Há quem a chame, com certa injustiça, de Olívia Palito. E, por vêzes, não se sabe, realmente, se ela está fazendo drama ou desenho animado.

7 — Da reação moral contra a sua obra?

— Quando alguém se enfurece contra minhas peças, não tenhamos dúvidas: — identificou-se num dos personagens. A partir do momento em que se vê no palco, o inimigo do meu teatro passa a reagir como um Narciso às avessas, isto é, um Narciso que cuspi-se na própria imagem.

8 — Planos para 1957?

— Em março, a Companhia de minha irmã, Dulce Rodrigues, apresentará «A Mulher Sem Pecado», no Teatro Serrador, sob a direção de Rodolfo Mayer. Em junho, um novo grupo, de que as figuras principais são Léo Jusi, Augusto Boal, Abdias do Nascimento, Glaucê Gil — esse apresentará, no Municipal, o drama de minha autoria, «Perdoa-me por me Traíres».

9 — Planos para a posteridade?

— Um intelectual patricio declarou, certa vez, que, dentro de 5 anos, ninguém falará mais em mim. O que me deprime, no vaticínio, é o prazo excessivo. Cinco anos ainda! De qualquer maneira, eis o que desejo: — ser esquecido para sempre.

Páginas do Galo Branco

(o elixir da escura melancolia)

O Prof. Chediak (Antônio João) mestre da linguagem portuguesa, que teve a idéia singular de escrever um livro grave, sério e minucioso sobre o ritmo, as constantes líricas, o estilo de minha poesia, chamava-me a atenção sobre o emprêgo do escuro, da nota sombria, da treva, da noite, do crepe, do silêncio, do túmulo em quase todos os poemas da minha primeira fase — quer dizer a fase que vai dos meus vinte aos trinta anos. Só amadurecendo é que me foi possível desejar e ver mesmo um pouco de luz, de colorido, de forma nas coisas.

O Prof. Chediak, com o volume das minhas **Poesias Completas** na mão, vai-me citando versos e mais versos, todos êles molhados pela agonia noturna. — Tudo é noite e funeral na sua poesia, diz-me êle. Veja aqui: o Canto do Brasileiro, historicamente o seu primeiro poema — o poema da sua primeira mocidade, é o do debruado de luto: «Nas velas escuras — meu Deus que mistério!» «O silêncio noturno me embala» «E rasgam meu peito as noites tremendas...» «Os ventos que zumbem de noite», «as vozes soturnas dos rios que correm nas selvas escuras». E vai por aí — tudo é tristeza, é ânsia de partir, de fugir, de perder-se, de desaparecer. «A noite envolveu tudo em silêncio.» «Porque se terá apagado a lamparina dos santos.» «É longo o caminho, longo e tenebroso.» Ouço o prof. Chediak com um interesse especial e estranho. Parece-me que êle está falando de alguém que não sou eu, de um autor qualquer, de um Miloz por exemplo, com sua mágica exaltação da morte. Que espécie de moço terei sido eu, pergunto-me? Depois que o prof. Chediak partiu de minha casa, ponho-me a ler, eu próprio a ler as «Poesias Completas». E é como se abrisse um velho álbum de fotografias... Tanta coisa estranha, passada, tanto olhar espantado sobre seres e paisagens. Uns versos me fazem mal de repente:

«Desejo de morrer, humildemente, agora,
Na alegria dêste dia de sol.
Desejo de morrer em silêncio, ignorado,
Longe do mundo, neste instante claro.»

Então o que me inspirava, um dia alegre de sol, um instante claro, era êsse desejo de morrer, de demitir-me, de apagar-me?

Na verdade nunca fui homem triste ou moço desesperado. Sempre me sustentou — não a pequena irmã Esperança de que falou Peguy — mas uma grande esperança lunar, aplicada aos efeitos dêste mundo. Quem, que testemunha veraz dos meus anos de aprendizagem poderá dizer que fui triste? Ninguém se ria mais do que eu, quando moço, com mais gôsto do que eu? Ria-me constantemente de tudo, sem maldade, mas com abundância alacre e inocente. Ria-me não importa onde. Gostava da vida, dos bons pratos, dos passeios, e embora tímido atraía-me sempre o eterno feminino, fonte de sofrimentos, de desesperos inermes e enormes.

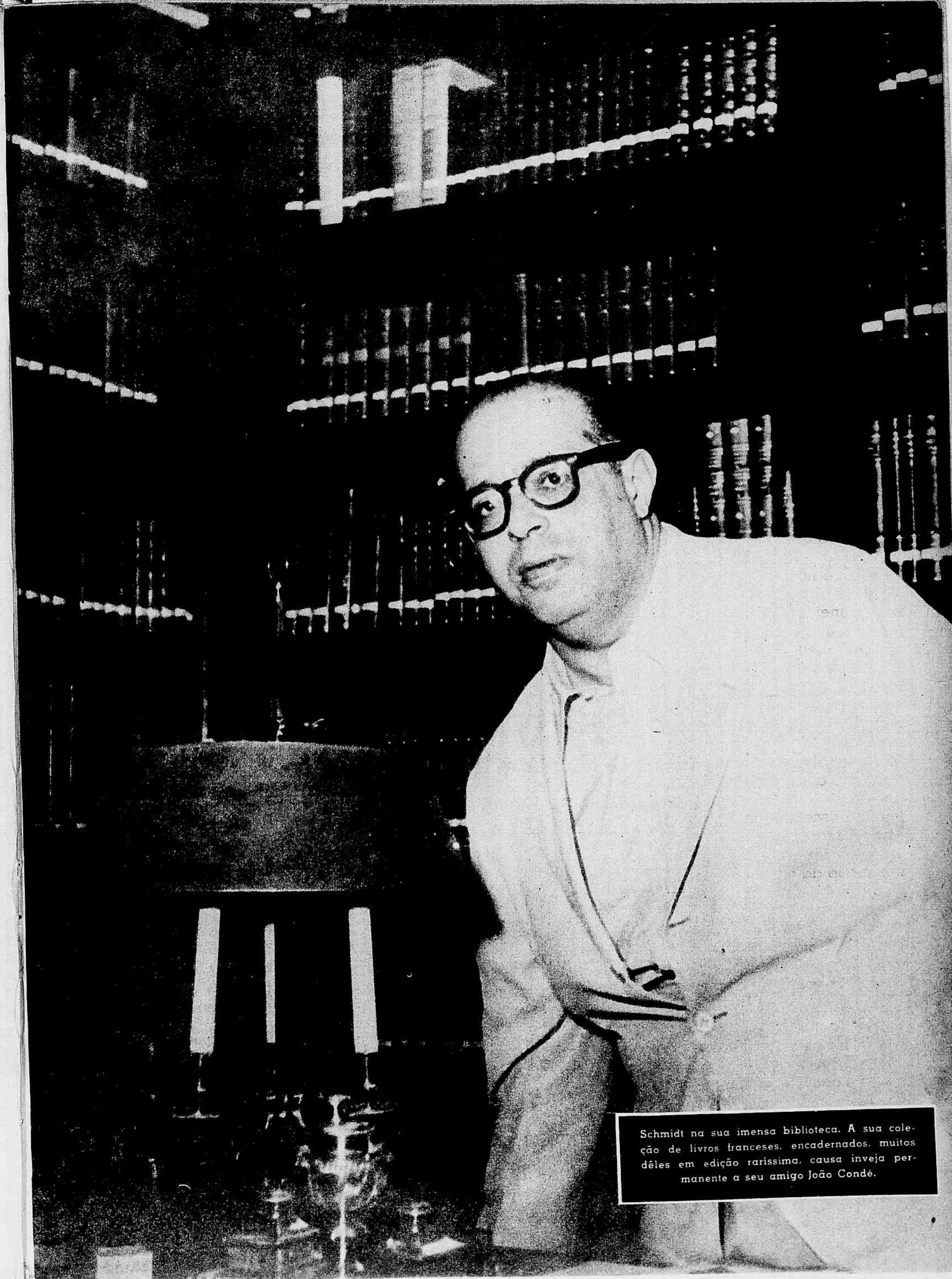
Não era um confiante, mas um ambicioso extraordinário — um ambicioso capaz de desdenhar grandes ofertas e oportunidades por não saber querer pouco.

Acreditava na realidade, no concreto, na construção do país, no trabalho e, no entanto, nascia e escorria de mim êsse elixir negro, essa tristeza tôda, êsses lamentos! É verdade que havia momentos de total naufrágio; que súbito via-me eu arrastado pelos cabelos para desertos cheios de trevas, que sentia sumir-se diante de mim o chão e sofria tôdas as inquietações e agonias. Era coisa súbita; muitas vêzes voltando de noite para a casa ou ao acordar-me sentia-me possuído por uma **crise** violenta de medo da morte, de saudade dos seres que amava e iriam desaparecer, crise de desinteresse profundo por tudo, por todos. Não durava êsse estado de espírito. O mundo chamava-me logo e eu me integrava no ritmo de todo o dia, subia à tona e respirava o ar matinal e livre.

Minha poesia da mocidade, marcada pelo arrepio da agonia noturna, deve ter sua origem nessas horas em que se interpunha entre o ser que eu fui e a vida, um rio de lágrimas escuras.

Nunca vivi feliz, quem o terá sido por longo tempo em qualquer quadra da vida? Mas quase sempre atravessei minhas jovens horas alegre e disposto a viver intensamente o tempo solar... A idéia de um adolescente habitado pela melancolia, de um macambúzio, de um gemebundo, não tem nada com o rapaz que eu fui, com a abelha jovem que eu fui, trabalhando no comércio, esforçando-me para furar, para construir uma vida ativa.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



Schmidt na sua imensa biblioteca. A sua coleção de livros franceses, encadernados, muitos deles em edição raríssima, causa inveja permanente a seu amigo João Condé.

CIDADE NUA

◆ O sr. Máriozinho de Oliveira fundou um novo grupo, em substituição ao dos «cafajestes», já desaparecido. Nome escolhido pelo próprio sr. Máriozinho: **os marginais**. Local de reunião: em frente ao edifício do sr. Luís Jatobá, no Leme. Campo de ação: praia e jogos de futebol.

◆ Dois homens crescem violentamente dentro do PSD: Filinto Muller e Tancredo Neves.

◆ O almirante Renato Guilhobel está fazendo uma força tremenda para ser ministro da Marinha. Mas não conseguirá, pois a sua nomeação terá péssima repercussão. Depois de ter consolidado o poder civil, o sr. Juscelino Kubitschek não vai se arriscar a uma indicação dessas, mormente sabendo-se que o sr. Guilhobel não é seu amigo, não participou da campanha eleitoral, nem esteve a seu lado quando todos o atacavam.

◆ O vereador Hugo Ramos Filho vai ser eleito presidente da Câmara Municipal do Distrito Federal. Os últimos obstáculos foram removidos em um almoço. Local: Casa do Ministro Gama Filho. Participantes: Hugo, Gama, Levi Neves, Pres Leme e Castro Menezes.

◆ O sr. Gilson Amado ficou aborrecido com uma notícia da «coluna Sued» em que ele aparecia como tendo dito que se fôsse convidado para o Ministério da Educação não aceitaria. Evidentemente que jamais o sr. Gilson Amado poderia fazer uma afirmação dessas. Mormente agora quando está desligado (temporariamente) da política, cuidando de seus negócios particulares. Mas numa evidente demonstração de nobreza jornalística, o sr. Ibrahim Sued retificou a notícia publicada.

◆ O ministro Dorneles foi derrubado do Ministério da Agricultura por uma carta do príncipe D. João. A carta enviada a uma pessoa de confiança do presidente da República, contava uma negociata que seria feita (sem o conhecimento do ministro) pelo sr. Antenor Mairinque Veiga.

◆ Fala-se que Angela Maria e Milton (seu único e imortal amor) estão de pazes feitas e de casamento marcado.

◆ Quando esteve em Portugal (antes da posse) o presidente Juscelino manteve longa conversa com Salazar. Conselho de Salazar (homem simpático, elegante, inteligente e que fascinou o presidente brasileiro): «não faça reforma cambial, se quiser governar até o fim do mandato.»

◆ Reunião diária em frente ao Copacabana, do grupo das «amiguinhas». Frequentadoras **bissextas**: Luciana Alencastro Guimarães, Tereza Souza Campos, Jacira Tomé, Leila Limpo de Abreu, etc. **Contumazes**: Danuza Wainer, Marize Graça Couto, Zelinda Lee, Terezinha Muniz Freire, etc.

◆ Os aviões Viscount não fazem a rota do Atlântico Sul. São obrigados a vir pelo Atlântico Norte. Motivo: se houver acidente e um dos motores parar, serão obrigados a voar a baixa altura, com um consumo de gasolina muito maior. Exemplo: apenas com 3 motores trabalhando (mas voando a baixa altura) os Viscounts consomem muitíssimo mais gasolina do que com 4 motores trabalhando a grande altura.

◆ O sr. Ulisses Guimarães será reeleito presidente da Câmara. A questão foi colocada da seguinte maneira: a Presidência da Câmara ou a vice-presidência do PSD. O sr. Ulisses não hesitou.

◆ Ridículas as declarações do almirante reformado Benjamim Sodré, «de que se fôsse comandante do Barroso o presidente da República não entraria nele». O presidente da República é o comandante das forças armadas e a sua entrada num navio não depende de autorização do comandante. Além do mais, o sr. Benjamim Sodré não é da ativa, não é comandante do Barroso e não tem nada com a história. Apenas repetiu a anedota famosa do português que não morava em Niterói, etc.

◆ Chegou ao Rio o governador Antônio Balbino. Está conversando muito. Mas não se sabe o quê.

◆ Dentro de dois a três meses, a revista «O Cruzeiro» (que como pouca gente sabe já possui uma edição parcialmente traduzida para o espanhol) lançará uma edição de 150 mil exemplares para cobrir toda a América Latina, inclusive México e Cuba. Essa edição, completamente diferente da brasileira, conta, porém, com o trabalho dos mesmos profissionais, exceto Emanuel Vão Gogo que, segundo dizem, resolveu exigir o que vale, para ser transcrito. Naturalmente o capitalismo da imprensa brasileira ainda não chegou à fase de pagar aos seus profissionais, para que possam além de comer, comprar livros.

◆ Flávio Costa escreveu a um amigo dizendo que já foi convidado para dirigir o selecionado brasileiro na Copa do Mundo de 58. E que aceitou o convite.

★ As moças do jovem society carioca estão todas divididas. Existem vários grupos, alas e sub-alas, como nos partidos políticos. O grupo mais forte (e de mais prestígio) é liderado por Rosinha Serzedelo Machado, Eloisa Dolabela e Ilde Garavaglia.

◆ Carlos Lacerda tem se queixado de abandono por parte dos amigos. Os que há 1 ano atrás não saíam de sua casa, agora não aparecem. Quem deve andar satisfeita é sua mulher.

◆ Tônia Carrero, Celli e Paulo Autran fazendo grande sucesso em Poços de Caldas.

◆ Murilo Nery está deixando a sua condição de funcionário da TV-Tupi, prejudicar a sua atuação como crítico de TV do Diário Carioca. Para ele todos os programas da TV-Rio são ruins (o que em alguns casos é verdade) enquanto todos os programas da Tupi são formidáveis, (o que raríssimamente acontece). A crítica ou é exercida com seriedade (e imparcialidade) ou não é levada a sério.

◆ Surpreendentemente o almirante Pena Botto, teve uma atitude de bom senso: recusou entrar na gozada conspiração do Barroso. Uma conspiração com Pena Botto, Guedes Muniz e Sílvio Eck deve ser um negócio divertidíssimo. Só faltava convidar o Colé e o Oscarito.

◆ A Mercedes Benz está fabricando em São Paulo, 500 caminhões por mês, usando 42% de material brasileiro. Em dezembro estará fabricando 1.500 caminhões por mês, com 63% de material brasileiro. Necessidades (em caminhões) do mercado brasileiro: 10 mil por mês.

◆ A TV-Tupi e a Rádio Nacional estão brigando pela posse do edifício onde esteve instalado «Última Hora». Segundo os técnicos, o melhor ponto do Rio de Janeiro para um estúdio de televisão é a Praça 11.

◆ Este é o retrato do país do futuro. Enquanto o sr. Clóvis Salgado dorme e o sr. Celso Brant organiza mais e mais programas na Rádio Ministério da Educação falando sobre si mesmo, o menor sem lar, sem escola e sem direção, fica pelas ruas, sublimando todos os vícios, aprendendo a arte do crime, se formando na escola que o levará à cadeia. Inapelavelmente. Enquanto o Ministério que devia de ser Educação gasta fortunas com as viagens à Europa do sr. Clóvis Salgado e seu séquito, as crianças abandonadas ficam cada vez mais desamparadas. Afinal o sr. Juscelino (que não se cansa de dizer que foi menino pobre e sem recurso), bem que podia cuidar do menor abandonado. Se o problema do sr. Clóvis Salgado é viver tranqüilo e com boa remuneração, porque o presidente não arranja logo o lugar na ONU européia que ele há tanto espera? O país terá uma despesa um pouco maior, mas se verá livre para sempre (num alto posto administrativo) de um homem incapaz e displicente. E então pode ser que fotografias como esta não se repitam em plena Av. Rio Branco, na capital da República de um país chamado Brasil, e conhecido como o país do futuro.



CRÔNICA

UMA LETRA FORA DE MODA

♦ A letra do samba era tão bonita quanto o próprio samba e ele nascia trazendo a beleza de uma voz nova, num tempo em que precisávamos de uma nova voz. Ela era de Dick Farney. Os autores do samba: João de Barro e Alberto Ribeiro, dois mestres no assunto. Melodia suave, dentro do minuto da época, enfiado sem um tico de fora, na oportunidade surgida. E serviu de caixeiro-viajante brasileiro levado pelo vento e foi cantado em inglês, várias vezes, sem perder o seu título: «Copacabana» e, sem deixar de contar a intenção da letra. Era falar da praia em boa rima, era dizer da praia em palavra simples, era cantar a praia em melodia de onda do mar, era — o mais importante — convidar o mundo para ver de perto o que era Copacabana. Agora a letra já não cabe mais, é uma mentira rimada ou um elogio feito a uma «vedete» a quem o tempo entregou rugas e pelancas. Imaginem cantarmos:

«Existem praias tão lindas cheias de luz (de fato existem)
Nenhuma tem os encantos que tu possuis (aí já começa a ignorância)
Tuas areias (quase não mais existe areia e sim lama, muita lama)
Teu céu tão lindo (com esse a Prefeitura não pode mexer)
Tuas sereias, sempre sorrindo (na fila do «Bob's», no almoço rápido?)
Copacabana, princesinha do mar» (mania de coroas — princesa suja, não pode).

E vai por aí a letra do nosso João de Barro, ontem certa, hoje mentirosa, para subir àquela frase grandiosa: ... «o sol poente deixa sempre uma SAUDADE, na gente (aquêlê perfume que deixa SAUDADE, talvez). Está aí mais uma das nossas sinfonias, a cidade inteiramente fora da realidade. Com elas nos distanciamos daquela «Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil», que André Filho fez em má hora e que virou apenas acordes para indicar fim de cabaré da Lapa. Mas a cidade estava onde está e tudo iria para Copacabana que era menina naquele tempo. Agora, adulta, cheia de luz, independente, se descuida de sua maquilagem como mulher que bebe e adota as modas novas que não cabem no seu corpo já obeso e o seu colo sem perfume. E' «rock» que ela dança, enfiada em «blue-jeans» suados e mal cheirosos. E' crime que ela adota dentro das noites, é solidão que ela oferece, é perigo que ela entrega dentro das madrugadas, é furto que fornece pela mão dos primeiros «gangsters» nacionais, donos de «boites» grã-finas. Essa a Copacabana de agora, nunca mais aquela que nem chegou a ser chamada: «princesinha do mar».



ODETE AMARAL é como aquêlê samba: «o tempo passa, a vida passa» e ela mantém firme a sua colocação na lista das estrelas. E' segura e muito viva na forma de correr artisticamente: nem muito depressa para não tropeçar, nem muito na moleza. E' aquêlê «devagar e sempre». Ela vem com o Carnaval e como sempre, de forma bonita. O moço é Paulo Bob.

EM MATÉRIA DE DISCOS

A «Odeon» informa o que tem já na rua em matéria de discos de Carnaval e nós escolhemos êstes, por serem nossos conhecidos:

★ «Marcha de Paris» e «O Pierrot Chorou» — JOEL DE ALMEIDA.

★ «Estou em Tôdas» e «Pá de Jamelão» — VENILTON SANTOS.

★ «Té Manhã» e «Teia de Aranha» — ADEMILDE FONSECA.

★ «Cirandinha» e «A Marcha do Vira» — ORLANDO SILVA.

★ «Maracangalha» e «Linda Portenita» — CÔRO ODEON.

★ «Tatuado» e «A Rosa e o Beija-Flor» — DALVA DE OLIVEIRA.

UM BOM L. P. DE ERWIN WIENER
SUGERIMOS:

★ DANÇANDO NO TECLADO (MODB-3035) com as seguintes melodias: — «Compositor Maluco», «Amor em Viena», «Vida Mia», «Ninguém me Ama», «Não Tem Solução», «Baião das Velhas Cantigas», «Caminhar» e «Lola».

O «RIFI» FOI GRAVADO PELOS SEGUINTE INTERPRETES:

TED HEATH e sua música — Na outra face: «The Rock And Roll Waltz».



IARA LEX surgiu em São Paulo numa companhia de teatro e agora vem numa gravação da «Lord». Nos dias presentes é ainda do teatro mas tem seus sonhos com o rádio e com a televisão. Muito prazer.

LARRY ADLER (solo de gaita). — Na outra face: «Pam Pou De».

LUCIENNE DELYLE. — Na outra face: «Cest Magnifique».

GEORGES JOUVIN (solo de pistão). — Na outra face: «Gelsomina».

VILMA BENTIVEGNA (versão). — Na outra face: «Ama-me, Amor».

UNS COM OS OUTROS



ISAURINHA GARCIA passou um tempão na Victor. Ela gosta de ficar nos lugares (está na «Record» batendo «record» de permanência). Mas vai daí que agora o anzol da «Odeon» que 'tá muito bom, pescou a loura paulista e vamos ter naquela fábrica a voz da querida estrela. Ela está nos braços de Heleninha Silveira e de Romeu Peres, também da «Odeon».

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

ANA, A MOÇA TCHECA

A guerra está lá fora. Ainda não tem dois meses que a organista Verônica Becker telegrafava para os seus parentes e amigos e não recebia notícias. Era que a guerra já estava dentro da Hungria, em cima de Buda e de Pest, na terra da moça húngara, que há tanto está no Brasil. Seus pais aqui vivem e no momento ela se encontra nos Estados Unidos. Mas havia deixado lá primos e tias, vizinhos e conhecidos que formam na vida de cada um a coisa chamada família de tamanho ilimitado. Lembrei-me da moça artista, de seus olhos verdes, nessa hora de agora, nesse momento em que ouço o piano de Ana Gloz.

♦ ANA, QUEM É ANA? — Muitas vezes a gente gasta a noite bestamente ouvindo conversas já há muito contadas ou aquele eterno desfilar de vaidades dos cronistas noturnos e as imbecilidades dos donos da noite. Uma noite que não nos trouxe nada, assim mastigam na cabeça, os boêmios, mas amanhã haverá de surgir alguém, de São Paulo ou daqui mesmo — Flávio Pôrto ou Sílvio Caldas, Graciano ou Araci, quem sabe trazendo histórias novas para doses melhores as nossas vaidades cheias de repetições. Mas nada! A noite tem sido só e sempre esta estrada escura de becos iguais. Ou a «cave» do «Sacha's» com o seu «sem nada» constante e seus perigos — em todos os sentidos — enormes, ou um bar que nos dá conselhos de comportamento, pois ficamos sós, terrivelmente sós diante de suas mesas vazias. Encontrei Ana Gloz que me contou uma história.

♦ EIS A HISTÓRIA — Ana Slavenska Gloz veio da Tchecoslováquia. Veio de longe portanto, e porque veio não perguntei, mas posso afirmar que seduzida pela sua arte, pelo talento que já sabia ter como pianista. O Rio de Janeiro poderia ser uma praça fácil para a sua carreira, deveria ter pensado assim. Hoje ela bem sabe que nada mais é terra fácil neste mundo adoentado. Quando a encontrei era madrugada alta. Sentara-se comigo e Waldir Calmon da boite «AR-PEGE», naquela mesa sem ser de pista. Trocamos uma conversa por outra, quando ela pareceu falar em cansaço. Sempre imaginei uma moça da noite, da noite só. Sem direito a sol, nem missa cedinho, a profissão a obriga sempre a dormir sem saber da vida lá fora, no escuro de cortinas densas, para que a noite seja mais suave e o trabalho sem bocejo. Ana porém não seguiu a regra bem brasileira, imposta pelos «rei da noite»: em que uma moça pode ficar velha mesmo aos 19 anos e imprestável para o seu «serviço». Ela passava pelas horas noturnas tratando de viver sem se matar aos poucos: nada de álcool, muito pouco cigarro e uma alimentação rigorosa. Ela nos conta então que o seu trabalho era dar concertos de piano. Achou que a coisa aqui estava mais ou menos emaranhada (Vistas do Mário Cabral) e foi começando a lecionar música, solfejo, harmonia. Depois ganhou o emprego na «boite» para cantar das 11 às 4 da manhã. Começou assim e está vivendo assim. A força que traz é força forte e sadia e o que encontra pelos caminhos da noite, não são perigos para os seus olhos acostumados à velha Europa. Está cantando, ensinando os segredos do seu piano e mais e muito melhor, amando um moço brasileiro que amanhã poderá fazer de Ana a Ana boa mãe, a Ana mais tranqüila de despertar mais cedo, para levar as crianças à praia. E isso seria muito bom.



Na «boite» Arpège ela cantava das 11 às 4 da manhã. Também tocava um pouco de piano quando a noite se alongava. Mas quer sol.

VALE A PENA LER DE NOVO

De «O Globo» (Álvaro Augusto) «Zilda» (do Zé) está pretendendo fazer um levantamento na Caixa Econômica, das jóias que, em vida seu marido Zé (da Zilda) penhorou. Mas ainda não conseguiu. Segundo o Torquato de Oliveira, dos Penhores, essas coisas exigem muita... cautela.

Na seção carnavalesca do Diário da Noite saiu a letra do samba: «O Samba da Garôta» — de Rômulo Paes e Hélio Ricardo. Gravação de Bárbara Martins. Eis a letra:

«Tôda preta é Maria
Todo preto é José
As vezes quando varia
Ele é José Maria,
Ela é Maria José.

Sempre Maria foi feliz
José nome sofredor
Quando leva boa vida
Perde a mulher querida
É infeliz no amor.

De «O Globo» «Mesa de Pista» (Antônio Maria) Georges Green é o líder internacional do «rock 'n roll». É dono de um ritmo fabuloso. Mas tem um defeito: bate palmas. «Rock 'n roll não tem nada a ver com palmas. Um apêlo aqui ao cantor, para que não acompanhe o seu canto batendo com as mãos.

FORMAM NOTÍCIAS



UM DIANTE DO OUTRO: O de óculos, muito circunspecto, é o maestro Renato Oliveira, sendo entrevistado por Jair Amorim. Conversa boa, simpática, esta que Jair sempre fêz ao microfone, ajudando quem compõe e dizendo bem de quem tem talento. José Mauro acaba de levar Jair para a Tamoie e, por essa razão, merece os nossos melhores parabéns.



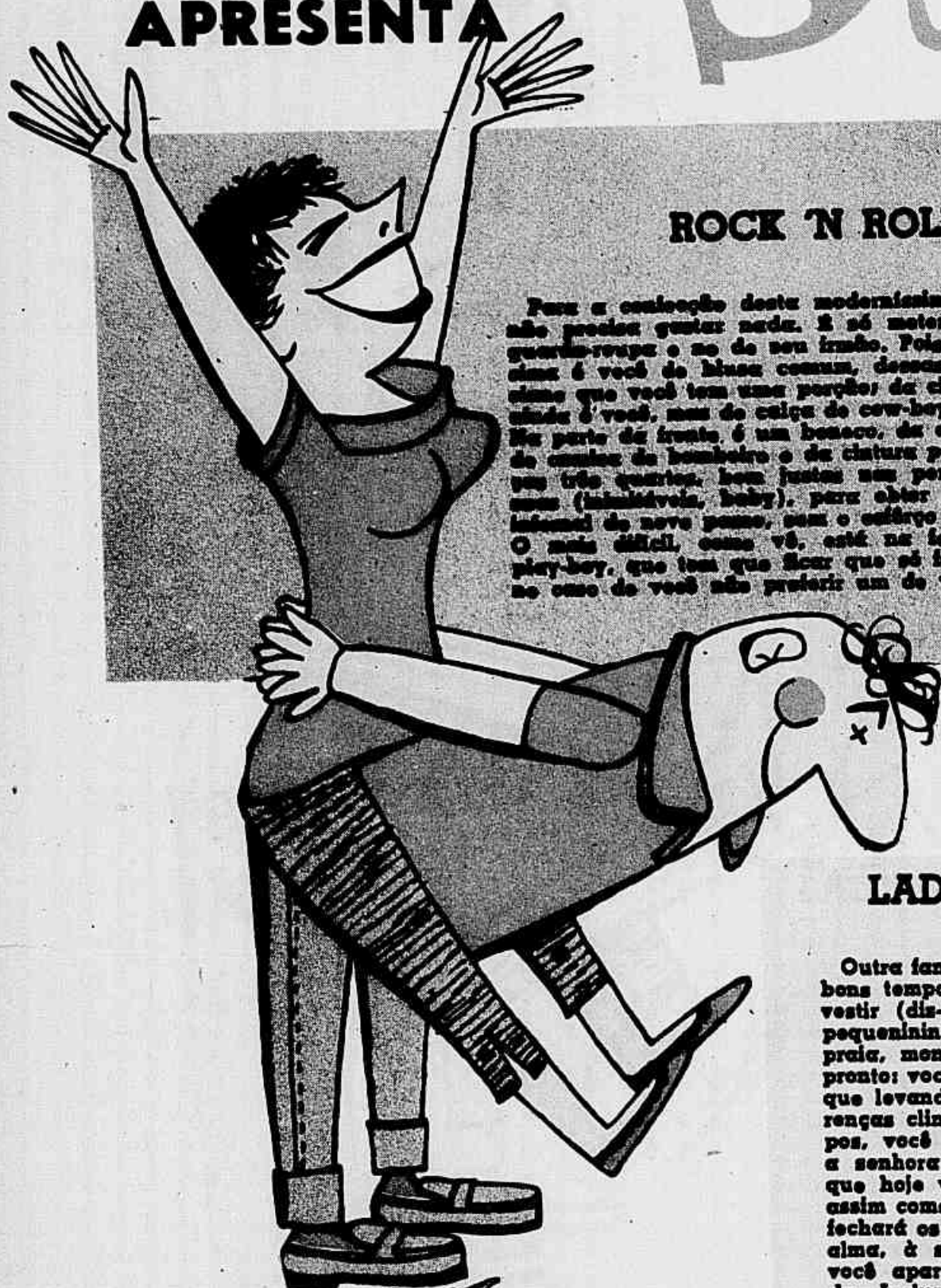
NÓS TRÊS, o trio maravilhoso: Sorriem para o fotógrafo e são: Nirma Suely, a que cantou na Europa e ganhou palmas e que canta na Nacional. Depois é Geni Martins — rainha dos músicos de 1956 e contratada pela Rádio Mayrink Veiga e, finalmente, a moça Ruth Amaral muito perseguida pela crônica especializada, mas que canta até bem direitinho.

FORTUNA

(Só para mulheres)

APRESENTA

SUGESTÕES



ROCK 'N ROLL

Para a confecção desta moderníssima fantasia, você não precisa gastar nada. É só meter a mão no seu guarda-roupa e no do seu irmão. Pois da cintura para cima é você de blusa comum, desce do decote marcando que você tem uma porção de cintura para baixo ainda é você, mas de calça de cow-boy, digo, play-boy. Na parte da frente é um boneco, da cintura para cima de camisa de homem e da cintura para baixo de calça três quartos, bem justas nas pernas, ficando as pernas (inimitáveis, baby), para obter aquela figuração infantil de nove meses, sem o esforço que demandaria. O mais difícil, como vê, está na altura do boneco play-boy, que tem que ficar que se fute pontear. Isso no caso de você não preferir um de verdade.

LADY GODIVA 57

Outra fantasia fácil e barata, como nos bons tempos jamais se imaginaria. É só vestir (dis-se: vestir?) aquela maiô tão pequeninha em que você costuma ir à praia, montar no cavalo de borracha e pronto: você encantará eruditos. Por sinal que levando-se em consideração as diferenças climáticas e a evolução dos tempos, você estará mais recatada do que a senhora de Coventry. A diferença é que hoje você não desfilará contrafalta, assim como muito pelo contrário ninguém fechará os olhos, que são os espelhos da alma, à sua passagem. Nesta fantasia você aparecerá muito, não tenha dúvida. Inclusive no cinema, na televisão, nos jornais e nas capas dos semanários. Mas por via da censura, não se exiba nesses trajes em porta respeitável como de teatro de revistas.



UNDÉCIMA

Não é, como à primeira vista pode parecer, fantasia de presidência. Trata-se de uma criação das mais elegantes, feita em listas, para alegria daqueles que não entraram em nenhuma. Executada em tecido edouble face, já que Jacinto e Ibrahim também são dela, você dirá que o mais acertado seria chamá-la de «Vigésima Primeira». Mas não, o título de «Undécima» é uma prova de modéstia da dama em questão: ela esperava ser incluída em apenas uma lista. No busto, o número de colocação. Ou, se preferem, descolocação. No chapéu, as 10 peninhas que atrapalharam.



VIÚVA ESPIRITUAL

Antes de mais nada, convém saber de quem. Isso é importante para algumas modificações no modelo. Explico-me: viúva espiritual de Rodolfo Valentino não fica bem neste saio como fica viúva espiritual de James Dean. Aconselho-a, não o luto, mas também o decote fechado. O detalhe principal desta fantasia são as diversas alianças do dedo anelar esquerdo, pois as viúvas espirituais não só acham natural o verdadeiro fã-club de viúvas que deixam seus falecidos, como praticam elas mesmo quantas «viuvezas» entenderem. O resto, no estilo: o véu preto, diáfano como o manto da fantasia (é só falar em viúva, vem logo essa), os sapatos pretos, as meias pretas e por favor, pare de oxigenar o cabelo! O resultado aí está: uma fantasia tão alegre como se a viuvez fosse legítima.

PARA O CARNAVAL

«FORCRORE»

Rosa de papel crepom no cabelo, figa de guiné, contas no pescoço, pulseiras à vontade, um laço na cintura, um babado aqui, um babado lá. É bom parar. Nesse ritmo acaba fazendo um samba. Não adianta ficar pensando: será baiana? será pastora? será rancho? será porta-estandarte? Não é nada disso, é tudo isso, e mais que isso — é «Forcrore». Uma fantasia muito «complexa».



GAROTA-PROPAGANDA

Fantasia de frente única (uma garota-propaganda nunca dá as costas), confeccionada em veludo com fios de prata (uma garota-propaganda nunca acha nada caro) que você vai adorar (uma garota-propaganda o é e sempre dizendo isso), mangas de desenho egípcio (uma garota-propaganda só faz gestos para o lado) e original máscara de perfil olhando para a frente (uma garota-propaganda nunca deixa de olhar o telespectador, seja qual for sua posição). O liquidificador, no caso, pode ser inclusive um chapéu de senhora, e não tem nada a ver com a arte da rumba aberta na frente. Chama-se a isso apêlo publicitário. É graças a ele que uma garota-propaganda arranja patrocinador e manda a propaganda arrastar outra garota.

MARACANGALHA

Chapéu de palha e uniforme branco, como manda Caymmi. O resto é Aninha. Se você não quiser ir de Maracangalha, tire o chapéu de palha, o uniforme branco e vá só, vá só, vá só de Aninha.



CHUVA

Esta fantasia de chuva é um número. Ninguém sabe quando cai, nem aí o que acontece. O chapéu parece de cozinheiro, mas não é: é do dentista. Para falar a verdade, nem parece chapéu, parece mais nuvem de chuva, mas não é nuvem de chuva: é nuvem de cogumelo. No entanto, pelos risquinhos que descem pelo corpo, você nota que está chovendo, e logo abaixa o saíete transparente, aberto em varetas de guarda-chuva, reforça essa impressão, ao mesmo tempo que lhe faz ver que nesse caso o guarda-chuva não protege nada. Como dissemos, é um número esta fantasia de chuva — de estrôcio 90.



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

CUIDE DAS MÃOS E DOS BRAÇOS

Cuidar das mãos e dos braços é tão importante para sua beleza quanto fazer ginástica para manter a silhueta ou usar cremes para o rosto. Em primeiro lugar, é importante lavá-los esfregando-os com uma escova macia, frequentemente, a fim de estimular a circulação nos capilares. Um pouco de borax na água é uma boa idéia, principalmente se a água de onde você mora é muito calcárea. Se tem os braços e mãos muito magros, nutra-os, usando todas as noites um creme rico, espalhado com ligeira massagem em movimentos rotativos. Siga, enfim, estes conselhos, para a maior beleza de suas mãos e de seus braços.

1. Proteja-os contra sol e vento excessivos, água muito quente e sabão de qualidade inferior.

2 — Depois de lavá-los enxugue-os com cuidado e passe uma loção ou creme próprios. Frequentemente unte-os com um creme oleoso, emoliente, que deve ser deixado durante toda uma noite.

3 — Use luvas quando trabalhar no jardim, quando guiar, andar a cavalo, fizer limpeza da casa.

4 — Quando tiver que realizar um trabalho que realmente suje as mãos, unte-as (e por baixo das unhas também) com um sabão neutro, a fim de que o sujo não penetre.

5 — Antes de lavar mãos muito sujas ou encardidas, passe um creme de limpeza, que amacia e ajuda a limpar.

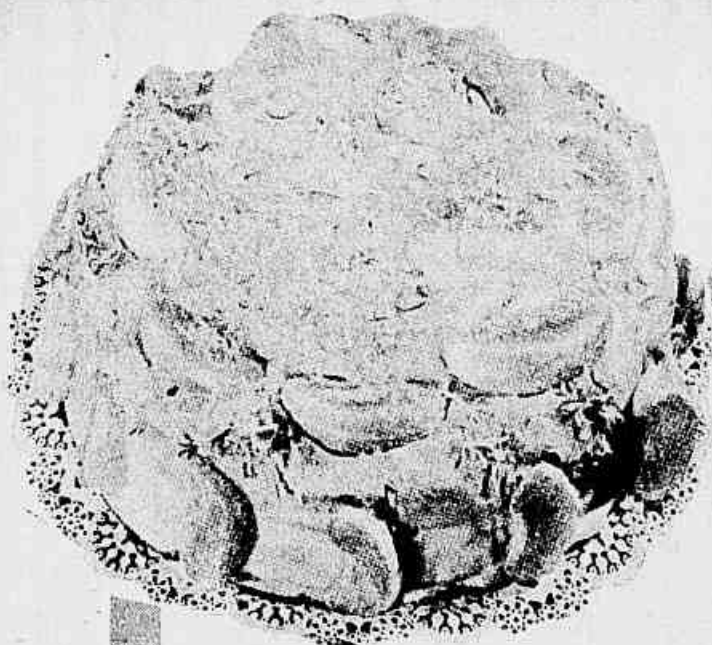
6 — Para mãos e braços com rachaduras (do frio ou do vento salgado do mar), use um unguento medicinal próprio.

7 — Frequentemente passe limão nas mãos e nos cotovelos para evitar que fiquem encardidos.

8 — Para corrigir a excessiva transpiração na palma das mãos use água de colônia ou um desodorante em pó. Em casos extremos use um antiperspirante ou desodorante líquido.

Trate de suas unhas — retirando a cutícula com frequência e passando lixa ou pedra pomes sobre as mesmas e nas suas extremidades para evitar que se rachem. Depois, estude bem os gestos de seus braços e de suas mãos, pois podem denotar graça, elegância e espiritualidade, se souber como movimentá-los.





WEEK-END NA COZINHA

♦ Uma sobremesa deliciosa e muito vistosa é esta **TORTA DE LARANJA**. Sua execução é tão fácil que até mesmo as principiantes em arte culinária podem prepará-la com ótimos resultados.

1 — Ponha numa tigela 150 gramas de manteiga; duas ou três gotas de essência de baunilha; bater bem, até que o creme fique leve e macio.

2 — Pouco a pouco, e sempre misturando, ponha 150 gramas de açúcar, dois ovos inteiros, a casca ralada de 3 laranjas (só a parte exterior, amarela) e, pouco a pouco, o suco dessas três laranjas.

3 — Peneire junto 200 gramas de farinha de trigo, 200 gramas de fécula de batata e 1 colher das de sopa (rasa) de fermento em pó. Misturar à massa, pouco a pouco.

4 — Ponha, para assar numa fôrma untada com manteiga. Forno moderado, perto de 40 minutos.

5 — Depois de assada, desenforme e deixe esfriar sobre um guardanapo.

6 — Um pouco antes de ir para a mesa, bata bem 1/4 de litro de creme de leite, com uma colher de açúcar.

7 — Embeba a torta em dois ou três cálices de licor, misturados com um pouquinho d'água. Por cima espalhe o creme de leite batido, cobrindo em cima e dos lados. Enfeitar com gomos de laranja descascados e sem os caroços. Recobrir com côco ralado, e servir.

NOTINHAS

O MARIDO ERA AVARO... — O motivo porque a senhora Marjorie Lee McClurkenn pediu o divórcio (dessa vez o caso se passou na Inglaterra, e não nos Estados Unidos) foi a avareza do marido. Como indenização a senhora Marjorie pediu 500 mil dólares, que lhe foram concedidos, e ela declarou:

— O primeiro dinheiro que gastarei, dos dólares que me foram entregues, vai ser para a compra de uma dentadura nova. Meu marido era tão avaro que me obrigou a fazer eu mesma a dentadura que uso, seguindo as instruções de uma manual de prótese.

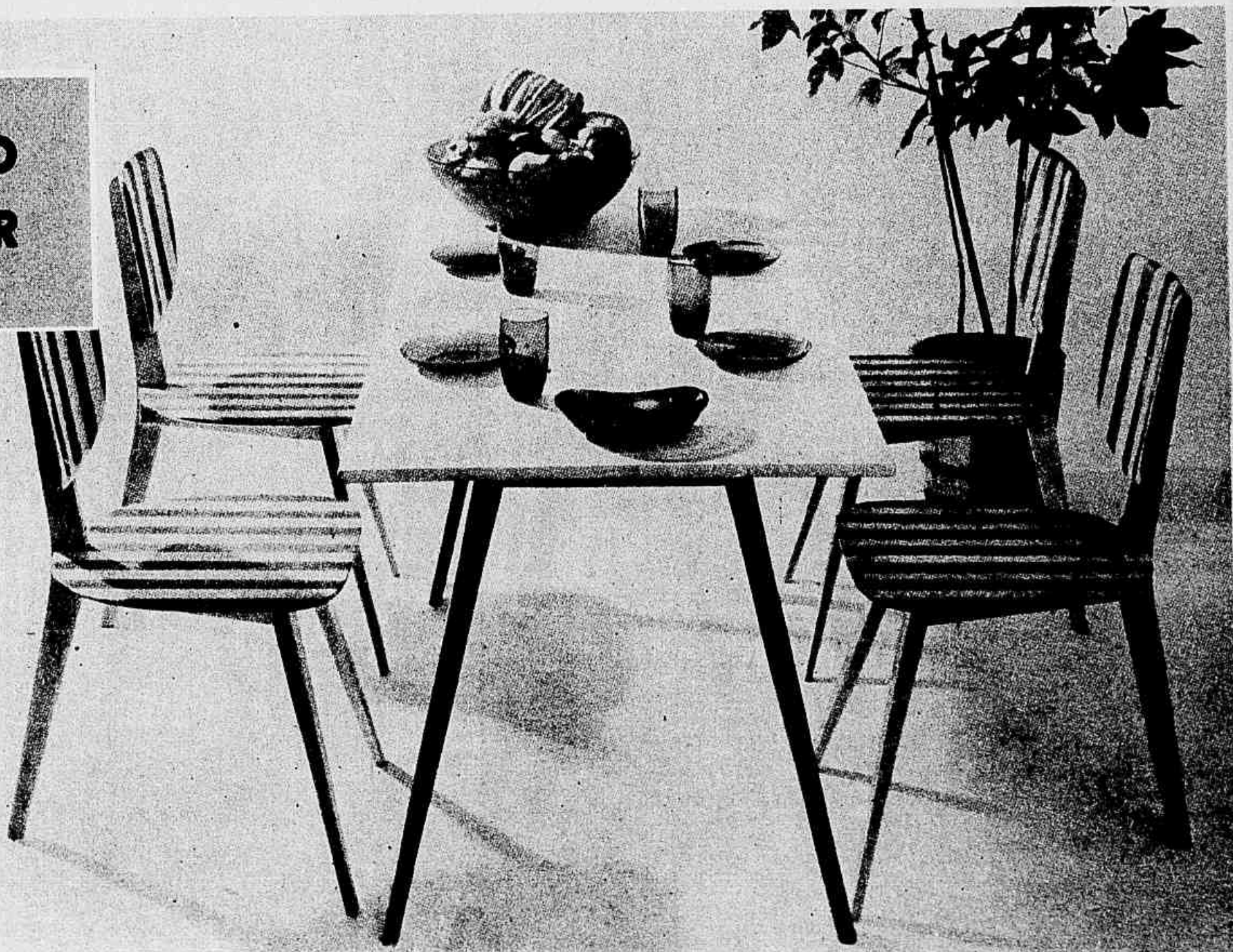
REFERÊNCIAS... — Se alguma senhora — provavelmente desconhecida — pede-lhe informações de uma empregada que trabalhou em sua casa, devem ser dadas **escrupulosamente**. Não se deve ocultar defeitos importantes por mal interpretada grandeza de alma, nem, ao contrário, pintar mais negras do que são pequenas imperfeições, por ter brigado com a empregada ou por antipatia gratuita. Quem pede uma referência nela se baseia, para aceitar ou não a criada, confiada no que você tiver afirmado.

LAVE COM FREQUÊNCIA SUA LINGERIE — Nada há que mais dano produza em combinações, soutiens, calcinhas, etc. do que os ácidos resultantes da transpiração e da decomposição dos óleos naturais da pele.

PARA RETIRAR MANCHAS DE VERDURAS de tecidos que não são laváveis, use álcool a 90°. Passe na mancha, sem esfregar, e enxugue logo em seguida. Convém verificar se as cores do tecido não mancham com o álcool, o que pode acontecer.

SUGESTÃO PARA O LAR

Os assentos e encostos destas cadeiras modernas, de feito muito simples, foram recobertos com lona listrada, o que lhes deu muita «classe». A mesa, com pés negros, tem o tampo em fórmica. Fica a sugestão, para sua mobília nova.





O BRASIL RECEBE UMA EMBAIXADORA

DEM DO PAQUISTÃO, NUNCA ESTEVE NA AMÉRICA DO SUL, MAS
EM POUCO MAIS DE UMA SEMANA JÁ ESTÁ ACHANDO TUDO
ÓTIMO — ENTREVISTA EXCLUSIVA PARA A «REVISTA DA SEMANA»

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Texto de ANA VERÔNICA

«O Brasil não me parece estranho; sinto-me como se estivesse em Bombaim. Os aeroportos, maiores ou menores são todos iguais e o hotel (anexo do Copacabana Palace) é igual ao que eu freqüentava em Bombaim. Parece que estou na Índia», disse a princesa Abida Sultaan representante do governo do Paquistão no Brasil. A embaixadora (que é natural de Bopal, Índia, emigrou em 1950 para o Paquistão), chegou dia cinco e já está pensando em alugar um pequeno apartamento que possa mobiliar de acordo com o seu gosto. Perguntou se o problema de moradia era grave, pois na Índia e no Paquistão é quase impossível se arranjar um apartamento para alugar. Morena, não muito alta, a embaixadora estava vestida com seus trajes típicos, o sari, agora de um tecido estampado, pois desembarcou com um sari amarelo bordado de pedras brancas. É tímida e demora a se sentir a vontade, está sempre disposta a responder a qualquer pergunta e a posar onde o fotógrafo pede. Sempre com um cigarro na mão, relutou em aceitar cigarro brasileiro, dizendo: «E se eu gostar, quem vai mandar cigarros brasileiros para mim no Paquistão?». Finalmente aceitou, acendeu e terminou ficando com um maço que o repórter tinha à mão. Algum tempo depois quando o sr. Khalil, encarregado de Negócios da Embaixada lhe ofereceu cigarros ingleses, ela declarou preferir os brasileiros.

QUINTA GERAÇÃO

Se não tivesse havido a partilha da Índia, e Bopal ainda fosse um Estado independente, Sultaan estaria representando a quinta geração de governantes do sexo feminino do seu Estado.

«Perante a lei homem e mulher têm os mesmos direitos e deveres; desde que não haja herdeiros homens as mulheres tomam o seu lugar e desempenham a função da mesma maneira». Na minha família, infelizmente, há quatro gerações não há filho homem. Eu fui educada no mesmo regime que teria sido se fosse rapaz. Usava as mesmas roupas que os outros oficiais, tinha as mesmas obrigações e praticava os mesmos exercícios. Não me sentia muito mal pois tinha sido assim desde que comecei a andar. Nunca deixei de usar sari a não ser durante o período de treinamento no exército, contou ela. A princesa (e embaixadora) tem três irmãs mais novas, todas casadas e vivendo na Índia. Ela foi a única que emigrou para o Paquistão quando da partilha. Vive em sua nova pátria com seu filho «Buble», que tem agora 22 anos e talvez venha visitá-la em outubro ou novembro deste ano. «Buble» estudou em Cambridge, na Inglaterra, fez curso de direito. Não deixou de explicar porque mandou seu filho estudar em outras terras.

«Em Bopal estávamos em minoria, por concordarmos com a política inglesa; mandar o meu filho, naqueles dias, para a escola, seria expô-lo a ser linchado e talvez morto. Se não fosse isto não veria razão para educá-lo em outro lugar a não ser na nossa própria terra».

VIDA NOVA

«Fui em 1950 para o Paquistão. Foram terríveis os primeiros tempos, não tinha nada e não tinha profissão. Naturalmente com o passado que tenho, tive algumas facilidades para arranjar emprego mas é difícil a adaptação, especialmente para quem na sua terra de origem era da classe governante. Em 1954 comecei a minha carreira pública e agora tenho o meu primeiro posto diplomático».

A MULHER

Não se podia deixar de falar na posição da mulher. A este respeito comentou:

«É verdade que perante a lei todos são iguais, mas as tradições de um povo não desaparecem de um dia para outro. Até hoje o homem médio do Paquistão considera que não será respeitado se não for capaz de prover o necessário para sua mulher, irmã ou mãe. Já nas classes intelectualizadas isto não se nota com tanta força, mas não se pode negar a existência. Considera-se em certos meios quase um insulto pessoal a mulher pensar em se empregar».

Por exemplo: «fumar» nos grandes centros já não é novidade. Mesmo assim as mulheres evitam fumar muito em público, isto é, em bares, ônibus, etc.»

MESTIÇAGEM

«O problema da mestiçagem era muito grave na Índia quando esta lutava pela sua independência. Até hoje a situação dos filhos de hindus com ingleses traz alguns problemas, embora bem mais atenuados. No Paquistão este problema parece que não existiu. Pelo menos não o sentimos atualmente. Minha opinião pessoal é de que não há razão para isto constituir problema, desde que a sua causa já foi extirpada. A dominação inglesa terminou, ninguém mais precisa dar provas de lealdade para um ou outro lado. Antes que isto se decidisse, os mestiços dificilmente encontravam um lugar, quer na comunidade inglesa quer na hindu, mas agora não vejo mais razão nem justificativa».

COSTUMES NOVOS

— No calor aqui também se toma chá quente ou só café? — perguntou ela depois de observar a quantidade de café que os garçons traziam e levavam para outras mesas. Ao saber que o café era o preferido, comentou que teria que se acostumar a muitas coisas nos dois ou três anos que permanecerá aqui.

— Só quero saber como vai ser, se eu voltar com todos os hábitos brasileiros para o Paquistão! Vocês tem «Curry» aqui? Alegrou-se em saber que não precisava deixar de comer o seu condimento preferido, aliás, o preferido de todo o seu povo.

A EMBAIXADORA FALA SOBRE REFUGIADOS HINDUS

— Paquistão é um Estado novo, não tem nem dez anos de vida independente. Um dos seus problemas mais graves é o da colocação de ... 10.000.000 refugiados hindus. É um número muito grande mesmo para uma nação muito bem organizada e rica. Existem algumas organizações que tentam solucionar o problema, mas quando parece que está sendo bem encaminhado surge uma nova leva. Estes refugiados são de todas as classes sociais, desde camponeses a artesãos até das classes governantes. Aqui estou eu como exemplo. O que salva no Paquistão é que o povo não é impregnado de preconceitos nem nacionais nem raciais. A liberdade religiosa e política não está só no papel. Mas assim mesmo viver em um país que não é o nosso é sempre difícil.

PERSONAGENS DA VIDA BRASILEIRA

A EMBAIXATRIZ ARLETE MOURA E O SEU ALMOÇO PARA OS CARDEAIS — O SR. JORGITO CHAVES, NUM RETRATO FEITO POR ELE MESMO APARECE COMO BÓBO, EGOCENTRICO, DESPEITADO, FÚTIL, IRRESPONSÁVEL, LEVIANO, E MAIS UMA PORÇÃO DE COISAS — LUDMILA POPOV, ESTUDOU NA POLÔNIA, SE FORMOU NA ALEMANHA E COLECIONA SIMPATIAS (E ANTIPATIAS) NO BRASIL — O «GENTLEMAN» ALUIZIO SALLES JÁ ERÁ «PUBLIC-RELATIONS», MUITO ANTES DE ALGUÉM SABER O QUE ISSO SIGNIFICAVA — O VELHO OTÁVIO GUINLE, ÚLTIMO REPRESENTANTE DE UMA ESPÉCIE QUE VAI DESAPARECENDO — LEILA LIMPO DE ABREU E SUAS EXPRESSÕES FAVORITAS — JACINTO DE THORMES, UM COLUNISTA QUE JÁ DEU O SEU RECADO, FOI ULTRAPASSADO, PERDEU OS LEITORES, MAS TEIMA EM SE APRESENTAR COMO «MESTRE», COMO GRANDE CARTAZ DO JORNAL, DO RADIO E DATELEVISÃO: MAS CONSEGUE APENAS DAR DEMONSTRAÇÕES DE MEDIOCRIDADE EM TODOS OS SETORES — O CAMPEÃO DE PESCA E MERGULHO A. PADILHA.

Arlete Moura

♦ O charme da embaixatriz Arlete Moura, pode ser visto, fotografado, pesado e analisado, pois é tão evidente e convincente quanto a burrice dos srs. Osvaldo Teixeira e Paulo de Magalhães. Mulher de sucesso (nacional e internacional), elegante, bonita, dominando com simplicidade, e dando aos «dominados», uma impressão de alheamento e quase displicência. Mas é uma mulher atenta, ferozmente preocupada com os detalhes, sabendo (por experiência e por observação) que muitas vezes um detalhezinho põe a perder todo um conjunto laboriosamente construído. Entre as senhoras habituadas (e versadas) na arte de receber, detém (provavelmente) o recorde de dificuldades: já recebeu para um almoço, um presidente da República, 9 cardeais, 3 embaixadores e várias outras figuras importantíssimas, e como distribui-los à mesa sem provocar reclamações? Diga-se de passagem, que nessa oportunidade, o nervosismo tranqüilo (está certo d. Arlete?) da embaixatriz divertiu enormemente a este repórter. Participa intensamente da vida do marido, e é mulher de personalidade complexa. Neste 1957 que começa, Arlete Moura, vai ser um dos nomes mais citados e uma das presenças mais fascinantes. Palavra, que, diga-se, se ajusta maravilhosamente a ela.

Jacinto de Thormes

♦ O sr. Jacinto de Thormes já foi o colunista mais lido do Distrito, ou melhor, já foi o único. Ele é responsável pela futilidade, pela falta de seriedade, e pela improvisação do colunismo na sua primeira fase. Mas depois, com a concorrência, o sr. De Thormes foi ultrapassado, e perdeu os leitores. Hoje, quando o colunismo vai caminhando (ainda que lentamente) para uma era de trabalho e de esforço, o sr. Jacinto de Thormes foi inteiramente riscado do mapa dos que têm admiradores e leitores certos e intransferíveis. Se fosse feita uma classificação entre os que escrevem diariamente sobre sociedade, a ordem seria esta: em primeiro lugar o sr. Ibrahim Sued, de «O Globo»; em segundo, Pamona Politis, de «Última Hora»; em terceiro, Jean Pouchard, do «Diário Carioca»; em quarto, Peter, da «Tribuna de Imprensa» e em quinto, Jacintho de Thormes, do «Diário da Noite». O que não deixa de ser melancólico para quem já foi o único, e teima em fazer caretas na televisão, pensando que ainda é absoluto.



é
tes.
e
her
que
ntre
rde
oi-
cla-
erto
rida
ser
se

es

nico.
ismo
rdeu
a de
tém
e es-
Sued.
d. do
rmes.
a em



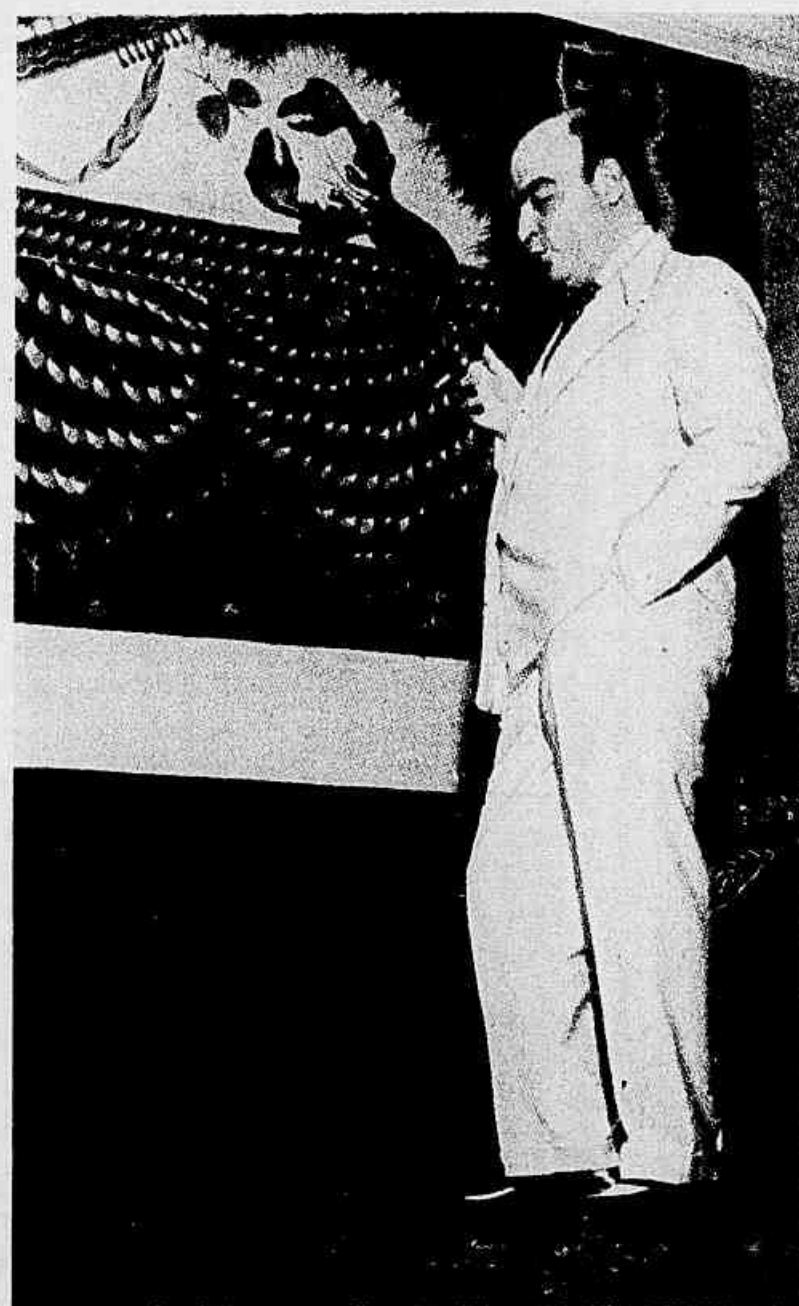


Leila Limpo de Abreu

♦ Para falar sobre a sra. Leila Limpo de Abreu, poderíamos recorrer a terminologia própria dos columnistas sociais, o que daria no seguinte: Ibrahim Sued: «uma senhora muito karr e sempre muito bem cercada». Jacinto de Thormes: «Leila aconteceu bonita, bonita, bonita. Bola pra frente, Leila». Pomona Politis: «A encantadora sra. Limpo de Abreu dominando milhões, recebeu maravilhosamente. Merci, pelo convite». Jeff Thomas: «Leila Limpo de Abreu foi a beleza mais «suspense» da «soirée-snob» do «Sacha's». Jean Pouchard: «A alfaceana sra. Leila Limpo de Abreu com os olhos da côr do mar, brilhando diariamente. Tchau, vou ver a minha flor azul». Mas em linguagem normal, a sra. Leila Limpo de Abreu pode ser descrita como uma moça simples, afável, espontânea, e que injustamente ainda não foi incluída na lista das mais elegantes. Pois a sua elegância é maior (sem sombra de dúvida) que a de algumas participantes assíduas das listas anuais. Sua expressão favorita: «é uma graça», expressão que o Antônio Maria repete, com 3 por cento do charme e do efeito provocados por Leila Limpo de Abreu. Não se conformou até hoje com a morte de sua grande amiga Glória Schiller, de quem sente saudades imorredouras. A palavra MESMO, dita por Leila assume um tom e uma característica inconfundível. Joga mal biriba (mas pensa que é uma craque) e o parceiro ideal para ela é Arturzinho Bernardes, pois ambos são mestres na arte de «guardar jôgo na mão». Tem um filho que antes dos 3 anos, já parece um campeão de levantamento de peso, inúmeras amigas (difícil dizer qual delas gosta mais de Leila) e pouquíssimas inimizadas.

Jorgito Pacheco Chaves

♦ Irritado por não ter participado de nenhuma das listas anuais dos homens elegantes, o conhecido sr. Jorgito Chaves resolveu se desfazer dos complexos e recalques que há muito o atormentavam. E numa entrevista a Pomona Politis (jornalisticamente perfeita), não deixou pedra sobre pedra. Mas quando se desfez a fumaça provocada pela explosão do sr. Pacheco Chaves, constatou-se que o único atingido (e destruído) fôra ele mesmo. Berço, inteligência, cultura, bom gosto, refinamento, e todas as pretensas virtudes que o próprio sr. Pacheco Chaves apregoava possuir, não resistiram a uma entrevista de meia hora. Depois de tudo acabado, restou apenas o retrato (agora sim, perfeito) feito por ele mesmo: um exibicionista feroz e delirante, um inconformado por não viver diariamente citado e endeusado, um homem fútil e sem seriedade, um bêbo que em plena era da energia atômica, do avião a jato e das conquistas sociais, gasta seu tempo para vir dizer pelos jornais que «minhas roupas, do chapéu Gélot as polainas, vêm de Londres». E é tão visível o mundo do sr. Pacheco Chaves que essa declaração é bem capaz de ser verdadeira. Mais adiante, não contendo o próprio despeito, o sr. Pacheco Chaves sem apelação, diz «que não se deve falar de elegância num país caipira como o Brasil». E entusiasmado, prossegue: «A mudança da capital para Brasília é outro índice da caipirismo nacional». Nessa altura o sr. Chaves já abandonou a fatuidade e entra francamente no terreno da imbecilidade. Pois o que tem a ver caipirismo com mudança de capital? «Detesto o Oriente e tudo que lhe faz parte. Cultura só ocidental». Com uma simples frase, o sr. Pacheco Chaves destrói milhares de anos de cultura e de civilização. Atenção, pro-



fessôres: o mestre Jorgito Pacheco Chaves decretou: cultura só ocidental. E não se fala mais nisso. Terminemos por aqui. Pois o gozado sr. Pacheco Chaves ainda se permitiu falar sobre várias outras coisas. E sobre todas elas deixou a mesma impressão: um homem fútil, egocêntrico, deslocado, irrealizado. Só faltou (para fazer um retrato perfeito de si mesmo) repetir a frase do sr. Washington Luís em 1929: «A questão social do Brasil é um caso de polícia». E acrescentar: «Todo homem que trabalha é um caipira».



Otávio Guinle

♦ Pertence a uma espécie infelizmente extinta. Dos homens construtores de grandeza, criadores da realidade econômica, mas que também gostam (ou gostavam) de se apresentar bem vestidos e elegantemente trajados. Otávio Guinle é o representante (quase único hoje) de uma época inesquecível de galanteria, cavalheirismo e elegância. É um velho forte, que ainda trabalha e se preocupa mais do que muito moço, e que de manhã, cedinho, já começa a fazer a ronda pelo «seu Copacabana Palace». Responsável pelo êxito e pela organização do que é considerado o melhor hotel do Brasil. Pessoal e diariamente passa em revista os garçons do Copa e examina a roupa de cada um, os sapatos, a barba, etc. Sabe usar magnificamente um «smoking» ou uma casaca, mas não tem nada de «dandy». Homem de excelente coração e grande energia (ao contrário de seu irmão Carlos), tem amigos em número impressionante (também ao contrário do seu irmão Carlos) mesmo entre a gente pobre. Já tem recebido várias propostas (algumas altíssimas) para vender o Copacabana, mas nem toma conhecimento delas. Não fuma, não bebe e nunca jogou coisa alguma. Já viajou muito, tem casa aqui, em Teresópolis e em Petrópolis, e nas reuniões familiares é uma das vozes mais ouvidas e respeitadas.



Ludmila Popov

♦ Aos 20 anos (incompletos) a bela Ludmila já tem uma história movimentada. Nasceu na

Polônia, passou a guerra na Alemanha, e veio dar nas costas brasileiras (hoje sua pátria eterna e duradoura), quando ainda não havia feito 12 anos. Seu pai é engenheiro, sua mãe arquiteta, mas ela ainda não tem uma idéia muito definida do rumo que pretende tomar. Diz-se a favor do divórcio e da pena de morte, no que revela (talvez inconscientemente) uma grande coerência. Pois ambos (divórcio e pena de morte) guardam entre si um pórtico de identidade: o primeiro é a morte de uma esperança; e o segundo é a morte de todas elas. Gosta de perfumes, de flores e de camarões, veste-se sempre muito bem, mas fica sempre melhor de branco, e dentro do chamado «jovem society» já conseguiu marcar a sua posição: é hostilizada (e hostiliza) ao mesmo tempo o grupo do Country (Ilda Garavaglia, Rosinha Serzedelo Machado, Heloisa Dolabela, etc.), o grupo independente (Gilda e Denize Leiraud, Baby Vignoli, Lígia Coutinho, etc) e outros grupos. É doce e terna, feroz e vingativa. Acha Marta Rocha a mulher mais bonita que já viu, o que vem colocar o seu gosto acima do de Irene Von Delingshausen. Em entrevista a José Álvaro, declarou que se fôsse à lua gostaria de levar Sir Alexander Fleming, Chopin e o cozinheiro do Buckingham Palace. Com essa resposta revelou originalidade (foi uma das poucas que não escolheu Antônio Maria para companheiro), sangue frio (viajar com dois mortos é muita audácia) e maturidade (pois Chopin e Sir Alexander Fleming não são normalmente atrações para moças de sua idade).



Antar Padilha

♦ O dr. Antar (dermatologista, pescador, homem de bom gosto, jornalista, funcionário do Banco do Brasil, e não sei mais o que), é o que se pode dizer com convicção, «uma boa praça», característica aliás, muito comum aos apaixonados do mar. É difícil encontrar um homem do mar (verdadeiro, é claro) que seja mau caráter ou mau companheiro. Irmão de Celman e de Edmo, mora no Leblon bem ao lado da sogra, o que demonstra que os dois tem o gosto e o sentido da boa convivência. Tem duas filhas belíssimas, e sua mulher, Noêmia, acha que em matéria de caça submarina, Antar já atingiu o máximo de máscara. Opinião que ele contesta com veemência, provocando risinhos irônicos e gargalhadas amistosas. Faz uma crônica semanal no «Correio da Manhã» (com o pseudônimo de João Grande), o que o coloca na posição de «nosso colega de imprensa». Torce violentamente pelo Flamengo, frequenta normalmente o Country, mas vai muito mais ao Marimbás que é realmente o seu clube de coração. Conhece pessoalmente quase todo o «society» carioca, adora ficar em sua casa de Cabo Frio, e não troca coisa alguma por uma boa pescaria. Bebe pouco (quase nada), vai a Europa no fim do ano, é recordista brasileiro de Xaren Branco, e ostenta orgulhosamente um físico de atleta (sem sombra de barriga), e uma cabeleira que cada dia fica mais preta e mais compacta.

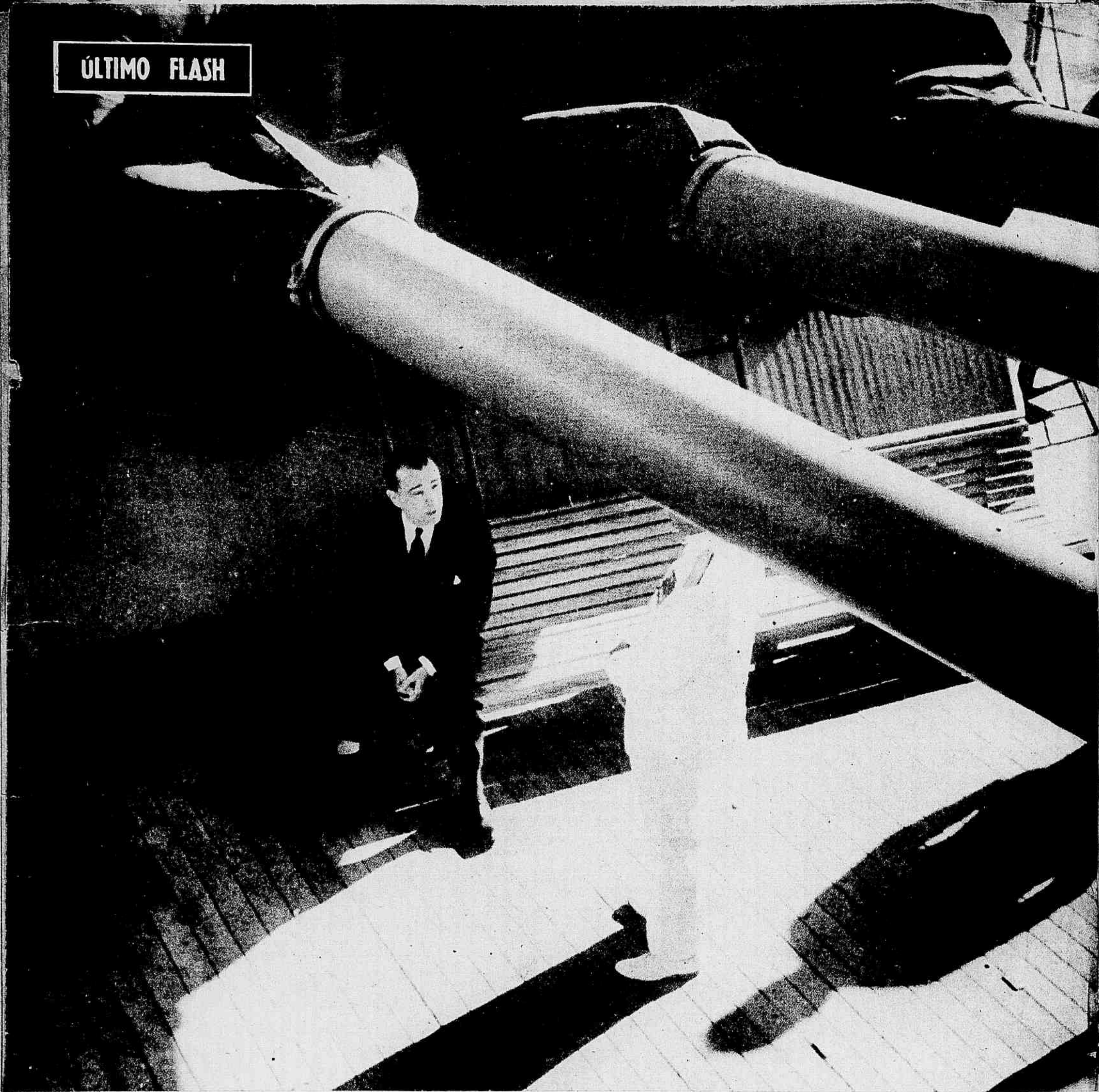


Aluizio Salles

♦ No tempo em que ainda não se sabia bem o que era um «public-relations» (que os americanos até hoje classificam como um homem que faz a barba duas vezes por dia, toma 3 banhos e anda sempre bem vestido), o sr. Aluizio Sal-

les já era um sucesso nessa profissão. E cada vez ampliando mais o seu campo de ação, conseguiu vitórias em cima de vitórias, ao ponto de ser considerado (muitas vezes) um dos homens mais inteligentes do Brasil. Simpático, bem vivido, satisfeito consigo mesmo e com a humanidade, casado, 43 anos, bebendo com velocidade e com elegância. Tem 4 filhos, é diretor de uma porção de coisas, só usa meia preta depois das 8 horas da noite, discute (e conhece) assunto sério e não decora para uso externo meia dúzia de frases feitas, como o sr. Jorgito Pacheco Chaves. Num esboço sobre a vida do sr. Aluizio Salles, não fica bem esquecer que já foi classificado como um dos maiores bailarinos do mundo. E nas noites longas (do antigo Vogue ou do moderno Sacha's) Aluizio se entusiasma, esquece da idade e dá um «show» de dança. Já foi várias vezes classificado como elegante, e este ano voltou a figurar na lista do sr. Ibrahim Sued. Tem poucos ternos, vai ao Sacha's de roupa branca, o que, mais de uma vez, tem causado arrepios de horror no sr. Jorgito Pacheco Chaves. Não vai a praia quase nunca, foi o único dos rapazes brasileiros que casou com americana, e se mantém casado (e felicíssimo) até hoje. (Peggy, sua mulher, é realmente excepcional, e ainda não figurou nesta lista de personagens pela razão muito simples de ainda não termos completado a nossa lista de adjetivos elogiosos.) Aluizio é um dos frequentadores mais assíduos do Jôquei Clube (sede), já foi citado por Gilberto Amado, mas continua o mesmo Aluizio de sempre: calmo, simpático, inteligente, agradável, e com uma auto-crítica sempre em estado de alerta, o que evita inclusive que cometa os absurdos e as palhaçadas do sr. Jorgito Pacheco Chaves.

ÚLTIMO FLASH



JK À SOMBRA DOS CANHÕES

● Consolidado o poder civil, amainada a crise militar, o sr. Juscelino governa. E o que há 1 ano atrás parecia impossível, aconteceu: o Presidente viajou no Barroso, recebeu as homenagens e as continências da Marinha gloriosa de Tamandaré, embora dois ou 3 representantes de Marinha de Pena Boto, tivessem ensaiado uma resistência. E na foto, à sombra dos canhões do Barroso, JK descansa e conversa.

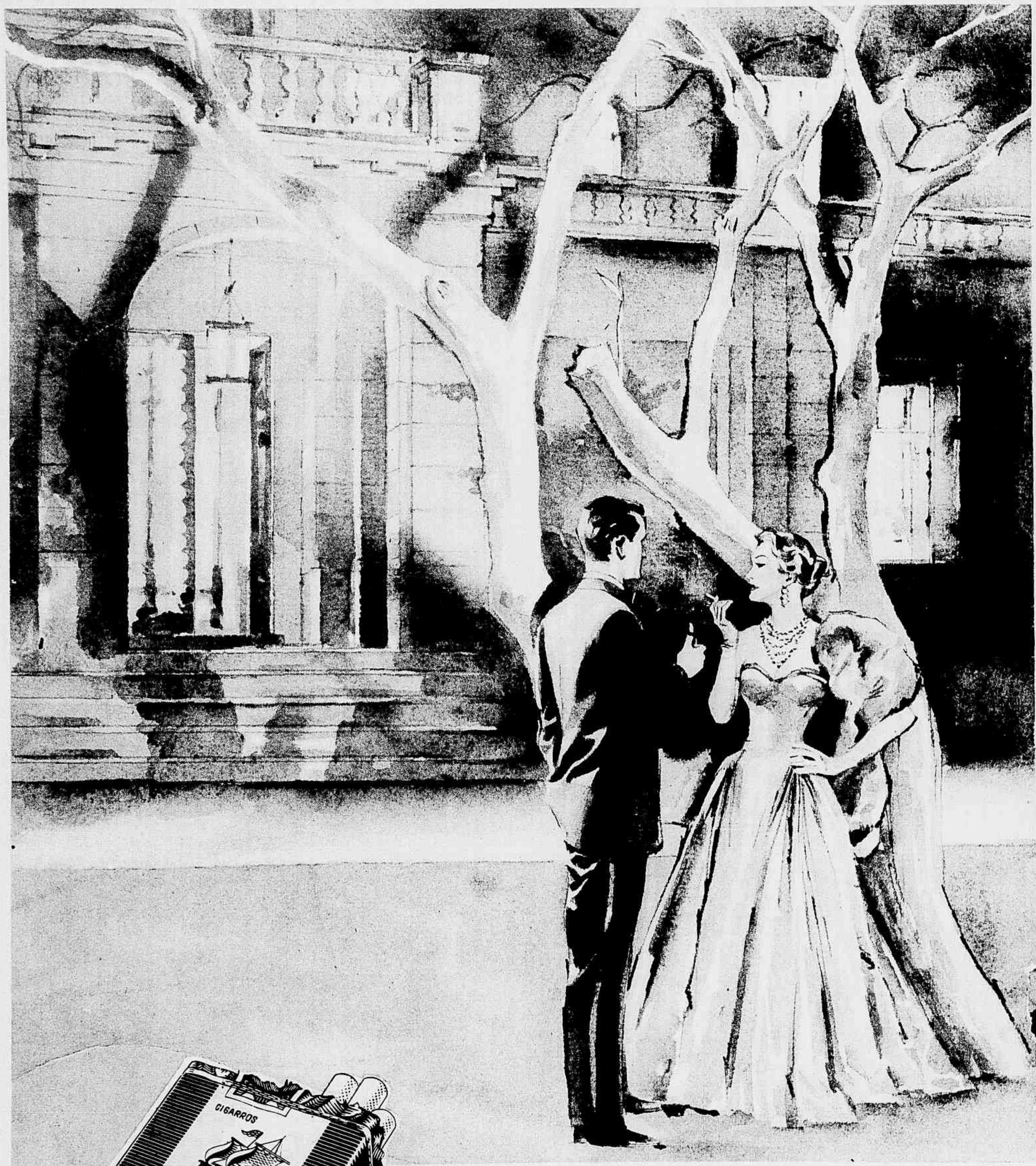
A FIGURA EM FOCO

MEU
DEZ



MAURÍCIO DE MEDEIROS

Mestre Maurício é bem calmo.
Se é ministro da Saúde
Não reza a Deus e ao Diabo,
Pra ver do «amigo» o ataúde...



...e o cigarro é **Columbia**

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ